



Juliana dos Santos Ferreira

**CONCEPTUALIZAÇÃO DO TERMO “BANDIDO”
NO RIO DE JANEIRO: um estudo da língua em uso**

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos da Linguagem da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor na respectiva área de conhecimento.

Orientadora: Profa. Dra. Margarida Maria de Paula Basílio.

Rio de Janeiro
Setembro de 2016



Juliana dos Santos Ferreira

**Conceptualização do termo “bandido”
no Rio de Janeiro: um estudo da língua em uso**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos da Linguagem da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Margarida Maria de Paula Basílio

Orientadora

Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Helena Franco Martins

Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Maria das Graças Dias Pereira

Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Lilian Vieira Ferrari

UFRJ

Profa. Maria Lucia Leitão de Almeida

UFRJ

Profa. Monah Winograd

Coordenadora Setorial do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 26 de setembro de 2016.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Juliana dos Santos Ferreira

Graduou-se em Letras Português/Inglês pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Teófilo Otoni, MG. É mestre em Linguística pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Uerj. Possui vasta experiência no ensino de Língua Portuguesa como língua materna e também como segunda língua para estrangeiros.

Ficha Catalográfica

Ferreira, Juliana dos Santos

Conceptualização do termo bandido no Rio de Janeiro: um estudo da língua em uso / Juliana dos Santos Ferreira; orientadora: Margarida Maria de Paula Basílio. – 2016.

141 f. : il. color ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2016.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Léxico. 3. Língua em uso. 4. Bandido. 5. Gramática cognitiva. 6. Conceptualização. I. Basílio, Margarida Maria de Paula. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 400

Para Antônio Carlos Luz Costa

Agradecimentos

Agradeço à minha orientadora Margarida Basílio por tudo.

Aos professores e colegas do curso de Pós-graduação em Letras da Puc-Rio, da UERJ e da UFRJ, pelas discussões e pelo conhecimento compartilhado.

À Chiquinha e a toda equipe da PUC-Rio.

Aos meus queridos familiares, especialmente, a minha mãe Telma Luiza e a minha irmã Gabrielle Ferreira.

Aos meus amigos, especialmente, Naira Veloso, Ana Paula Ferreira, Thays Hungria, Luciano Matricardi, Márcia Serrano, pelo incentivo.

A Thiago Muniz, pela paciência e por todo apoio prestado na elaboração deste trabalho.

Agradeço aos meus médicos Doutor Sérgio Teixeira e Doutor Jameson, sem eles não poderia ter continuado .

À Pai Joaquim Toco e a Zambi.

Resumo

Ferreira, Juliana dos Santos. **A conceptualização do termo bandido no Rio de Janeiro**: um estudo da língua em uso. Rio de Janeiro, 2016. 141f. Tese de Doutorado - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O objeto de estudo desta tese é o processo de conceptualização e de representação linguística do que denominamos como “agentes criminais”, ou simplesmente como “bandidos”, numa abordagem cognitivista da linguagem. A tese se baseia na proposta teórica da Gramática Cognitiva de R. Langacker, em especial no que tange à relação entre significado linguístico e enciclopédico, ao contínuo léxico/gramática e às operações de conceptualização, para evidenciar a maneira através da qual se conceptualiza *bandido* em textos de jornais e em falas de cariocas de classes socioeconomicamente distintas. A pesquisa investiga se os processos de conceptualização podem ser aplicados na explicação do conceito cognitivo de *bandido* em situações de língua em uso; se há semelhanças e diferenças entre os termos que referenciam o sujeito criminal e se a modalidade e a situação socioeconômica dos falantes são relevantes para a conceptualização dos agentes criminais; e se há descompasso entre os conceitos institucionalizados de “bandido” presentes em definições de dicionários, em textos jornalísticos e nos conceitos de sujeito criminal presentes em falas que refletem diferentes circunstâncias socioeconômicas. A pesquisa é de ordem qualitativa. Pretende-se mostrar que a Gramática Cognitiva, aliada a uma metodologia que contempla a língua em uso, pode fornecer evidências sobre a matriz conceptual ou sobre um conjunto de domínios cognitivos que baseiam o conceito de *bandido* e que formam uma complexa teia de significados quando o termo é usado. Os resultados da análise apontam para a reiteração de certos *perfis do agente criminal* salientes na língua, sendo alguns mais recorrentes que outros. O conceito institucional de bandido é confirmado nos textos de jornais e nas falas, embora haja outras possibilidades de conceptualizá-lo. As diferenças entre os conceitos acionados pelos falantes de classes sociais distintas são bastante sutis, ao passo que nos jornais a presença de estereótipos é bem mais frequente que nas falas. Os resultados do trabalho apontam para a relevância da análise da língua em uso em

confronto com conceitos institucionalizados em dicionários para uma análise mais abrangente do significado lexical.

Palavras-chave

Léxico. Língua em Uso. Bandido. Gramática Cognitiva. Conceptualização.

Abstract

Ferreira, Juliana dos Santos. **Conceptualization of the word “bandido” in Rio de Janeiro**: a study of language use. Rio de Janeiro, 2016. 141f. Thesis - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The theme of this work is the process of conceptualization and linguistic representation of what we consider as criminal agents, and, more specifically, “bandidos”, under a cognitive approach to the study of language. The dissertation is based on the theoretical proposal of Langacker’s Cognitive Grammar, and, more particularly, in what concerns the relation between encyclopaedic and linguistic knowledge, the lexicon/grammar continuum and conceptualization operations, in order to bring evidence to the processes of conceptualization of “bandido” in paper’s texts and in the speech of cariocans in different socioeconomic levels. The work is concerned with the extent to which (a) conceptualization processes can be applied in the explanation of the concept of “bandido” in the use of language; (b) there are differences and similarities in the terms used to refer to the criminal agent; (c) the modality and the socioeconomic situation of speakers are relevant for the conceptualization of criminal agents; and (d) the institutionalized concepts of “bandido” in dictionaries, journalistic texts and in the speech diverge in a relevant way. The research is based on a qualitative approach. Its main goal is to show that Cognitive Grammar, together with a qualitative analysis of language use, can provide information pertaining to the conceptual matrix and to a set of cognitive domains that are the basis for the concept of “bandido” and form a complex frame of meanings when this word is used. The results of the analysis point to the entrenchment of some more salient profiles for the criminal agent in Portuguese language, some of them being more frequent than others. The institutional concept of “bandido” is confirmed in paper’s texts and in speech, even though some other possibilities of conceptualization do exist. The differences between the concepts activated by speakers of different socioeconomic classes are very subtle. In journals, the stereotypes are more frequent than in speech. The results of the work show the relevance of the analysis of language use in contrast with institutionalized concepts presented by dictionaries for a more complete account of lexical meaning.

Keywords

Lexicon. Language use. “Bandido” (gangster). Cognitive Grammar. Conceptualization.

Sumário

1 Introdução geral	13
1.1 Considerações preliminares	13
1.2 O item lexical “bandido” nos dicionários	15
1.3 O sujeito criminal e o código penal	17
1.4 Uma visão sociológica do sujeito criminal	20
1.5 Questões básicas e organização do trabalho	21
2 Pressupostos teóricos e metodologia	23
2.1 A proposta de Langacker	24
2.2 Concepção de língua	25
2.3 O contínuo léxico/gramática	27
2.4 O significado linguístico e o significado enciclopédico	30
2.5 A noção de conceptualização	35
2.6 As operações de conceptualização	37
2.7 Aspectos metodológicos	53
3 Análise cognitivista sobre os conceitos de “bandido”	57
3.1. Apresentação do <i>corpus</i> : as notícias na modalidade escrita e as entrevistas na modalidade oral	61
3.2 As experiências individuais e a experiência partilhada na construção do conceito de “bandido”	66
3.3 Os principais domínios acionados e a matriz conceptual do agente criminal	69
3.4 Foco e perspectiva: as prováveis cenas em que o agente criminal atua	88
3.5 Especificidade e proeminência: os perfis utilizados para agentes criminais e suas relações metonímicas	100
3.6 Extensões metafóricas na conceptualização do agente criminal	109
3.7 Semelhanças e diferenças entre “bandido” e “criminoso” e outros agentes criminais	118
3.8 A reiteração dos estereótipos por meio de esquemas e modelos enraizados na conceituação de “bandido”	126
4 Considerações finais	129
5 Referências bibliográficas	138

*“Eu fui fazer um samba em homenagem
À nata da malandragem
Que conheço de outros carnavais
Eu fui à Lapa e perdi a viagem
Que aquela tal malandragem
Não existe mais
Agora já não é normal
O que dá de malandro regular, profissional
Malandro com aparato de malandro oficial
Malandro candidato a malandro federal
Malandro com retrato na coluna social
Malandro com contrato, com gravata e capital
Que nunca se dá mal.”*

Chico Buarque, *Homenagem ao Malandro*

1

Introdução geral

O objeto de estudo desta tese é o processo de significação, ou em termos cognitivos, o processo de conceptualização e representação linguística do que denominamos como a categoria dos “agentes criminais”, dos “sujeitos criminais” ou simplesmente dos “bandidos”, numa abordagem cognitivista da linguagem.

1.1

Considerações preliminares

O questionamento sobre o que é o significado de um termo específico tal como *bandido* e a forma através da qual este significado é representado implica uma investigação geral e emblemática que já desencadeou muitos embates acadêmicos e transcende o escopo da Linguística. A discussão e as teorias sobre o significado das coisas e das palavras e a “procura” pelo sentido geral dos conceitos, pela verdade e pelas essências fixas são perguntas já feitas e refeitas por diversos pensadores: Platão, Aristóteles, Locke, Hume, Kant, Nietzsche, Frege, Wittgenstein, entre outros.

Conforme pontua Martins (2009), há pelo menos três ângulos filosóficos através dos quais experienciamos a linguagem, sendo o primeiro por meio da identificação de parcelas da realidade, o segundo através de acontecimentos mentais compartilhados entre falantes e ouvintes e o último por meio da utilização das práticas e costumes de uma comunidade linguística, histórica e culturalmente situada. Isso resulta respectivamente em três paradigmas: o realista, o mentalista e o pragmático e em pelo menos uma questão fundamental que envolve o significado: a dicotomia entre o essencial e o relativo.

Baseando-se principalmente em alguns autores, tais como Lakoff e Johnson (1986), Ferrari (2001) também ocasiona uma reflexão filosófica sobre as concepções que circundam o estudo cognitivo da linguagem, valendo-se da tese da corporificação com uma resposta às dicotomias empirismo-racionalismo e reducionismo-relativismo.

Segundo a tese da corporificação da mente e a hipótese sociocognitiva, o significado não poderia ser algo pautado na relação cartesiana entre mente e

corpo, mas algo associado, apreendido a partir da experiência do sujeito, que integra mente, corpo e meio.

O conceito de bandido, assim como outros conceitos complexos seria uma espécie de resultado organizado das práticas sociais e discursivas assimiladas e acessadas por meio de processos cognitivos de estruturação de conhecimento. O que há então no estudo cognitivo do conceito de bandido é a defesa de um ponto de vista diferente daquele que privilegia a representação das ações sociais em si e dos discursos que podem estar presentes, ou outros elementos que possam interferir no significado de bandido, mas a representação dos processos cognitivos que permitem que a experiência com o termo possa ser assimilada por um indivíduo quando o conceito de sujeito criminal é acessado.

Portanto, o que defendemos com relação ao processo de significação de *bandido* na perspectiva cognitivista é que a cognição e a própria linguagem são elementos que reúnem e estruturam as práticas sociais, a experiência de mundo do falante, incluindo a sua competência discursiva. Por isso nos referimos à significação como um processo de conceptualização, nos termos de Langacker.

Em termos de cognição e do uso linguístico, o indivíduo organiza a experiência, transformando-a em conhecimento, em repertório, em construtos sociocognitivos, em conceitos, em modelos mentais acessados, ou seja, em domínios do conhecimento, segundo a literatura de Langacker. Nesse sentido, este estudo sumariza a cognição como capaz de assimilar os elementos discursivos e as práticas sociais de forma contextualizada e configura esta capacidade manifestada de forma individual e coletiva, justificando, assim, um estudo que engloba a instância cognitiva, linguística e social do processo de significação.

As práticas sociais são infinitas, pois são todas as situações que o indivíduo tem acesso em sua experiência enquanto ser histórico e social. Nesse sentido, o sujeito-leitor-escrevedor-ouvinte-falante abordado é referido como um ator social reflexivo que pode reiterar ou não o conceito de bandido presente no mundo institucional, nos jornais ou em outras falas. Dessa forma, investigamos o conceito lúdico de bandido, na modalidade escrita, onde consideramos a definição de bandido presente nos verbetes de dicionários, nas notícias de jornais e em falas de informantes socioeconomicamente distintos que respondem a perguntas diretas e indiretas sobre o conceito de bandido. Nesses contextos, segue a nossa pergunta norteadora: em que consistiria o processo de conceptualização de bandido?

Esta tese é produto de um estudo qualitativo e comparativo que investiga se e até que ponto existe um descompasso entre os conceitos institucionalizados de “bandido” presentes em definições de dicionários, em textos jornalísticos e os conceitos de sujeito criminal presente em falas que refletem diferentes circunstâncias, dentre as quais se inclui a própria identidade socioeconômica do falante/ouvinte.

Propomos como objetivo principal a descrição do processo de significação enquanto ação cognitiva e a representação linguística de “bandido”, comparando as diferentes concepções que incidem sobre os sujeitos criminais, a partir do levantamento de dados que remetem ao ponto de vista de dois jornais bem conhecidos na cidade do Rio de Janeiro: *O globo* e *Expresso* e ao ponto de vista dos falantes cariocas entrevistados entre os anos 2014 e 2015.

Para apresentarmos o conceito de bandido no mundo institucional, investigamos fontes que legitimam o conceito de bandido socialmente. Recorremos aos dicionários: Houaiss, Aurélio e Novíssimo Aulete. Optamos pelo dicionário, por ser uma ferramenta ainda utilizada quando as pessoas desejam conhecer ou conferir a ortografia e/ou o significado de um vocábulo de forma geral, ao Código Penal, por leis e a uma autoridade no assunto Criminalidade Urbana, o especialista Michel Misse.

1.2

O item lexical “bandido” nos dicionários

O núcleo desta seção é o tratamento atual do termo em dicionários. Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, da Academia de Ciências de Lisboa, bandido “significa pessoa que anda fugida à perseguição da justiça, vivendo do roubo e da prática de outros atos socialmente condenáveis, geralmente em conjunto com outras pessoas que utilizam as mesmas práticas”. Seria equivalente ao facínora, ao malfeitor, ao salteador. É uma pessoa de maus sentimentos, sem escrúpulos, sem caráter. Ainda segundo o Dicionário da Língua

Portuguesa, *bandido* provém do italiano *bandito*¹, que significa aquele que foi proscrito, o qual possui raiz etimológica na forma latina *bannire*.

Com base nas ocorrências que datam o ano de 1.575 d.C., de acordo com o dicionário Houaiss (2009), *bandido* confirma sua raiz no italiano *bandito*, proveniente do verbo latino *bandire*, que significa banir, exilar. Na organização mórfica da palavra *bandido*, a partícula *-ido* equivale à desinência indicadora de particípio passado do italiano, *-ito*, para verbos que terminam em *-ire*.

Em 1.364 d.C., já havia registro dos primeiros casos do elemento mórfico *band-* em palavras do português europeu. Segundo Houaiss (2008), o significado do morfema nessas ocorrências é “pôr em tiras, em bandas, separar”, formando palavras tais como *bandagem*, *bandola* e *bandoleiro*. Em 1.496 d. C., há ocorrências do elemento mórfico *band-* na palavra *bando*, que significa “margem, lado”, ocasionando a formação e registro posterior de outras palavras: *abandar* “reunir em bando”, *banda* “grupo ou facção”, *bandear*, *bandeja*, *contrabandear*, *contrabando*, *debandar* e *bandido*. *Bandido* (substantivo masculino), de acordo com o dicionário Houaiss (2009) é aquele que “pratica atividades criminosas”; “pessoa com sentimentos ruins”. Em uma derivação por extensão de sentido, *bandido* (adjetivo) pode ser utilizado para caracterizar o que é “relativo a bandido, a banditismo; o que faz sofrer, cruel, infeliz.” Também por extensão de sentido, o adjetivo *bandido* qualifica algo que possua alguma característica que pode ser atribuída a ele, como por exemplo: “saudade bandida” e “amor bandido”.

Os coletivos apresentados pelo dicionário que se referem a *bandido* são dentre outros: *alcateia*, *bandidagem*, *bando*, *caterva*, *corja*, *quadrilha*, etc. Como sinônimos de *bandido*, o dicionário apresenta os verbetes: *bandoleiro*, *criminoso*, *larápio*, *malfeitor*, *salteador*, dentre outros.

Também segundo o dicionário Aurélio (2004)², como substantivo masculino, *bandido* é o salteador, o malfeitor, o facínora, o bandoleiro. O dicionário afirma que *bandido* qualifica uma pessoa sem caráter e de maus sentimentos, é aquilo que é próprio de bandido, ou que encerra banditismo. No sentido figurado, *bandido* é o que é sem valor e sem valia, ou que encerra infelicidade ou crueldade. Enquanto gíria, o dicionário apresenta dois exemplos.

¹ Os dicionários Houaiss, Aulete e Aurélio também são unânimes em ressaltar que *bandido* possui sua base etimológica na palavra italiana “*bandito*”.

² A referência do dicionário Aurélio se encontra nas Referências Bibliográficas como Ferreira, 2004.

O primeiro é "jogar de bandido" que seria agir, conscientemente ou não, contra (si ou outrem, ou algum empreendimento). O segundo exemplo é "trabalhar de bandido", expressão que significa agir ou tramar contra uma pessoa ou contra um empreendimento.

Do mesmo modo, segundo o dicionário Aulete (2011), *bandido* (substantivo masculino) é a pessoa que comete crimes; é o delinquente, o facínora, o marginal, o mau-caráter, o patife, o pilantra. É o que se diz da pessoa banida, desterrada. No sentido figurado, é utilizado onde há transgressão, aviltamento, perversidade, que provoca desprazer, sofrimento, como no exemplo, paixão bandida. Há dois exemplos para o uso da palavra *bandido* enquanto gíria nas seguintes expressões: *agir de bandido* e *trabalhar de bandido*, que são descritas com o mesmo significado, como expressões sinônimas: agir intencionalmente ou não de modo a prejudicar ou arruinar alguém, alguma tarefa, algum projeto, etc.

Em todos os conceitos apresentados, a partir dos dicionários, observa-se o reconhecimento de *bandido* enquanto um substantivo masculino, cujo significado é literal e *bandido* enquanto adjetivo, no qual o significado tende a ser mais metafórico ou figurado. No caso de *bandido*, do ponto de vista literal, os dicionários optaram pela definição por sinonímia, listando uma série de verbetes que podem ser associados ao conceito de BANDIDO. No caso de *bandido*, em termos gerais, as principais características apresentadas questionam: a idoneidade, a índole, o dano iminente e o lugar social que o sujeito ocupa. Dessa forma, dizem respeito à ausência de caráter, à crueldade, à insegurança, e por último, questionam o lugar social do bandido, colocando-o como alguém banido, tal como remete a sua raiz etimológica.

1.3

O sujeito criminal e o código penal

Já que BANDIDO está relacionado de alguma maneira ao domínio relativo a CRIME, proporcionamos a exemplificação do sujeito criminal segundo o Código Penal, que também é um elemento legítimo quanto à descrição dos crimes e suas consequências sobre o sujeito desviante.

Segundo o art. 1º do Código Penal Brasileiro, não há crime sem lei anterior que o defina. Não há pena sem prévia combinação legal. Através desse princípio, o indivíduo só pode ser punido se houver leis anteriores ao seu delito. Esse princípio também exclui qualquer possibilidade de haver outra fonte legislativa autorizada a punir. Dessa forma, o princípio da reserva legal não admite exceções para a sua aplicação, resguardando ao cidadão o direito de conhecer as leis, com antecedência, e saber o que não é lícito.

Entende-se por crime material ou substancial quando há conduta danosa com consequências sociais. Nesses termos, crime é o “comportamento humano que, a juízo do legislador, contrasta com os fins do Estado e exige como sanção uma pena” (ANTOLISEI, 1994). Do ponto de vista clássico, crime é todo fato humano proibido pela lei penal. Finalmente, considera-se crime um comportamento humano, uma ação que provoca lesão e ameaça ao que é protegido pelas normas do Código Penal. A própria definição de ação é intrinsecamente pertinente ao conceito de crime. Segundo Jesus (1995) “conduta é a ação ou omissão humana consciente e dirigida à determinada finalidade”. Portanto, o fazer e o não fazer pertencem ambos ao escopo da ação humana, amparada em leis de conduta.

Por se tratar de uma prescrição que ocorre anterior ao fato cometido e até mesmo anterior à identificação do sujeito, a noção de sujeito criminal de acordo com o Código Penal se baseia totalmente na concepção de crime. Portanto, o que faremos inicialmente é detalhar em que consiste a definição de crime de acordo com o Código Penal, ou seja, indicar quais elementos são importantes para sua conceptualização. Os elementos que abordaremos são: tipos de crime, tempo, espaço, lugar do crime, e os elementos do fato típico, tais como conduta, resultado, nexos causal e tipicidade. Após demonstrarmos esses elementos, partiremos para a maneira através da qual o sujeito é definido como ativo ou passivo com relação ao crime.

Os crimes podem ser dolosos ou culposos. Crime doloso é quando o agente possui a intenção de causar o dano. Crime culposos é quando o agente não possui a intenção de causar o dano, mas o causa. Além desses dois, há ainda o preterdoloso, quando o resultado do crime é bem mais grave do que o agente pretendia. Há ainda outras formas de classificarmos os crimes que podem ser em comissivo e omissivo. O primeiro é quando o agente age de forma a provocar um

resultado ilícito. Já o crime omissivo é a ausência de uma ação que culmina num resultado ilícito, como por exemplo, a omissão de socorro.

A questão do **tempo** consiste no fato de ninguém ser punido com base em uma lei posterior ao delito cometido. E mesmo que haja uma lei temporária ou excepcional, ela vale apenas durante a sua vigência. Portanto, o tempo relativo ao crime é quando ocorre a ação, ainda que os resultados da ação sejam bem posteriores.

Com relação ao **espaço**, a vigência da lei penal diz respeito à territorialidade brasileira, considerando-se como extensão do território brasileiro aeronaves e embarcações brasileiras de propriedade pública ou privada, que se encontrem no espaço aéreo ou em alto-mar. Ainda referente ao espaço, considera-se como **lugar do crime** o local em que foi praticada a ação criminosa e/ou ocorreu seu resultado.

Conduta, resultado, nexo causal e tipicidade são elementos do fato típico. Para explicar o fato típico tomemos como exemplo a seguinte situação prevista no Art. 121 do Código Penal, homicídio simples, matar alguém. Em uma determinada situação X em que A dispara uma arma de fogo contra B na intenção de matar, tem como resultado a morte de B. Nesse caso, A praticou um crime doloso, pois teve intenção de matar. Esse episódio imaginário se encaixa perfeitamente no que está previsto no art. 121, pois possui o elemento **tipicidade**. Podemos afirmar que A foi o agente causador e a morte de B foi o **resultado**. Chamamos a relação entre o sujeito e o resultado de sua ação como **nexo causal**. Por último, consideramos **conduta** a ação de A que resulta em um fato ilícito.

No Código Penal, o sujeito criminal possui duas condições principais: a primeira é de sujeito ativo e a segunda é de sujeito passivo. De forma geral, sujeito ativo é quem realiza ou fornece apoio à ação infratora, com idade igual ou acima de 18 anos, agindo sozinho ou em grupo. Considera-se sujeito passivo a pessoa ou ente que sofre as ações consequentes da infração penal, ou seja, são as vítimas. Por se tratar de um sujeito não localizado socialmente não há a ocorrência de termos ou nomenclaturas que o especificam. Portanto, não há a utilização dos perfis relativos a BANDIDO, apenas os perfis esquemáticos.

1.4

Uma visão sociológica do sujeito criminal

Do ponto de vista sociológico, de acordo com Michel Misse (2010), o sujeito criminal é produzido através da interpelação da polícia, da moralidade pública e das leis penais. Dessa forma, o sujeito criminal não seria qualquer sujeito que cometeu um crime de forma isolada, mas um sujeito cujo conjunto de atos e forma de vida desencadearia um julgamento por parte da sociedade de não ressocialização.

Nas palavras de Misse (2010, p.30), "o sujeito criminal seria um sujeito 'especial', aquele cuja morte ou desaparecimento podem ser amplamente desejados." Isso se reflete, por exemplo, nos rituais de degradação pública a que os criminosos foram submetidos nos meados dos anos 50 no Brasil, mesmo que as ações por si só não fossem suficientes para justificar tais atos de crueldade.

Outro exemplo foi a formação de grupos de extermínio, punindo um crime com outros crimes e a formação de esquadrões da morte, que só foram possíveis porque havia um ambiente que permitia e legitimava esse tipo de prática. Além disso, o mercado de trabalho informal com o jogo do bicho e tráfico de drogas prosperou e passou a ser visto como atividade lucrativa, desencadeando quadrilhas e brigas por território.

A territorialização da sujeição criminal no subúrbio acabou mesclando quem era morador e quem era traficante. Por isso, a favela se tornou um local propício à formação de sujeitos criminais em potencial, trazendo esses traços em crianças e em adolescentes que ali nasciam. Todas essas questões chegam ao seguinte denominador. Houve um processo histórico de acumulação social da violência, desencadeando um processo de sujeição criminal³.

³ É importante frisar que a sujeição criminal é o resultado, numa categoria social de indivíduos, de um processo social de constituição de subjetividades, identidades e subculturas do qual participam como fatores: 1) designações sociais que produzem uma específica "exclusão criminal" (através de acusações e incriminações) de agentes que caem na classificação social do que seja delito (crime ou contravenção); 2) atribuições ao agente (baseada na crença de que sua trajetória confirma, nesse caso, regras sociais de experiência) de uma tendência a praticar crimes, isto é, de seguir um curso de ação incriminável, geralmente com a expectativa de que esse curso de ação venha a ter (ou já tenha) regularidade; 3) auto representações, no agente, ou representações nos seus familiares, ou mesmo nos seus grupos de referência ou na comunidade em que vive, que ora demandam ou tentam "justificar" ou "explicar" suas práticas e escolhas individuais, ora as atribuem à sua singularidade ou concluem pela impossibilidade dessa justificação (Misse, 2010).

A sujeição criminal "não pode ser compreendida exclusivamente apenas no plano da interação contextual e do desempenho de papéis sociais [...]". O que Misse (2010) defende é que há uma afinidade entre determinadas práticas criminais, aquelas que desencadeiam um sentimento de insegurança na vida das pessoas e certos "tipos sociais", agentes demarcados (e acusados) socialmente pela pobreza, também pela cor e pelo estilo de vida. Esse seria o julgamento de valor da sociedade frente ao que seria o bandido ou o não bandido.

Dessa forma, o bandido não seria apenas aquele que cometeu um crime específico, pois ser bandido ou não ser bandido não está pautado apenas nas ações criminais em si, mas em um tipo característico de sujeito. Dessa forma, ainda segundo Misse (2010, p. 28): "a noção de bandido, [...] ganhou autonomia individualizante, passou a ser aplicada ao agente cuja sujeição criminal já está em curso ou que se considera consolidada." Sobre a diferença entre o bandido e o não-bandido, "a diferença é construída pela ênfase maior que se dá ao sujeito, no caso da sujeição criminal, com a expectativa social de que aquela transgressão não é subjetivamente ligada ao agente" (ao seu caráter, às suas origens, ao seu meio social, à sua biografia).

Em outras palavras, a diferença entre o bandido e o não bandido não é avaliada apenas pelo crime que um determinado agente criminal cometeu, mas sobretudo onde o sujeito mora, qual é a sua origem, como foi sua trajetória de vida, sua biografia, seu meio social, se é a primeira vez que o sujeito comete um crime ou não, se há reincidência e experiência carcerária.

1.5

Questões básicas e organização do trabalho

Dados todos esses conceitos de bandido, a conceptualização do termo bandido para os falantes entrevistados reflete os conceitos de agente criminal oferecido pelo mundo institucional, pelos jornais e pelos dicionários?

Em última análise, a nossa pergunta de pesquisa desdobra-se da seguinte forma: a) Os processos de conceptualização podem ser aplicados na explicação do conceito cognitivo de BANDIDO em situações de língua em uso? b) Em que consistiria no nível linguístico-cognitivo as diferenças e semelhanças entre

bandido, criminoso e outros agentes criminais nas instâncias analisadas? c) A modalidade e a situação socioeconômica dos falantes entrevistados são relevantes para a conceptualização dos agentes criminais?

Para que seja possível responder a todas essas questões, a análise terá como base teórica a Linguística Cognitiva e a Gramática Cognitiva de Langacker (1987, 2008, 2012), já que este autor trabalhou em profundidade os aspectos inerentes e a maneira através da qual ocorre a conceptualização, reconhecendo a conexão entre significado linguístico e enciclopédico, o contínuo léxico/gramática e a concepção de língua em uso. A pesquisa é qualitativa, baseada em Flicke, (2009) e em Bauer & Gaskell (2013), mesclando o método introspectivo ao interpretar as definições de dicionários e o conceito de bandido no código penal, e nos jornais, com a análise e interpretação de dados obtidos a partir da língua em uso, onde os falantes/ouvintes são entrevistados conforme Gonzalez-Marquez et alii. (2006) e Bauer & Gaskell (2013).

A tese está dividida em 04 capítulos. No capítulo 2, apresentamos os pressupostos teóricos e a metodologia. O capítulo 3 tem o objetivo de apresentar a análise dos dados. No capítulo 4 fazemos as considerações finais.

2

Pressupostos teóricos e metodologia

O objetivo principal deste capítulo é apresentar os pressupostos teóricos e a metodologia em que se baseia este trabalho, mais precisamente, é apresentar os aspectos teórico-metodológicos pertinentes para a elaboração da proposta de análise do conceito de bandido, ancorada em duas modalidades de língua em uso: a escrita e a falada.

A Linguística Cognitiva, enquanto perspectiva teórico-metodológica, que já explorou significativamente o método introspectivo, tem levado a sério cada vez mais metodologias onde a língua deve ser estudada do ponto de vista do uso e não através de análises de elementos linguísticos descontextualizados. Essa perspectiva metodológica voltada para o uso (*usage-based approach*) é interessante para a Linguística Cognitiva, porque possibilita conclusões sobre como o conhecimento lexical, gramatical e pragmático funcionam na mente do falante a partir da fala, da escrita e de outras modalidades da expressão humana, tais como sons e gestos, por exemplo. Estudos dessa natureza lançam luzes não apenas sobre o funcionamento da linguagem de forma estanque, mas também sobre como esta se consolida enquanto um fato de cognição associado a outras formas de se conhecer o mundo.

Atualmente, nesse sentido, essa perspectiva teórica está em plena expansão, com estudos empíricos, laboratoriais, experimentais, tais como o rastreamento ocular e os aspectos neurobiológicos da linguagem. A Teoria avança também com os estudos que propõem interfaces entre a questão linguística e os aspectos psicológicos e comportamentais. Foram incorporados em alguns trabalhos aspectos discursivos e sociais, entre outros, que são capazes de utilizar a teoria cognitivista aliada a metodologias variadas e até inusitadas, conforme podemos verificar em Gonzalez-Marquez *et alii* (2006).

Por um lado admitimos uma forte tendência atual em Linguística Cognitiva em elaborar estudos que lidam com *corpora* gigantescos e que se aliam a metodologias que contemplam análises quantitativas. Por outro, é fundamental defender a importância de estudos que reflitam sobre os dados, explorando a sua qualidade. É nesse contexto teórico-metodológico que adotamos a Gramática Cognitiva para comparar qualitativamente a construção do significado analisado a

partir de duas modalidades distintas de língua em uso: a escrita e a falada, dando ênfase à qualidade das informações, mais que à quantidade das fontes de evidências.

2.1

A proposta de Langacker

Além de ser um dos fundadores da Linguística Cognitiva, Langacker vem defendendo a sua teoria sobre o funcionamento da linguagem há cerca de quatro décadas. As suas ideias sobre fundamentos teóricos que descrevem a natureza cognitiva da gramática deram origem a publicações extremamente relevantes para a consolidação da Linguística Cognitiva enquanto perspectiva teórica.

Os fundamentos teóricos da Gramática Cognitiva de Langacker foram publicados de forma detalhada (e com essa nomenclatura) em dois volumes denominados *Fundamentos em Gramática Cognitiva 1 e 2 (Foundations in Cognitive Grammar⁴)*, a primeira delas trata de questões mais teóricas e a segunda de questões mais descritivas. Reuniu sob o título *Conceito, Imagem, e Símbolo (Concept, Image, and Symbol: the basis of cognitive grammar)*⁵ uma série de artigos seminais com algumas alterações de cunho formal e bibliográfico, mas com pouca mudança de conteúdo. *Conceito* diz respeito à evocação do significado a partir de pistas linguísticas; *símbolo* se refere ao caráter simbólico da gramática; e *imagem* se refere à representatividade esquemática e imagética que implica a construção do significado. Nesse compilado, há grande menção ao processo de conceptualização sempre colocado pelo autor de forma marcada como um processo geral de significação, permitindo muitas vezes a permuta entre o conceito de *conceptualização (conceptualization)* e o de *significação (meaning)*.

Em publicações mais recentes, Langacker mantém essencialmente a mesma proposta teórica, havendo, no entanto, maior abrangência e alterações de detalhes, a citar, por exemplo, “*Fundamentos Essenciais em Gramática Cognitiva*”

⁴ Langacker (1987) e Langacker (1991).

⁵ Langacker (1990).

(*Essentials in Cognitive Grammar*)⁶ e “*Investigações em Gramática Cognitiva*” (*Investigations in Cognitive Grammar*)⁷.

Dentre a bibliografia revisitada, não houve mudanças substanciais sobre a teoria langackeriana, se considerarmos a natureza dos processos cognitivos que ele propõe ao demonstrar em que consiste a construção do significado. Também não há mudança sobre os fundamentos essenciais dos seus pressupostos teóricos, considerando a revisão das obras citadas. A Gramática Cognitiva é, portanto, o expoente de sua contribuição teórica na Linguística Cognitiva.

As ideias defendidas pelo autor na Gramática Cognitiva de forma geral, que tomamos como premissas teóricas para a tese consistem em: a) a proposta do *continuum* léxico-gramática, na qual o léxico não poderia ser algo analisado de forma independente; b) a relação indissociável entre conhecimento linguístico e conhecimento enciclopédico e c) o conceito de conceptualização (*conceptualization*) e suas operações cognitivas.

Abordaremos cada um desses aspectos de forma detalhada. Assim, ficará claro o potencial da proposta de Langacker para a análise do tema central desta tese.

2.2 Concepção de língua

A concepção de língua e linguagem segundo a abordagem cognitiva de Langacker (1987, 1990, 1991, 2008, 2012) implica, do ponto de vista teórico-metodológico, pelo menos três proposições: a língua integrada à cognição, a língua como algo que pode ser representado e a língua como algo que só deve ser estudado em uso.

Entende-se por cognição o conjunto de processos que permitem o ser humano entender e interpretar o mundo ao seu redor. Nesse sentido, a língua é uma forma de cognição uma vez que possibilita que o ser humano categorize, organize, interprete e interaja com o ambiente em que está inserido. Sob o ponto de vista da semântica cognitiva experiencialista, a cognição não remete a um conjunto de processos isoladamente mentais ou neurais, mas inclui também o

⁶ Langacker (2008).

⁷ Langacker (2012).

aspecto cultural. Isso quer dizer que, tanto os aspectos mentais quanto culturais são imprescindíveis para a interpretação e categorização do mundo pelo falante/ouvinte. Nessa perspectiva, a língua e a linguagem como um fato de cognição também corroboram a permuta entre o que é individual e o que é cultural.

A Gramática Cognitiva de Langacker (2007) tem o objetivo de demonstrar e descrever quais e como os processos cognitivos estão imbricados na língua. Segundo o autor a gramática é simbólica, ou seja, a própria estrutura gramatical é passível de interpretação. Dessa maneira, a língua é considerada como uma representação simbólica construída pelos falantes/ouvintes. Então, como representar essas estruturas? Como descrevê-las e explicá-las?

Segundo Langacker (2007), as estruturas simbólicas são formadas por um polo fonológico e um polo semântico, variando em termos de grau de complexidade. Para apresentar a maneira como a língua e a linguagem podem ser representadas, Langacker propõe uma divisão na Gramática Cognitiva⁸. Na primeira parte expõe o que seria o conteúdo conceptual. Na segunda parte demonstra como o falante/ouvinte manipula, através das estruturas simbólicas, esse conteúdo conceptual. Tanto o conteúdo conceptual quanto a maneira como esse conteúdo é representado pelo falante/ouvinte constituem a concepção de língua para Langacker.

A língua não é algo que pode ser concebido de forma independente de outras instâncias do conhecimento humano, tais como o desenvolvimento perceptual, motor, neural, social e cultural. Também não é algo tão bem delimitado e estanque, principalmente, no que se refere ao uso e à sua relação com outras instâncias do conhecimento sociocultural do falante. Se o falante aprende a língua na sociedade, possui outras formas de conhecer o mundo, pois está inserido em uma cultura. Então, a língua possui uma natureza fundamentalmente sociocultural interligada a outras instâncias do conhecimento humano.

Segundo Langacker (2007), o sistema linguístico é adquirido social e culturalmente pelo falante e raramente irá corresponder de forma igual a outro sistema linguístico de outro falante. Isso significa que as pessoas adquirem sistemas linguísticos “diferentes”.

⁸ Cf. Langacker (2007).

Isso se reflete na categorização, concepção, conceitos e formas de falar que as pessoas possuem. Dificilmente dois sujeitos atribuirão a um determinado item lexical um significado totalmente igual. Então, o que Langacker defende é que cada indivíduo aprende e domina um idioleto. Ao conjunto de convenções arbitrárias que o linguista reúne e descreve, denomina dialeto. E, para língua, considera uma convenção que há entre centenas, talvez milhares de seres humanos que se comunicam de forma semelhante.

Quando há a comunicação entre dois sujeitos que possuem sistemas semelhantes não haverá problema na comunicação e as diferenças tampouco serão percebidas. Portanto, segundo o autor, conhecer uma língua é uma questão de controlar o vasto repertório de habilidades usadas de forma coletiva para conversar em contextos socioculturais. Em última análise, a aquisição da língua não é nunca feita por completo. Ela é vista como um processo que sofre modificações, adaptações e retificações no decorrer do uso.

2.3

O contínuo léxico/gramática

A noção do contínuo léxico/gramática é uma premissa basilar da Linguística Cognitiva, consolidada a partir de diversas propostas de descrição gramatical do ponto de vista cognitivista. A Gramática de Construções de Adele Goldberg, o modelo baseado na Teoria dos Espaços Mentais de Fauconnier assim como a Gramática Cognitiva de Langacker, doravante GC, além de considerarem a não modularidade da linguagem e as estruturas linguísticas como simbólicas são unânimes em postular o contínuo léxico/gramática.

A noção de léxico para Langacker é a de um conjunto de itens ou unidades cognitivas específicas, que, através de um sistema dinâmico, agrupam ou reúnem temporariamente o conhecimento adquirido pelo falante/ouvinte em diversas situações de experiência que podem ser representadas através de estruturas simbólicas.

A gramática também é considerada como um conjunto de estruturas simbólicas ou como “um inventário estruturado de unidades simbólicas”. Portanto, a ideia que se tem da gramática de uma sentença é toda essa sentença.

Toda a sentença é considerada uma estrutura simbólica. São estruturas simbólicas tanto uma unidade cognitiva atômica, representada por um morfema, ou por uma palavra, quanto uma frase que contenha sujeito, verbo e complemento.

Segundo Langacker (2008, p. 01), a sintaxe é colocada como um nível de descrição dos fenômenos linguísticos que se manifesta de forma mais ou menos autônoma. Mais autônoma no que se refere ao conjunto irreduzível de regras que podem ser e/ou são descritas pelos linguistas. Menos autônoma quando se refere a sua autonomia para explicar o fenômeno da linguagem que depende, por exemplo, da instância semântica, estabelecendo o que o autor denomina **autonomia fraca** e **autonomia forte**. A reavaliação acerca da autonomia da sintaxe com relação ao léxico é uma das diferenças mais salientes que há entre as propostas formais e a Cognitivista.

Langacker argumenta que léxico e gramática podem ser ambos definidos como estruturas simbólicas integradas (*assembleis of symbolic structures*), que residem entre o polo semântico e fonológico. Nesse sentido, a gramática não se distingue apenas da semântica e da fonologia, mas as incorpora como seus polos essenciais. Podemos ilustrar a formação das estruturas simbólicas a partir da seguinte figura.

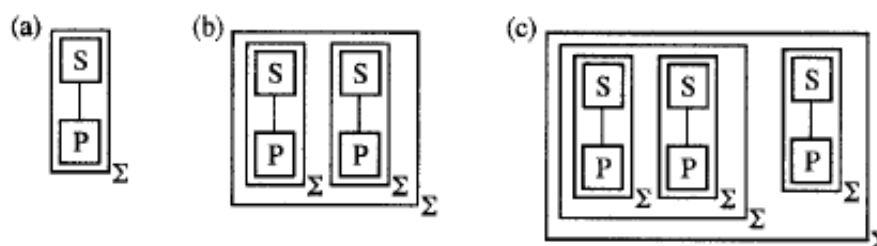


Figura 1 – Estruturas simbólicas (Langacker, 2008).

Nesta figura, Langacker (2008, p. 15), P representa o polo fonológico, S representa a estrutura semântica, e Σ representa a estrutura simbólica. A primeira estrutura simbólica em (a) pode ser representada através de uma palavra, tal como *Brasil* [BRAZIL]/[brazil]], onde há a junção entre o polo fonológico e o semântico. Em (b), há a combinação de duas estruturas simbólicas que formam uma estrutura simbólica de nível mais alto, que pode ser representada através da palavra *brasileiro* [[[BRAZIL]/[brazil]]-[[EIRO]/[eiro]]]. Em (c), observamos a

última combinação de estruturas simbólicas, ainda mais complexa que as duas primeiras; pode ser representada pela expressão *brasileiro bonito* [[[[BRAZIL]/[brazil]] - [[EIRO]/[eiro]]] - [[BONITO]/[bonito]]].

Do ponto de vista teórico-metodológico, considerar a gramática de uma sentença como uma estrutura simbólica possibilita que os objetos de análise, as pistas linguísticas na CG sejam bastante maleáveis. Isso ocorre porque as estruturas simbólicas variam em termos de complexidade de acordo com as inúmeras possibilidades de apresentação de um mesmo objeto. Portanto, o que se observa na abordagem de Langacker sobre a descrição e explicação da associação léxico/gramática é que o objeto de análise da gramática cognitiva pode ser uma palavra, uma sentença com várias palavras ou ainda uma sequência de sentenças.

2.4

O significado linguístico e o significado enciclopédico

De acordo com Langacker e a Linguística Cognitiva em geral não se deve estabelecer uma separação rígida entre significado linguístico e significado enciclopédico. Isso ocorre porque a língua é considerada uma forma de cognição. Nessa perspectiva, a interpretação do mundo por meio da linguagem não é feita independentemente de outros domínios da experiência humana. Estabelecer uma dicotomia entre o que é estritamente linguístico e o que é extralinguístico é válido quando se considera a língua como um sistema modular e por isso independente. O que pretendemos ao abordar essa dicotomia é muito mais demonstrar a noção de significado integrado desenvolvido por Langacker na CG, como este significado é estruturado em termos de domínios mais ou menos estáveis, como são acessados em termos de redes de significação e quais são as implicações desses conceitos quando aplicados a um item lexical específico acessado.

Mas, se há uma relação tão intrínseca e indissociável entre o conhecimento enciclopédico e o conhecimento linguístico, como definir o que é a língua em detrimento do que são os outros domínios da experiência? A questão é que a língua também pode ser considerada um domínio de experiência e ao mesmo tempo é capaz de representar, por meio de suas estruturas linguísticas, os demais domínios. Ou seja, o que a Linguística Cognitiva demonstra é que o falante/ouvinte entende, organiza e interpreta o mundo tendo como base o seu conhecimento sobre este e isso inclui o seu conhecimento simbólico sobre língua.

Entende-se por conhecimento enciclopédico (*encyclopedic knowledge*) a experiência, o repertório, o conhecimento de mundo que o falante possui e domina sobre o meio, a sociedade, a cultura em que vive; é tudo com que ele teve contato na vida ou de que já ouviu falar, todas as situações de interação de que participou e que estão acessíveis de alguma forma na memória; este conhecimento linguístico e extralinguístico é um pré-requisito para que haja interação, pois é ativado todas as vezes que o falante/ouvinte se comunica.

Esse é o conceito mais recorrente e consensual sobre o que é o conhecimento enciclopédico na literatura cognitivista. Além disso, a noção de conhecimento enciclopédico implica uma série de questões. A primeira é o rompimento com a ideia do léxico apenas como uma lista de nomes, cujos

significados estão localizados em cada item lexical a partir de um conjunto de traços. Ao contrário disso, em se tratando de um único item lexical, Langacker (2007) e a linguística cognitivista de modo geral defendem que há uma instância do significado que não é estática, mas dinâmica, conforme já salientamos. Por esse motivo, há um “esvaziamento” de sentido do item lexical, e a significação é considerada um processo de ativação de redes de significados. Na figura a seguir, observamos que (a) representa esquematicamente e de forma bem delimitada o significado de um item lexical do ponto de vista da lista de nomes; em (b), temos a representação do significado do mesmo item lexical do ponto de vista cognitivista, ressaltando a ideia de que o significado é ajustado em termos de maior ou menor centralidade.

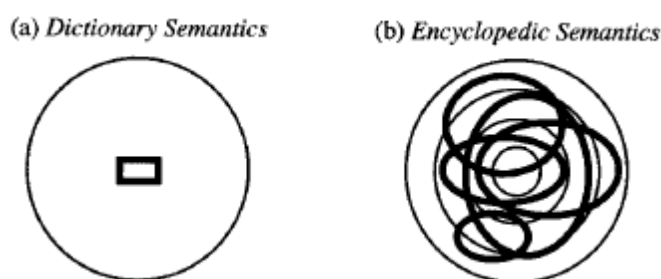


Figura 2 – Representação dos itens lexicais (Langacker, 2008).

Dessa forma, um determinado item lexical não possui um ou mais significados, mas evoca ou ativa uma rede de significados que não está consolidada de forma fixa em nenhum lugar. A natureza estática do significado é apenas uma contraparte de sua natureza dinâmica e implica que um determinado item lexical pode evocar ou ativar redes semelhantes de conhecimento, probabilisticamente, para os falantes de uma dada cultura, pois o conhecimento cultural é compartilhado e ajustado na interação, considerando uma série de questões contextuais (Langacker, 2008, p. 434). Podemos observar um exemplo de uma teia de significados na próxima figura.

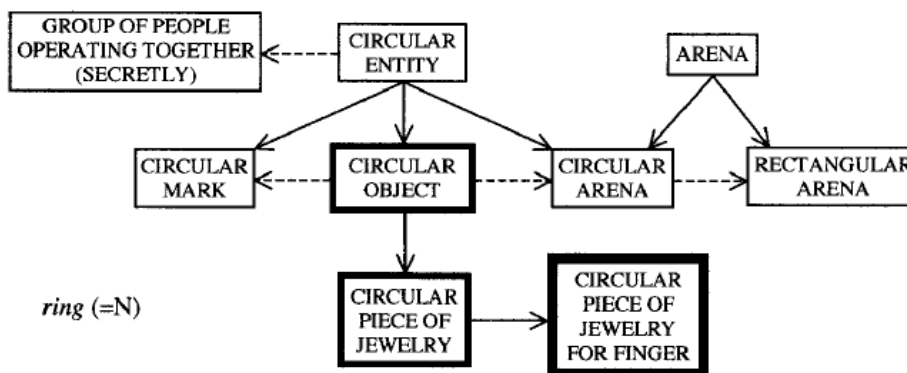


Figura 3 – Rede de significações do item *ring* (aliança) (Langacker, 2008)

A figura descreve o item lexical *ring* (anel/**aliança**) e se desdobra em uma série de significações que se ramificam de acordo com o conhecimento enciclopédico do falante, variando desde sua forma mais esquemática e geral (*circular object*), até sua significação mais específica e metafórica (*group of people operating together, secretly*). Observa-se que o que está no centro da rede é a parte do conhecimento mais esquemática, mais prototípica e o que se encontra nas extremidades, formando as teias é a parte do conhecimento mais complexa dos conceitos que ocupam uma hierarquia mais alta em termos de organização de domínios conceituais, ou que são metafóricos e que, por isso, são representados como periféricos.

Segundo Nerlich; Clarke (2007, p. 600), para entender uma metáfora, nós temos que ativar uma mescla entre duas esferas simbólicas, baseadas em domínios do conhecimento daquela situação discursiva.

Com o uso do termo esfera (*sphere*), Bühler (1934 apud Nerlich & Clarke, 2007) mostrou que nós não olhamos para as coisas de maneira isolada, mas as conceptualizamos dentro de uma rede de relações que sustentam outros objetos, que juntos constituem uma esfera ou um domínio *gestáltico*. Através do uso dos sinais, por exemplo, nós atribuímos significado aos objetos, e suas relações, então o significado emergente forma uma nova esfera simbólica. Portanto, outra questão inerente ao conhecimento enciclopédico diz respeito ao fato de o ser humano não considerar as coisas de forma isolada; um determinado objeto ou conceito está relacionado a outro. Isso não ocorre apenas no entendimento da metáfora, ou da metonímia, mas o tempo todo.

No entanto, algumas questões relacionadas ao conhecimento enciclopédico, admitido em sua complexidade, baseadas em Langacker (2008, p. 42), continuam em aberto para a linguística cognitivista: o significado de uma expressão pressupõe um substrato extenso e multifacetado que dá suporte a ele, dá forma e coerência. Um item lexical não possui um significado totalmente completo. O valor semântico reside “na teia de acessos”. Mas que porções do conhecimento enciclopédico são ativadas? E em que grau? Acrescentamos outra questão às de Langacker: com que probabilidade?

Algumas formas de representar a organização do conhecimento enciclopédico são as noções de frame (Fillmore, 1975), de domínio (Langacker, 2007), modelo cognitivo idealizado (Lakoff & Johnson, 1986) e de espaço mental (Fauconnier & Turner, 2007).

Entende-se por *domínio* um conjunto estruturado de experiências correlacionadas, baseado no conhecimento de mundo do falante, que possui uma estrutura dinâmica compartilhada socialmente. Quando uma expressão é dita, o que ocorre é o envolvimento de um conjunto de conhecimentos prévios do falante e do ouvinte que são acionados no momento de interação. Uma expressão pode invocar um conjunto de domínios a que Langacker (2008) denomina *matriz*, que pode ser representada através da figura a seguir.

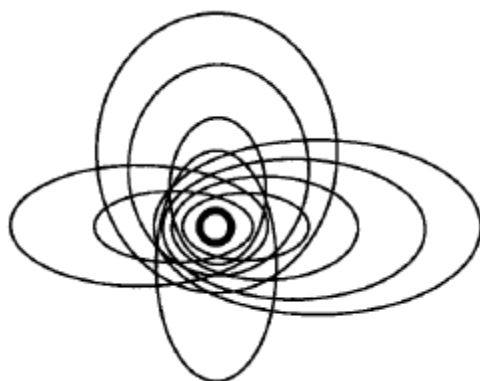


Figura 4 – Representação da matriz de domínios (Langacker, 2008).

Os domínios podem ser básicos e não básicos. Os domínios básicos não são conceitos nem conceptualizações, eles comportam as experiências mais primárias dos seres humanos, tais como a sensação de gosto, de identificação de cor, de cheiro, de temperatura e a noção de espaço, por exemplo. Eles não são dedutíveis, são irredutíveis no sentido cognitivo, e não podem ser explicados ou analisados

através da evocação de outros domínios; são as experiências mais fundamentais que servem de base para conceptualizações e conceitos derivados e não-básicos.

Os domínios não-básicos constituem a maioria. Eles são derivados dos domínios básicos, são analisáveis a partir de outros domínios e variam de acordo com o seu grau de complexidade conceptual. No caso dos domínios não básicos, eles se alocam em posições mais altas ou mais baixas no que se refere ao **nível de organização conceptual**.

Para explicar a organização dos conceitos em termos de domínios básicos, não básicos e possibilidade do domínio ser interpretado como ocupando um nível baixo ou alto, citamos como exemplo o item lexical *calouro*. Sabe-se que calouro é uma pessoa que está iniciando os seus estudos em uma universidade e que é feito um ritual de iniciação desses novos estudantes pelos outros, que são chamados de veteranos. Em algumas universidades, por exemplo, é comum os veteranos “obrigarem” o calouro a pintar o corpo com o nome da universidade e com o curso em que foi aprovado e sair pela rua pedindo dinheiro às pessoas. Tudo isso é acionado através do nosso conhecimento de mundo. Além disso, o item lexical *calouro* evoca também outros domínios do conhecimento, mais baixos, tais como PESSOA, SABER e INÍCIO e domínios mais altos tais como UNIVERSIDADE, UNIVERSITÁRIO, ESTUDAR, etc. Langacker (2012, p.33) cita um exemplo parecido para o item lexical *sophomore*.

Sophomore é o estudante do segundo ano da universidade. Então, como domínio baixo, há PESSOA, SEGUNDO e SABER. Como domínios mais altos temos ESTUDANTE, APRENDER, UNIVERSIDADE, entre outros. A essas concepções de níveis mais altos, Fillmore (1985) denomina *Frame* e Lakoff (1987) se refere como *modelo cognitivo idealizado*. Em última análise, segundo Langacker (2008), domínio é o conceito mais abrangente de todos, mais geral pelo fato de *frame* e *modelo cognitivo* não se aplicarem muito bem a domínios básicos, como TEMPO ou COR.

Os Modelos Cognitivos Idealizados são utilizados como formas de entendermos e teorizarmos o mundo onde vivemos. Os MCIs estruturam o conhecimento de mundo em blocos dinâmicos de experiência, tornando esse conhecimento acessível sem custo excessivo de memória. São domínios estáveis do conhecimento, porque possuem uma estrutura compartilhada social e culturalmente. Segundo Barcelona (2003, p. 06) os Modelos Cognitivos

Idealizados correspondem aos “elementos estáveis do nosso sistema de categorias”. O mapeamento de um modelo cognitivo idealizado permite a construção do significado partindo de esquemas mais genéricos ligados a experiências mais básicas e concretas para entendermos conceitos específicos e abstratos.

Já os espaços-mentais são domínios provisórios construídos no momento da interação. Não possuem tanta estabilidade como os MCIs e frames. Fauconnier; Turner (2007) definem espaços-mentais como estruturas parciais construídas enquanto nós pensamos e falamos. Eles permitem a especificação das estruturas do discurso e do conhecimento humano. Os espaços-mentais enfatizam a descontinuidade conceptual e o quanto de imaginação o ser humano necessita para se comunicar, criando espaços contrafactuais, irreais e imaginários.

Segundo Langacker (2008), tudo que é chamado de domínio também pode ser chamado de espaço-mental, apesar de não serem termos equivalentes. A diferença reside justamente na perspectiva em que a significação é focalizada. Enquanto o domínio foca a unidade conceptual, o significado lexical e a coerência interna de uma rede de experiências aparentemente desvinculadas, o espaço-mental enfatiza as operações que implicam uma mente amplamente imaginativa.

Em suma, o conhecimento enciclopédico é estruturado por meio de domínios mais ou menos estáveis que dão acesso ao **conteúdo conceptual**⁹ do falante/ouvinte.

2.5

A noção de conceptualização

Segundo Langacker (2007, p. 04), na definição mais ampla que aparece na Gramática Cognitiva e para a Linguística Cognitiva em geral o significado é algo que pode ser identificado como um processo ao qual denomina conceptualização. Ele considera que esse processo implica pelo menos quatro questões: (a) o fato de incorporar tanto os conceitos já estabilizados quanto os que não foram estabilizados ainda na língua; (b) o fato de a conceptualização não ser apenas uma questão mental, mas abranger os domínios sensórios, motores e emotivos da

⁹ Para saber mais sobre as implicações acerca do *enraizamento*, cf. Schmid, 1996.

experiência humana, conforme já tratamos na seção que aborda o significado enciclopédico; (c) o fato de o significado ser apreendido através das instâncias física, linguística, social, cultural e contextual; (d) o fato de as concepções serem desenvolvidas através do processamento do tempo, portanto, a conceptualização não poderia ser entendida apenas em termos estáticos.

Quando se fala em conceptualização, admite-se o significado do item lexical em termos de processo; quando se utiliza o termo conceito, considera-se o mesmo item lexical em termos mais estáticos e quando se fala em concepção o fato que ganha relevância é a dinamicidade de conceitos que um determinado item lexical evoca.

Tomemos como exemplo o item lexical *mãe*. Em termos mais genéricos, admitimos prototipicamente que *mãe* é uma pessoa do sexo feminino que concebe, amamenta e educa um indivíduo ao qual admite como seu filho ou sua filha.

Todos nós, a partir do conhecimento enciclopédico, sabemos o que significa *mãe* e, em termos práticos, somos capazes de fazermos avaliações rápidas acerca das vivências que tivemos relacionadas ao termo e resumirmos essa experiência através de uma definição, ou seja, por meio do significado representacional do que é *mãe*. Isso permite identificarmos e definirmos qual é o significado de *mãe*, se alguém nos perguntar. Quando fazemos isso, estamos considerando a natureza estática do significado. É um recorte que fazemos acerca de todas as vivências em que nos deparamos com o modelo cognitivo MÃE.

No entanto, a definição de um determinado item lexical na interação não é normalmente feita dessa forma. O significado dos itens lexicais emerge durante a interação, na qual os falantes evocam diversas concepções relativas a eles. Então, é comum que, durante a interação, um mesmo item lexical possa ser abordado sob diversas concepções, que podem ser até contraditórias, se pensarmos em termos de significação estática.

Tomaremos como exemplo um falante Z numa conversa entre amigos onde Z conta como foi que conheceu a sua mãe biológica. Todos os integrantes do grupo sabem que Z é adotado. Ele afirma durante a conversa que, em sua opinião, mãe é quem cria, ou seja, é quem educa o filho. No entanto, mais adiante, Z afirma que só conheceu a sua verdadeira mãe depois dos 40 anos. Então, qual é o significado de mãe para Z na interação? É quem concebe ou quem cria?

Admitimos que aí haja duas concepções diferentes que integram o conceito de mãe pra Z. A primeira concepção de mãe que Z aponta é a de quem cria e educa o filho e a segunda concepção é de quem concebe. As duas concepções integram o que Langacker (2007) denomina conceito.

Portanto, a maneira através da qual Z evoca diferentes referências de mãe e os demais integrantes entendem a contradição aparente entre as diferentes concepções de mãe para Z, em contraste com as suas próprias concepções denominamos conceptualização e isso implica uma série de processos cognitivos ou operações de conceptualizações.

2.6

As operações de conceptualização

Segundo Croft; Cruse (2004, p.40), as operações de conceptualização são relevantes quando questionamos o porquê de haver em um mesmo idioma expressões alternativas para o que parecem ser situações equivalentes do ponto de vista funcional, como ocorre para os exemplos em inglês *father/dad (pai/papai)* e *spend/waste (gastar/desperdiçar)*. Apesar de essas expressões parecerem equivalentes, há situações que favorecem a utilização de uma ao invés da outra. As operações de conceptualização possuem o objetivo de esclarecer em termos descritivos em que consiste a ativação do conteúdo conceptual no momento da interação e assim explicar, em certa medida, como somos capazes de acessar ou utilizar uma expressão em detrimento de outra, mesmo que ambas sejam aparentemente equivalentes. Dessa maneira, lançaremos mão de toda a base conceptual explicitada nas seções anteriores, para, então, demonstrarmos como o falante/ouvinte articula os conceitos ao utilizar a língua.

Tomemos como exemplo a figura a seguir, que consiste na imagem de um recipiente que contém líquido dentro, proposto por Langacker (2008, p. 44).

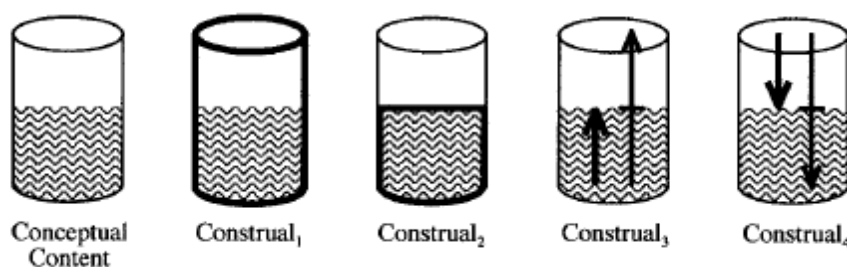


Figura 5 – Operações de conceptualização (Langacker, 2008).

A figura demonstra 05 recipientes. O primeiro se refere ao conteúdo conceptual que demonstra “um recipiente com líquido”, de forma esquemática, com um grau de especificidade neutro em comparação com os demais recipientes. O conteúdo conceptual consiste no que foi abordado na seção anterior, nada mais é que uma representação imagética do conhecimento enciclopédico do falante. Esse conteúdo ganha sentido a partir de sua conceptualização que está representada por meio dos demais recipientes. O recipiente, denominado (Perspectivação¹⁰ 01) enfatiza com as linhas mais fortes o formato do recipiente e pode ser representado através da sentença “um copo contém água dentro”, Perspectivação 02 enfatiza o líquido, e pode corresponder a “a água está dentro do copo”, Perspectivação 03 demonstra o volume ocupado pelo líquido, pode ser representada linguisticamente por “o copo está meio cheio”. Por último, em Perspectivação 04, há também a relação de volume, mas sob outro ponto de vista e pode corresponder a “o copo está meio vazio”.

De forma geral, o que há são formas alternativas de se referir e de conceptualizar a mesma situação através de uma série de processos que permitem: identificar e interpretar esquemas relacionados a espaço e a força, utilizar metáforas e metonímias, referir-se a um mesmo item de forma alternativa, categorizar, relacionar e associar, observar uma cena sob diversos ângulos, referir-se a um sujeito ou a um objeto sob diversas nomenclaturas, colocar-se no lugar do outro na interação, assumir pontos de vistas diferentes em uma única situação, distanciar-se ou incluir-se em uma determinada cena, enfatizar um aspecto de uma cena em detrimento de outro, ser mais específico ou mais genérico, mesclar

¹⁰ Segundo a orientação de Margarida Basílio, num paradigma de conceptualismo experiencial, “conceptual” é praticamente sinônimo de “significado”, já que o significado não representa o que “existe”, mas a nossa concepção sobre o que existiria. Já “construal” é bem típico da abordagem de Langacker e tem mais relação com o ângulo da perspectiva. Para evitar ambiguidades e dúvidas traduzimos “Construal” por “Perspectivação”.

conceitos, descrever situações contrafactuais, entre outras capacidades linguístico-cognitivas.

As operações de conceptualização foram abordadas na literatura cognitivista por basicamente Talmy (1988, 2000)¹¹, Langacker (1987, 2007, 2008) e Croft;Cruse (2004). Focalizaremos a classificação de Langacker.

Langacker (1987) propõe a seguinte classificação para as operações de conceptualização: a) **seleção** (*selection*), b) **perspectiva** (*perspective*) e c) **abstração** (*abstraction*). A primeira diz respeito à capacidade que o falante possui de considerar alguns aspectos do processo de conceptualização e ignorar outros em cada situação de interação. O segundo subtipo considera a posição e a forma como uma determinada situação é visualizada e se desdobra em basicamente quatro subclassificações: b.1) **figura/fundo**; b.2) **ponto de vista**; b.3) **dêixis** e por último, b.4) **subjetividade/objetividade**.

Após revisar essa classificação, Langacker (2007) propõe uma nova forma de organizar a categoria das operações de interpretação. Dessa vez, as classifica como: a) **especificidade** (*specificity*); b) **proeminência** (*proeminence*), c) **perspectiva** (*perspective*) e por último, d) **dinamicidade** (*dynamicity*). **Especificidade** corresponde à primeira subclasse da classificação de 1987, **abstração** (*abstraction*). A categoria **proeminência** engloba o fenômeno ao qual denomina **figura/fundo** (*figure/ground*) e **seleção** (*selection*). **Perspectiva** (*perspective*) conserva as mesmas características da versão anterior. **Dinamicidade** (*dynamicity*) é acrescentada na nova subdivisão e versa sobre como o tempo é processado na conceptualização.

Por último, em Langacker (2008)¹² há a seguinte reclassificação das operações de conceptualização: a) **especificidade** (*specificity*); b) **foco** (*focusing*),

¹¹ Talmy (1988) nomeia as operações de conceptualização como sistemas de imagens (*imaging systems*) e apresenta as seguintes subclasses: a) esquematização (*schematization*), b) perspectiva (*perspective*), c) atenção (*attention*) e força dinâmica (*force dynamics*). Talmy (2000) propõe uma revisão acerca da classificação dos fenômenos e configura a classificação desta vez como: a) estrutura configuracional (*configurational structure*), b) perspectiva (*perspective*), c) distribuição da atenção (*distribution of attention*) e d) força dinâmica (*force dynamics*).

¹² Croft; Cruse (2004, p. 70) apontam que tanto Talmy quanto Langacker incluem categorias de perspectiva. O sistema de geração de imagens de Talmy corresponde ao ajuste focal de seleção e abstração de Langacker. Verhagen (2006, p. 54) considera que também há semelhanças entre o que ambos os autores denominam como perspectiva, e acrescenta que há correspondência entre o que Talmy nomeia esquematização e o que Langacker denomina como especificidade, havendo

b.1) figura/fundo (*foreground/background*), b.2) composição (*composition*), b.3) escopo (*scope*); c) **proeminência** (*prominence*), c.1) perfilamento (*profiling*), c.2) trajetora/ alinhamento do ponto de referência (*trajector/ landmark alignment*) e por último d) **perspectiva** (*perspective*), d.1) ponto de referência (*viewing arrangement*), d.2) objetividade/subjetividade (*objectivity/subjectivity*), d.3) dimensão temporal ou dinamicidade (*temporal dimension/ dynamicity*). Esta última será a versão que trabalharemos.

Especificidade

Especificidade (*specificity*), segundo Langacker (2008, p. 55) é o processo de conceptualização através do qual o falante é capaz de detalhar, de ser preciso quanto ao grau de informação que deseja inserir ou que é exposto em uma determinada situação de interação.

A especificidade atua desde o conhecimento que o falante possui do léxico, selecionando itens mais ou menos específicos, até a utilização de estruturas simbólicas complexas que possuem maior ou menor poder informacional.

Tomemos como exemplo a seguinte sequência:

(1) VEÍCULO → CARRO → SEDAN

VEÍCULO possui o conteúdo conceptual mais geral, mais abrangente, pode ser considerado um domínio do conhecimento relacionado aos veículos de forma geral, incluindo: carro, motocicleta, bicicleta, caminhão, caminhonete, ônibus, trem, carroça, animais, etc. Por isso, é representado numa posição mais baixa ou básica na hierarquia de organização conceptual, enquanto SEDAN possui a posição mais alta, por se tratar de um tipo específico de automóvel. SEDAN é um modelo cognitivo idealizado mais complexo, mais específico, por se tratar de um conceito que está inteiramente condicionado à cultura em que está inserido. Por isso, ocupa uma posição mais alta na hierarquia conceptual.

também relação entre o conceito de atenção de Talmy e o de proeminência de Langacker.

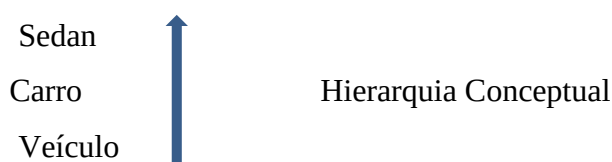


Figura 6 - Hierarquia conceptual

A especificidade está intrinsecamente ligada ao conceito de esquematicidade. O item A torna-se específico a partir do momento em que estabelecemos sua comparação com o item B. Assim, a especificidade pode ser considerada uma força contrária à esquematicidade, conforme a figura 9 aponta: quanto mais específica menos esquemática, quanto mais esquemática menos específica a estrutura simbólica será.

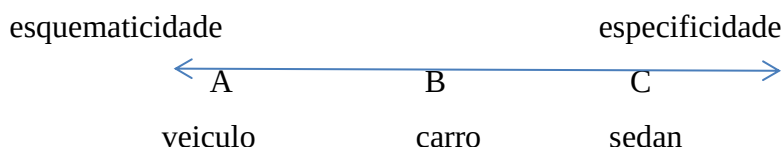


Figura 7 – Esquematicidade vs especificidade.

Geralmente os itens que se enquadram prototipicamente nas categorias de *nível básico* tendem a ser mais específicas e a existirem em grande número de membros que as categorias *superordenadas* ou *subordinadas*.

Nos estudos acerca da categorização realizados por Rosch (1977), Lakoff (1987), Schmidt (2007), cujo objetivo era investigar como as categorias de nível básico se comportam (também com relação à especificidade), um dos principais resultados aponta que: as categorias de nível básico possuem um equilíbrio entre a especificidade da informação conceptual que apresentam e a quantidade de membros que podem ser identificados. Por esse motivo, os itens que possuem uma especificidade mais baixa com relação a VEÍCULO, tais como carro, moto, bicicleta, ônibus, etc., coexistem em maior número de membros.

Uma cena também pode ser descrita de forma mais geral ou de forma mais específica. Por exemplo, da mesma forma que podemos dizer: “um homem esteve aqui”, também podemos dizer “um homem de jaqueta jeans esteve aqui” e ainda “um homem alto, de jaqueta jeans, sobrancelha grossa e sotaque engraçado esteve aqui”. É claro que existe um limite dentro da interação que não permite detalhes totalmente exagerados, mas há a possibilidade de variação.

Para Langacker (2008, p. 56) o processo cognitivo relativo à especificidade se aplica com relação à precisão da informação. Por exemplo, podemos dizer que “o tempo está ruim hoje”, assim como também podemos afirmar ao invés disso que “o tempo está chuvoso”, e ainda “que hoje a mínima foi de 15° Celsius”. A primeira sentença possui um conteúdo conceptual mais esquemático e mais geral que a última sentença.

Então, se há tantas opções para a utilização das estruturas simbólicas de forma mais ou menos específica quanto ao teor de informação conceptual, de que forma ocorre o acesso de uma em detrimento de outra, se ambas podem ser equivalentes em certa medida? Em outras palavras, há fatores que determinam linguística e cognitivamente que um falante escolha utilizar veículo, em detrimento de carro, ou sedan, em detrimento de veículo, por exemplo?

O acesso mental dos conteúdos conceptuais é selecionado dependendo de o quão impregnado, arraigado, consolidado se encontra a unidade cognitiva na sua memória.

A relação entre o quão arraigada se encontra a unidade cognitiva na memória do falante e o quanto ele está exposto a essa unidade podem ter relação com o grau de especificidade que uma estrutura simbólica possui. Segundo Schmidt (2007, p. 124) as categorias de nível básico, que possuem um grau de especificidade relativo, tal como descrevemos anteriormente, tendem a ser mais acessadas, porque estão mais arraigadas na memória, principalmente as que se referem a pessoas, a animais, a organismos vivos e a objetos concretos, em detrimento das categorias *superordenadas* e *subordinadas*.

Foco

Segundo Langacker (2008, p. 57), através das expressões linguísticas, nós acessamos determinadas porções do nosso conteúdo conceptual. Esta operação de conceptualização diz respeito à seleção deste conteúdo conceptual e a como ele emerge através dos conceitos metafóricos primeiro plano (*foreground*) e segundo plano ou fundo (*background*) e em termos de escopo (*scope*).

Aplicando essa operação de conceptualização às estruturas simbólicas, tomemos como exemplo a mesma expressão utilizada por Langacker (2008, p. 57) *lipstick* (batom). O item em inglês possui uma estrutura composta, formada por *lip*

(lábio) e *stick* (bastão). Ele pontua que nessa composição há dois níveis de organização estrutural. No nível mais baixo, como domínios mais periféricos operando como *segundo plano* há *lip* e *stick*. Como domínio mais central, operando como primeiro plano há *lipstick* (batom). O mesmo ocorre, por exemplo, com *beija-flor*, *manga-rosa*, *porco-espinho*, etc. Em *beija-flor*, pássaro conhecido por bicar as flores procurando néctar, temos como domínios mais baixos *beijar* e *flor*, que operam como plano de fundo ou segundo plano, enquanto *beija-flor* é o conceito acessado em primeiro plano, representado como um domínio mais centralizado na matriz, conforme a imagem a seguir demonstra:

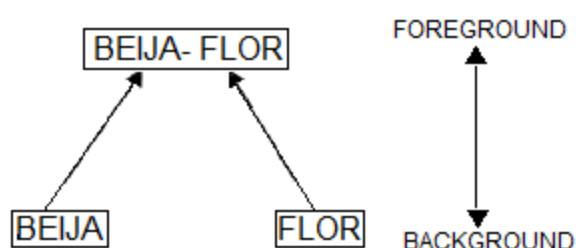


Figura 8 – Estrutura componencial de beija-flor.

As estruturas compostas oferecem um alto grau de analisabilidade (analysability), que consiste em exatamente escalonar as estruturas em componentes (estruturas simbólicas menos complexas). O grau de analisabilidade varia de acordo com o quão salientes as estruturas componencias são com relação ao composto e o quanto contribuem para o seu significado. Uma expressão como “fabricante de batom” é totalmente analisável e não pode ser considerada como uma unidade cognitiva que “preexiste”, mas que depende imediatamente do conteúdo conceptual dos seus componentes *fabricante* e *batom*. Então, itens lexicais que demonstram ter uma estrutura simbólica complexa, composta, são acessados no primeiro plano, e considera-se que seus componentes são acessados em segundo plano.

Expandido a noção de primeiro plano e segundo plano ou fundo, além da questão da composicionalidade, Langacker (2008, p. 58) argumenta que essas duas questões podem ser aplicadas de uma forma muito geral ao processo de conceptualização, como por exemplo, um barulho que se ouve (primeiro plano) em meio ao silêncio (plano de fundo), um carro que se move (primeiro plano) na

estrada (plano de fundo), um objeto (primeiro plano) que está em cima de uma prateleira (segundo plano), entre outras situações.

As concepções de *foreground* (primeiro plano) e *background* (segundo plano ou plano de fundo) também podem ser aplicadas ao discurso. Em narrativas, por exemplo, a descrição de cenas estáticas funciona como plano de fundo, enquanto os verbos de ação denotam primeiro plano, conforme apontam Hopper; Thompson (1980).

Além disso, Langacker (2008, p. 59) acrescenta que também podemos identificar, através da prosódia, a informação que é colocada pelo falante como primeiro plano e como plano de fundo. Tomaremos um dos exemplos de que o autor cita: “Victoria poderia ser uma ótima candidata, eu acho.” Segundo Langacker, a sentença “Victoria poderia ser uma ótima candidata” opera em primeiro plano e de modo geral tende a possuir um tom mais elevado na fala que a sentença “eu acho”, cujo valor informacional denota a marcação da opinião do falante, operando no plano de fundo.

Além das noções de primeiro plano e plano de fundo, a operação de conceptualização - focalização ou foco - também consiste na noção de escopo (*scope*).

Se numa primeira instância da conceptualização há ativação de um conjunto de domínios do conhecimento, ou seja, de uma matriz; numa segunda instância há a seleção de qual domínio será ativado de forma mais saliente. A esse (sub)processo, Langacker (2008) denomina escopo.

Metaforicamente, podemos descrever essa operação de conceptualização como o que está saliente em uma cena que está sendo visualizada, sem lançar mão do que já descrevemos como primeiro e segundo plano. Podemos dizer, utilizando as nomenclaturas de Langacker, que o escopo vai incidir sobre o que pertence ao primeiro plano, ao que está mais saliente para o falante, ao conteúdo conceptual ativado de forma direta. Mas, o que o autor enfatiza com o conceito de escopo não é a relação entre o que está mais saliente com o que não está, mas a relação parte-todo que rege a ativação da rede de significados.

Como o conhecimento é acessado em forma de rede ou teia, o domínio que é mais ativo não se desvincula do domínio menos ativo. Tomemos como exemplo o item lexical *cotovelo*, Langacker (2008, p. 64), para tornar o conceito mais claro. Quando nos referimos a *cotovelo*, não há como desvincularmos esse

conceito do conceito de braço e de corpo humano. Dessa forma, a teia de significados acionada é uma espécie de **escopo máximo** e o que está acionado de forma mais saliente é o que Langacker denomina como **escopo imediato**.

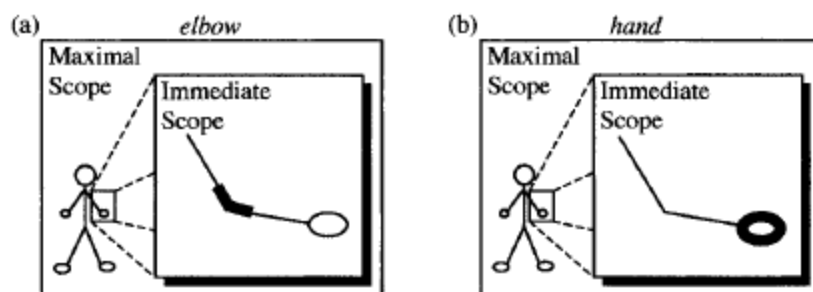


Figura 9 – Escopo máximo e escopo imediato (Langacker, 2008).

Na imagem observamos que o escopo varia de acordo com a relação dos conceitos na rede de significados, ou seja, na matriz. Em *a*, observa-se que escopo imediato é *braço*, pois é o domínio acionado de forma mais saliente, já que *cotovelo* é uma parte do braço. O escopo máximo é o *corpo humano*, já que *cotovelo* e *braço* fazem parte de um todo. Na imagem *b*, o escopo imediato também é *braço*, já que *mão* também não poderia ser conceptualizada de forma isolada, pois também faz parte do conceito de *braço* e por sua vez, de *corpo humano*, que nesse caso é o escopo máximo.

Isso pode ser aplicado a outros itens lexicais e a suas respectivas teias, que vão sendo acionadas na interação, como no exemplo de *filha*, que pressupõe o conceito de *pai*, de *mãe* ou como no exemplo de *fechadura*, que pressupõe o conceito de *porta*, de *casa*.

A imagem a seguir ilustra como a relação parte-todo, evidenciada através das noções de escopo imediato e escopo máximo.

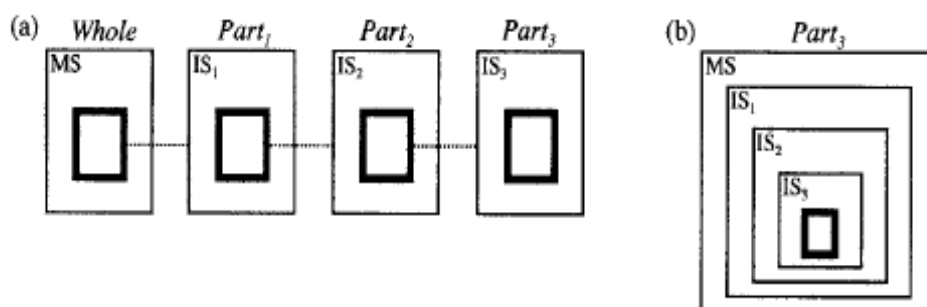


Figura 10 – Escopo imediato e escopo máximo (Langacker, 2008).

Prosseguindo com o exemplo anterior, considerando o corpo humano como o escopo máximo, e braço como escopo imediato, podemos ainda evidenciar outras partes do corpo humano que são acionadas, tais como uma parte do braço, mão, uma parte da mão, dedo, uma parte do dedo, junta, que estabelecem relações parte-todo entre si. Então, quando nos referimos a *dedo*, acionamos a rede inteira de significados. Nesse sentido, através dessa operação, uma entidade fornece acesso mental à outra na teia de significações.

Proeminência

Já pontuamos, de acordo com as duas operações de conceptualizações descritas, **especificidade** e **foco**, como se dá a ativação do conteúdo conceptual. *Proeminência* está inteiramente relacionada às noções de *primeiro plano/plano de fundo* e de *escopo máximo/escopo imediato*; é a operação de conceptualização que torna o falante capaz de se referir de diversas formas a um mesmo objeto ou situação. Por exemplo: a) o rapaz, b) Cláudio, c) o advogado, d) o pai de Amanda, e) o marido de Ana são opções que o falante possui para se referir a um único sujeito. Para explicar o que é proeminência é necessário abordar três conceitos: o conceito de *perfil/perfilamento*, o de *trajector/vetor* e o de *ponto de referência*.

Conforme demonstramos, uma expressão seleciona a base conceptual, representada através de uma matriz, constituindo o plano de fundo ou a própria rede de significação, o escopo máximo, no processo de conceptualização. O domínio do conhecimento ativado de forma mais estrita pode ser identificado como pertencente ao escopo imediato, ou em outras palavras, correspondendo ao conteúdo conceptual que figura o primeiro plano. Para Langacker (2008, p. 66) é nessa última região que o foco de atenção está direcionado e pode ser considerado uma subestrutura denominada perfil (*profile*). Então, na figura X, apesar de *cotovelo* e *mão* possuírem os mesmos escopos máximos e imediatos, o que há é uma mudança de perfil, resultando em entidades conceptuais diferentes.

Outro exemplo citado por Langacker (2008, p. 66) diz respeito aos dias da semana: *segunda-feira, terça-feira, quarta-feira, quinta-feira, sexta-feira, sábado* e *domingo*. Todos esses perfis evocam o mesmo conhecimento conceptual de base, que consiste na semana, um ciclo de sete dias, no entanto, há entidades diferentes, com perfis diferentes, mas cada qual correspondendo a um dia

específico dentro do escopo máximo de significação, nesse caso *semana*. Da mesma forma poderíamos pensar que *coração*, *fígado* e *pulmão* correspondem ao escopo máximo relacionado ao corpo humano.

Então, *perfilamento* é um processo cognitivo através do qual o ser humano seleciona dentro da rede de domínios de conhecimento **o perfil** que deseja apresentar para expor uma determinada concepção e não outra. O perfil não é apenas uma parte mais saliente, distintiva ou mais importante do conteúdo conceptual, mas a própria entidade designada, isto é, o próprio conteúdo conceptual evocado.

Algo semelhante pode ser observado em alguns verbos, tal como Langacker (2008, p. 79) aponta através dos verbos *come* (vir) e *arrive* (chegar). Esses dois verbos possuem também a mesma base conceptual ou escopo máximo que consiste em uma trajetória e um vetor que se move de um ponto a outro. A diferença de perfil se configura na diferença que há do foco de atenção que os dois verbos salientam. O verbo *vir* focaliza e incide a atenção no processo por inteiro, ou seja, no deslocamento que o vetor faz de um ponto ao outro. Já o verbo chegar, considera o deslocamento, mas o foco de atenção incide diretamente no ponto de chegada do vetor. Isso faz com que haja uma diferença de perfil, apesar de a base conceptual ser a mesma, conforme demonstra a seguinte figura:

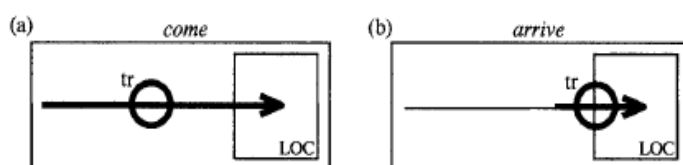


Figura 11 – Distinção entre os verbos *vir* e *chegar* (Langacker, 2008).

Quando uma entidade é perfilada, o foco de atenção incide sobre o conteúdo conceptual, dando vazão a vários graus de proeminência, podendo ser visíveis em pares tais como *em cima* e *embaixo*, *antes* e *depois* ou mesmo com relação aos verbos exemplificados acima *vir* e *chegar* ou demais verbos, tais como, *abrir* e *fechar*, *levantar* e *abaixar*, *entre outros*. Todos esses pares de perfis ativam a mesma base do conteúdo conceptual.

O grau de proeminência pode ser descrito a partir de duas noções complementares: a de *trajector*, que traduzimos como vetor e a de ponto de referência (*landmark*). Então como foco de atenção primário, encontra-se o vetor,

que é sempre algo em evidência, seja um objeto animado ou inanimado. O ponto de referência encontra-se em segundo plano e pode ser considerado um segundo participante da cena. Para explicar melhor, tomaremos como exemplo as expressões: em cima (*above*) e embaixo (*below*), demonstradas por Langacker (2008, p. 70).

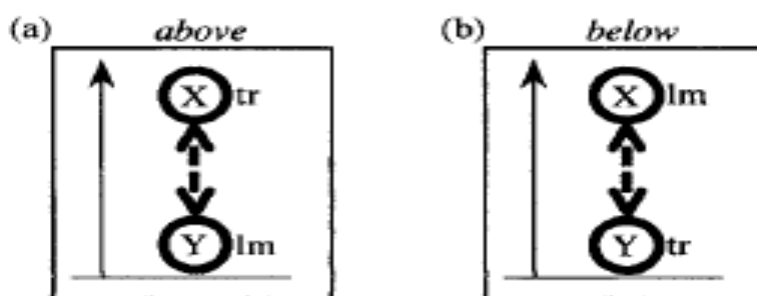


Figura 12 – Distinção entre *em cima* e *embaixo* (Langacker, 2008).

Observamos que a imagem é praticamente a mesma, é um esquema que demonstra uma disposição vertical, em que há dois objetos, um classificado como vetor e outro como ponto de referência, ou seja, ambas as expressões possuem a mesma base conceptual. A diferença crucial é a inversão de papéis que há entre o vetor e o ponto de referência. *Em cima* (*above*), esquema a, possui como vetor o objeto que se encontra na parte superior, tendo como ponto de referência o objeto que se encontra na parte inferior do esquema vertical. Com relação à preposição *embaixo* (*below*), esquema b, o vetor está localizado na parte inferior e o ponto de referência está localizado na parte superior do esquema vertical; ao contrário de a. Em ambos os esquemas é como se o visualizador da cena estivesse enxergando na perspectiva do ponto de referência, que muda conforme o perfil.

A mudança que há entre vetor e ponto de referência também pode ser evidenciada no discurso, conforme Langacker (2008, p. 71) demonstra. Tomemos como exemplo, nos moldes de Langacker, mas com outras sentenças a seguinte sequência:

Onde está Márcia?

Márcia está sentada ao lado de Luciano.

Luciano está sentado ao lado de Márcia.

Na primeira e na segunda sentença, observamos que Márcia é o vetor e Luciano é o ponto de referência. Na terceira sentença observamos que os papéis se invertem, Luciano é o vetor e Márcia é o ponto de referência. É como se o visualizador da cena também visualizasse sob a perspectiva do ponto de referência, da mesma forma que ocorre com as expressões *em cima* e *embaixo*.

O último exemplo que apresentaremos para evidenciar os graus de proeminência distribuídos em foco primário (vetor) e foco secundário (ponto de referência) consiste nos exemplos retirados de Langacker (2008, p. 72) e descreve a relação entre *antes* e *depois*, conforme demonstra a figura a seguir.

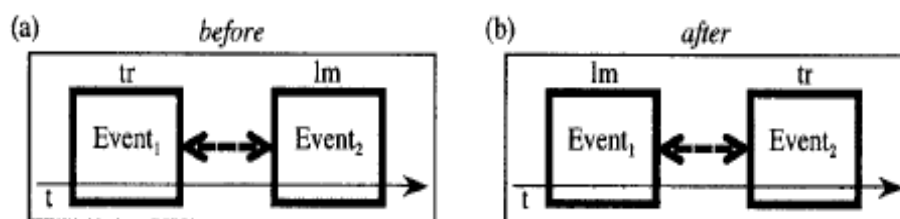


Figura 13 – Distinção entre *antes* e *depois* (Langacker, 2008).

Conforme pontuamos anteriormente, este esquema denota mais uma vez a ativação do mesmo conteúdo conceitual, antes (*before*) esquema a, e depois (*after*), esquema b, em termos de graus de proeminência, com o foco de atenção distribuído entre vetor e ponto de referência. O esquema é horizontal e contém uma linha que representa o tempo, dois objetos que representam eventos que se relacionam e que podem ser conceptualizados como unidades cognitivas. Em a, na descrição de *antes*, observa-se que o vetor é o evento 1 e o ponto de referência é o evento 2. Em b, na descrição de *depois*, observa-se mais a inversão dos papéis e o vetor passa a ser o evento 2, e o ponto de referência o evento 1. Em ambos os casos, assim como em todos os exemplos considerados, é como se o visualizador da cena observasse na perspectiva do ponto de referência.

Perspectiva

A *perspectiva* (perspective) é uma operação de conceptualização que permite o falante se comportar como o visualizador de uma cena, muitas vezes localizando-se dentro ou fora dela, ou através do tempo. Para explicarmos essa noção, abordaremos os conceitos que mais nos interessam: o de ponto de

vantagem (*vantage point*) e os de subjetividade e objetividade (*subjectivity and objectivity*)

Segundo Langacker (2008, p. 73), a visualização da cena e a posição que os interlocutores ocupam diante dela nem sempre é notada, principalmente, em algumas situações, com sentenças declarativas, tal como: *o menino está dentro do quarto*. Mas o fato é que este posicionamento existe e é ele que influencia a relação entre subjetividade e objetividade. Nesse exemplo, é como se os visualizadores da cena (falante e ouvinte) estivessem fixos em um mesmo local. Mas nem sempre é assim. Nesses termos, a subjetividade se configura na visualização da cena e a objetividade constitui os elementos que compõem a cena. O sujeito é o visualizador da cena, que ativa as operações de conceptualização, que seleciona perfis, e que possui uma visão perspectivada sobre o objeto, que é a própria cena. Em termos esquemáticos, Langacker (2008, p. 260) demonstra essa relação da seguinte forma:

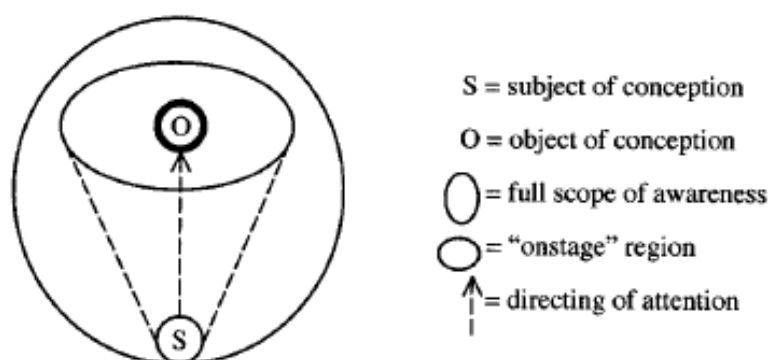


Figura 14 – Subjetividade *versus* objetividade (Langacker, 2008).

Nesta figura, **S** é concepção de sujeito, **O** é concepção de objeto, o primeiro círculo representa o escopo completo de consciência, o segundo círculo é a região ativa, e por último, a seta pontilhada indica o direcionamento do foco de atenção. Dessa forma, dentro de uma matriz ativada, há o direcionamento do foco de atenção que parte do sujeito e incide sobre o objeto. O foco de atenção é direcionado e forma uma espécie de zona ativa que envolve o objeto de conceptualização. Em termos mais práticos e menos esquemáticos, tentaremos aplicar este esquema aos exemplos a seguir.

Nos exemplos a seguir, analisaremos como ocorre a disposição dos interlocutores com relação à cena que é visualizada. Tomemos como exemplo, sentenças semelhantes as de Langacker (2008, p. 75):

(3)

- a. Depois daquelas montanhas, há um riacho.
- b. As árvores estão passando muito depressa.
- c. A floresta está ficando cada vez mais densa.
- d. Está muito frio aqui.

A partir das sentenças acima, é possível observar a variação do posicionamento em que os interlocutores se encontram. Em **a** e em **b**, observamos que os visualizadores da cena possuem uma posição estática. Já em **c**, o sujeito, o visualizador da cena, admite uma perspectiva de movimento em comparação ao ponto de referência, que é floresta, que permanece estático; é o próprio sujeito que incorpora e experimenta a função de vetor, pois à medida que o vetor se move, a floresta vai se tornando densa, ou seja, ele vai estabelecendo suas impressões. Mas a interpretação da cena é algo que não influencia a cena em si, que é o objeto interpretado. A interpretação que o visualizador faz da cena é a região ativa do esquema de Langacker.

Em **d**, observa-se que, se o falante estiver falando com o seu interlocutor em uma interação face-a-face, *aqui* se refere ao mesmo local, e ambos possuem um posicionamento fixo. Em uma conversa por telefone, isso já mudaria, já que *aqui* estaria delimitando um espaço em que apenas o falante está situado. Então, a forma de se referir ao tempo ou ao espaço depende do ponto de vantagem que os visualizadores da cena possuem. Portanto, de forma geral, em todas as sentenças, a subjetividade incide sobre a visão que os interlocutores constroem através dos elementos das cenas, estabelecendo relações entre eles.

A interpretação e as mudanças de sentido, muitas vezes, dependem da disposição do ponto de vantagem, do vetor e do ponto de referência que o sujeito visualizador identifica. Para explicar melhor, colocaremos o seguinte esquema, proposto por Langacker (2008, p. 76).

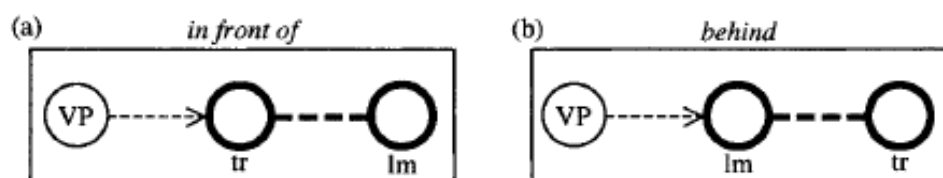


Figura 15 – Distinção entre *em frente* e *atrás* (Langacker, 2008).

A figura indica a comparação semântica que há entre as preposições *em frente* e *atrás*. Observa-se que em ambas as cenas, há o alinhamento dos três elementos: VP (ponto de vantagem), TR (vetor), LM (ponto de referência). O ponto de vantagem é exatamente a perspectiva do visualizador da cena, o vetor é o participante que atua no primeiro plano, um objeto inanimado ou não, e por último, o ponto de referência é um segundo participante que atua em segundo plano. No esquema **a**, o vetor encontra-se localizado antes do ponto de referência, e o ponto de vantagem incide diretamente sobre ele. No esquema **b**, o ponto de referência encontra-se antes do vetor, e o ponto de vantagem incide diretamente sobre o ponto de referência. A perspectiva continua sendo a mesma, o que determina a mudança é a disposição do vetor e do ponto de referência.

Se fôssemos aplicar isso em duas sentenças, teríamos: a) Thais está em frente ao Copacabana Palace; b) Thais está atrás do Copacabana Palace.

Neste capítulo demonstramos algumas noções da Gramática Cognitiva. Seria impossível abarcar toda a abrangência das proposições teóricas de Langacker. Por isso, o que enfatizamos foram apenas os principais conceitos para o desenvolvimento do trabalho.

2.7

Aspectos metodológicos

Temos como objeto de estudo o significado de sujeito criminal dentro de uma abordagem cognitivista da linguagem. A noção de significado em que nos baseamos, conforme já visto no capítulo anterior, remete a uma significação não estática, não objetiva, mas que se baseia em interpretações sobre os processos de significação que se aplicam ao nosso objeto de estudo: o conceito de bandido e o uso do termo linguístico. Abordaremos os aspectos metodológicos desta pesquisa, explicitando em que ontologia e paradigma estão ancorados os procedimentos metodológicos e sua relação com os pressupostos teóricos adotados.

O método desta pesquisa é qualitativo, num paradigma construtivista, cuja metodologia é hermenêutica, a qual possibilita a reflexão sobre a pesquisa como parte do processo de produção do conhecimento.

A nossa investigação contempla as variadas possibilidades de interpretação do significado de um determinado item lexical e não o seu esgotamento em definição objetiva e “impessoal”. Apoiamo-nos em uma Teoria que considera a linguagem como algo que deva ser estudado em uso e, em consequência, a metodologia que aplicamos se fundamenta num levantamento de dados da língua em uso, analisando a construção de significados a partir deles.

Exatamente por se tratar de uma pesquisa que contrapõe pontos de vistas de jornais e de falantes, damos ênfase à diversidade, à complexidade do processo de significação. Neste contexto de pesquisa não temos a necessidade de comprovar ou falsear uma determinada hipótese, mas de explorar as possibilidades de análise do significado de bandido dentro da proposta teórica e metodológica de Langacker.

Trabalhamos, por conseguinte, com o problema: a conceptualização do falante-escrevedor-ouvinte-leitor entrevistado reflete o conceito oficial de agente criminal oferecido pelo código penal, pelos dicionários e pelos jornais?

Os nossos objetivos específicos são: a) identificar as operações de conceptualização, a distribuição do foco de atenção, o perfil, o grau de especificidade, a relação entre subjetividade e objetividade e o acionamento de domínios cognitivos nos conceitos de bandido; b) investigar se a condição socioeconômica do falante pode ser determinante para a forma como ele se refere,

perfila, especifica, e conceptualiza o sujeito criminal; c) descrever as semelhanças e diferenças com relação às diversas concepções de sujeito criminal investigadas.

O *corpus* da pesquisa é composto por textos que representam a mídia e a fala coloquial: a) textos veiculados nos jornais *O Globo* e *Expresso* em setembro/2014; c) entrevistas com dois grupos de falantes leigos, socioeconomicamente distintos, totalizando 20 informantes. Com relação ao conceito de bandido segundo os jornais, recortamos, lemos e arquivamos todas as notícias, notas e chamadas de capa sobre criminalidade que veicularam nos Jornais *O Globo* (*online*) e *Expresso* (impresso) durante o mês de setembro/2014. Optamos por fazer a pesquisa do *Jornal O Globo online*, já que, nesse caso, o acesso ao conteúdo *online* é bastante recorrente.

Com relação às entrevistas¹³, os falantes do Grupo A (10 informantes) e B (10 informantes) ou são cariocas ou já moram no Rio de Janeiro há muito tempo, são adultos com idade entre 25 e 70 anos. Os falantes do Grupo A residem em bairros de classe média alta, possuem carreiras profissionais e já completaram o Ensino Superior. Já os falantes do grupo B são de uma condição socioeconômica menos privilegiada, alguns trabalham em subempregos, moram em comunidades, e cursaram até o Ensino Médio completo ou incompleto.

As entrevistas foram desencadeadas de uma forma muito semelhante a uma conversa informal. Por esse motivo, os participantes ficaram mais à vontade para expor suas opiniões. As perguntas que motivaram as respostas dos participantes foram as seguintes:

1. Como você avalia a criminalidade no Rio de Janeiro, atualmente?
2. Quando você fala em bandido, você quer dizer o quê?
3. Você conseguiria diferenciar bandido de criminoso?
4. Você já foi vítima da criminalidade? Conte-me como foi.

O objetivo da primeira pergunta é ativar o domínio cognitivo mais amplo e investigar em que circunstância o falante aborda o agente criminal. Caso o falante não tenha dito algum nome que acione o sujeito criminal, perguntamos diretamente o que ele considera como o *bandido*. Em situações em que o próprio informante cita o *bandido*, fazemos a segunda pergunta de uma forma mais

¹³ As entrevistas foram feitas com base em Bauer; Gaskell (2013) e transcritas segundo as convenções de Atkinson; Heritage, 1984, mas nem todas as convenções foram seguidas ou utilizadas de forma integral, porque o nosso foco na transcrição se encontra mais nas palavras e expressões que nos elementos pragmáticos em si.

natural, procurando “saber mais” sobre o termo que o próprio informante falou. O objetivo da segunda pergunta é identificar o conceito que o falante tem, a partir do recorte que ele faz quando solicitamos a conceituação de BANDIDO. A terceira pergunta ocorre geralmente depois de o falante ter usado diferentes nomenclaturas para abordar o sujeito criminal; tem o objetivo de investigar a aproximação e o afastamento de itens lexicais semelhantes semanticamente. A quarta pergunta tem o objetivo de gerar uma narrativa, para que possamos identificar como o sujeito criminal é descrito no decorrer dos textos, geralmente, produzidos com um forte envolvimento emotivo do informante.

As perguntas fazem parte de um roteiro, mas, no decorrer das entrevistas, outras questões acabavam surgindo, ou também, em alguns momentos, o entrevistado deixava algo em aberto que poderia ser explorado melhor. Não perdemos essas oportunidades, deixando-o livre para falar, colocando-nos positivamente sobre tudo que eles diziam. Foi o que ocorreu quando perguntamos a uma das informantes se há diferença entre bandido e traficante, ou então quando perguntamos ao segundo informante se ele era a favor da pena de morte.

A interpretação e a apresentação dos dados considera os pressupostos teóricos apresentados neste capítulo; partimos das pistas ou do material linguístico para demonstrarmos a ativação dos conteúdos conceituais.

Langacker (2007), de forma geral, considera as palavras, as expressões linguísticas como estruturas simbólicas que podem variar em termos de grau de complexidade. Essas expressões serão as nossas pistas linguísticas e o nosso ponto de partida para a análise da estrutura conceitual de BANDIDO. Se fôssemos falar em outras palavras, o nosso objeto de análise, ou ponto de partida seriam as próprias expressões, palavras que constituem as definições de bandido que vamos trabalhar. Portanto, analisaremos os excertos a partir das ideias de Langacker, principalmente, a partir da sua *Gramática Cognitiva* (2007). Salientamos que, nesses termos, há uma convenção em se utilizar substantivos para nos referirmos a Domínios e a Modelos Cognitivos. Então, por exemplo, apesar de *explosão* e *explodir* acionarem a mesma base conceitual, para nos referirmos a Domínio/MCI, utilizaremos o substantivo, mesmo que a estrutura simbólica seja um verbo. Optamos por sempre utilizar o termo domínio em detrimento do termo MCI.

A análise segue basicamente as pressupostos da Gramática Cognitiva de Langacker, de forma a ressaltar com evidências linguísticas aspectos cognitivos inerentes ao conceito de bandido. Apresentamos na análise uma proposta de aplicação direta das ideias do autor para a construção do conceito de sujeito criminal reunindo as convergências entre os conceitos dos jornais investigados e dos grupos de falantes entrevistados. A nossa hipótese é que seja possível aplicarmos as operações de conceptualização e outros conceitos do autor na comparação entre as concepções de bandido em situações de língua em uso.

Através de dados coletados em situações de interação, interpretamos as implicações linguísticas e cognitivas que podem ser observadas nesses dados em momentos de convergência/divergência entre os diversos conceitos de sujeitos criminais levantados.

Análise cognitivista sobre os conceitos de “bandido”

Nesta seção, o objetivo é apresentar, interpretar e comparar a representação dos agentes criminais veiculados em textos do jornal *O Globo* e *Expresso*¹⁴ e a representação de bandido e demais sujeitos criminais em falas de grupos socioeconomicamente distintos, contrapondo essas múltiplas visões com os conceitos institucionalizados de bandido e demais sujeitos criminais.

Do ponto de vista teórico e metodológico, segundo a abordagem de Langacker (1987, 1991a, 1991b, 2008, 2012) a língua é um fato de cognição que pode ser representado e deve ser estudado em uso. Construir um conceito de bandido a partir da análise de materiais empíricos provenientes de dados obtidos na modalidade escrita e oral ao mesmo tempo é um desafio e algo bastante inusitado. A nossa proposta é mais que uma análise do conceito de BANDIDO, é demonstrar que é possível construirmos um conceito de AGENTE CRIMINAL, considerando modalidades diferentes de uso linguístico que se inter cruzam socialmente e culturalmente.

O material conceptual sobre o conceito de BANDIDO ou OUTRO AGENTE CRIMINAL é o que rege as estruturas simbólicas. No caso do conceito de BANDIDO, partimos das palavras para chegarmos até conteúdo conceptual e à sua manipulação através das operações de conceptualização. O significado reside no uso dos termos linguísticos, no uso das palavras. Mas de que forma esse conteúdo é manipulado e pode ser descrito e analisado?

As operações de conceptualização tais como: esquematicidade, foco, proeminência e perspectiva são teorizações sobre como o conceito é abordado sob diversas propriedades cognitivas.

A *esquematicidade* é a propriedade cognitiva que permite os falantes detalharem o grau de informação que desejam inserir na fala, ou no caso do texto jornalístico em que consiste o grau de especificação do sujeito criminal, observado por meio da relação entre itens lexicais que são responsáveis por fazer

¹⁴ O conteúdo do *jornal O Globo* foi retirado de sua página *online*. Já os textos do *jornal Expresso* foram retirados do veículo impresso.

a referenciação no texto. Observamos que esse fenômeno não fica restrito apenas ao nível lexical, mas também às sentenças, já que gramática e léxico constituem um contínuo. Além disso, por meio da esquematicidade observamos que *bandido* é um termo relativamente mais geral se compararmos aos demais itens que também remetem ao conceito de agente criminal tais como *assassino*, *ladrão*, *estuprador*. Observamos também com relação à esquematicidade que quanto mais esquemático é o sujeito, mais o foco de sentido se consolida em suas ações e quanto mais específico é o sujeito criminal, mais o sentido se concentra em sua própria qualificação.

Conforme já mencionamos, quando Langacker (2007, p. 59) de forma geral, aborda a noção de *entrenchment* (consolidação) para se referir à ativação automática de uma unidade cognitiva, ele argumenta que o acesso mental dos conteúdos conceptuais é selecionado dependendo de o quão impregnado, arraigado, consolidado (*entrenched*) se encontra a unidade cognitiva na nossa memória. E isso pode ser bem variável em se tratando do nosso objeto de estudo. Enquanto alguns falantes utilizam o termo *bandido* com mais facilidade, outros possuem resistência em utilizar o termo e até mesmo falar sobre ele.

Os dados dos jornais apontam para a utilização que reflete além do componente individual, o componente partilhado do enraizamento desse termo na língua, pelo próprio caráter do texto jornalístico. Distinto da fala, o texto jornalístico é escrito não apenas para uma pessoa, mas para várias, então o uso linguístico do termo pressupõe que a massa leitora tenha pleno conhecimento sobre os termos que estão sendo empregados.

O *foco* é a operação de conceptualização que permite a investigação e a descrição da parcela do conteúdo ativado sobre *bandido* em determinadas estruturas simbólicas presentes nos textos jornalísticos e nas falas. Na descrição de Langacker, em seus exemplos, há uma aplicação dessa operação de conceptualização no que se refere à analisabilidade das palavras compostas, por exemplo. No caso da palavra *bandido* e demais palavras que remetem ao agente criminal, isso seria bastante irrelevante, por isso, reunimos evidências com estruturas simbólicas mais complexas. As estruturas complexas oferecem um alto grau de analisabilidade porque permitem o escalonamento dos componentes estruturais menos complexos que contribuem para o significado das estruturas mais complexas. Ou seja, se *bandido* está inserido em uma sentença, uma

estrutura mais complexa, é importante analisarmos contextualmente o significado dos demais itens lexicais que ocorrem com ele. Nesse caso, selecionamos os verbos enquanto construtores de enquadre para descrevermos como o foco de sentido é dado. Ainda dentro dessa operação cognitiva, as noções de primeiro plano e plano de fundo são aplicadas ao processo de construção do significado do sujeito criminal, principalmente, quando comparamos *bandido* aos demais agentes criminais tais como *ladrão*, *assassino*, etc. Por último, observamos no que tange ao foco a relação entre *bandido* e sua matriz conceptual também por meio das pistas linguísticas do material recortado. Através do conjunto de domínios ativos, representados arbitrariamente pelos substantivos utilizados nos jornais e pelos falantes, traçamos o escopo máximo ou a matriz a que pertence o *BANDIDO*, conceito que, pra esse efeito, consideramos como escopo imediato. Isso consiste em certo ponto numa operação metonímica. *BANDIDO* faz parte de uma matriz conceitual partilhada culturalmente e serve de acesso mental a essa matriz como um todo. Podemos ressaltar que, conforme as ideias de Langacker, o escopo incide sobre o que pertence ao primeiro plano e, conseqüentemente, ao que está mais saliente para o falante no momento da fala. Além disso, Langacker defende que a noção de escopo não é a relação entre o que está mais saliente com o que não está, mas a relação parte-todo que rege a ativação da rede de significados.

A *proeminência* é a operação de conceptualização que teoriza sobre a capacidade que o falante-escrevedor possui de se referir de diversas formas a um mesmo objeto. Nas notícias também observamos a destreza do jornalista em referenciar por meio de diversas nomenclaturas o mesmo sujeito criminal, ainda que não seja ele o foco da situação, mas o evento de que ele participa. É exatamente no perfil que está o foco de atenção do falante-escrevedor-leitor-ouvinte. Os perfis remetem às próprias entidades que estão sendo referidas. Então, falar ou escrever “*bandido*” é muito diferente de falar ou escrever “*ladrão*”, pois são entidades distintas que demonstram situações de atenção diferentes, ainda que essas diferenças sejam sutis. Da mesma forma que falar ou escrever “*bandido*” também é diferente de falar ou escrever “*criminoso*”, ainda que o foco de atenção seja ainda mais sutil nesse caso.

O foco de atenção foi investigado por meio dos perfis, ou seja, pelas próprias nomenclaturas que foram utilizadas ao se falar de *bandido* e do sujeito criminal em geral. Além disso, também consideramos a posição do sujeito

criminal enquanto sujeito, objeto ou como complemento nominal. Também observamos que as orações reduzidas de particípio estão muito presentes nas notícias, cumprindo o papel de qualificar o sujeito criminal.

Por último, a perspectiva teoriza sobre a capacidade que o falante possui de se comportar como o visualizador da cena. No caso das notícias a perspectiva é sempre muito semelhante. É como se o autor e o leitor da notícia estivessem no mesmo tempo e no mesmo espaço observando algo que ocorre sob a mesma perspectiva, sob o mesmo olhar. Algo diferente ocorre diante da fala. Neste momento, fizemos a distinção entre falas mais objetivas e falas mais subjetivas, através das representações dos tempos verbais.¹⁵ Observamos enquanto pistas as construções que demonstram a localização temporal e espacial do falante quando ele se refere ao sujeito criminal.

Apesar de ser de extrema importância o detalhamento do conteúdo conceptual, a análise é organizada da forma que favoreça a explicação da relação entre o uso do termo bandido e sua base cognitiva, visando responder à nossa pergunta de pesquisa.

Investigamos os diversos perfis do bandido, os domínios cognitivos ativos, as cenas em que o sujeito criminal é evocado nas entrevistas e nas notícias. Propomos as operações de conceptualização como ferramentas que permitem o estudo do significado do agente criminal presente tanto nas notícias na modalidade escrita quanto nas respostas das pessoas entrevistadas na modalidade oral.

¹⁵ Neste momento também poderíamos citar os dêiticos como indicadores de subjetividade ou de objetividade da notícia ou das falas com relação ao sujeito criminal. Mas os jornais sempre possuem o mesmo posicionamento mais objetivo e mais distante. O mesmo ocorreu com os falantes. O distanciamento do falante frente ao sujeito criminal foi evidenciado por meio de outras pistas que explicam melhor essa relação que os próprios dêiticos. Por esse motivo não expusemos a análise dos elementos dêiticos.

3.1

Apresentação do *corpus*: as notícias na modalidade escrita e as entrevistas na modalidade oral

No caso da modalidade escrita, optamos pelos jornais *O Globo* e *Expresso* por contemplarem públicos diferentes: o primeiro tem como alvo uma classe de leitores mais privilegiada socioeconomicamente que o segundo.

O Jornal *O Globo*, fundado em 1925, é atualmente o jornal mais antigo e tradicional que está em plena circulação no Rio de Janeiro. O seu conteúdo é diversificado e possui dois cadernos principais: o primeiro aborda questões relacionadas à política e economia e o segundo é voltado para cultura. A sua versão *on line* proporciona ao leitor o mesmo conteúdo que há no impresso além de vídeos, atualizações, *links*, e a ferramenta de busca no acervo do jornal. Foi através das ferramentas de busca do próprio jornal que encontramos as notícias sobre criminalidade durante o período de tempo desejado.

Durante o ano de 2014 não houve nenhuma notícia de crime que tenha tido destaque suficiente para ser manchete de *O Globo* (impresso). Pelo contrário, as notícias sobre crime são sempre veiculadas de forma periférica no jornal. A média de notícias que tem como tema a criminalidade em setembro de 2014 foi de uma notícia por dia. No entanto, percebemos que no conteúdo *online* há grande quantidade de notícias relacionadas a crime, se a compararmos a sua versão impressa.

O *Jornal Expresso da Informação*, mais conhecido apenas como *Expresso* é o jornal/tabloide mais popular e barato que está presente nas bancas do Rio de Janeiro. Dentre as notícias que circulam nele, as mais comuns são relacionadas a crime, futebol, celebridades e sobre mulheres em situações apelativas. A linguagem é informal, com gírias e metáforas e o público-alvo contempla os moradores das comunidades e da Baixada Fluminense. Um indício disso são os classificados de imóveis do jornal, os quais focalizam essas regiões e consequentemente seus moradores. Observamos o total de 30 edições entre setembro e outubro de 2014.

Dentre elas, em apenas 06 edições não havia notícia de crime na capa. Diferente do *Jornal O Globo*, geralmente as notícias de crime sempre são colocadas em destaque, na primeira página ou no primeiro caderno o qual é chamado de “Geral”.

Os jornais lidam com duas situações básicas e óbvias: em primeiro lugar, as cenas evocadas são baseadas em fatos que ocorreram no mundo empírico não fictício; em segundo lugar, a possibilidade de aparecer o conceito de BANDIDO de forma direta é nula.

Diferente dos dicionários que são consultados por sua legitimidade quase inquestionável, os jornais, apesar de serem disseminadores de opinião em larga escala e referência para os cidadãos que o leem, têm uma legitimidade paradoxal: enquanto alguns leitores colocam em dúvida a qualidade das informações, outros as acolhem sem nada questionar. Uma grande questão, portanto, é a constante exposição do falante/leitor a situações de categorização que reiteram seus conceitos sem que possam perceber e avaliar esse tipo de processo.

Por meio do uso da linguagem há o ativamento constante de áreas do conhecimento, de domínios e modelos cognitivos que possibilitam que haja o enraizamento do significado e a construção de conceitos que estão em dinâmica reformulação. A partir da leitura de uma notícia, novas situações de uso do termo bandido são reiteradas ao conhecimento enciclopédico do falante. O que ocorre também é a manutenção de situações e conceitos já armazenados na memória.

Portanto, ler constantemente textos que tenham como tema a criminalidade ocasiona a reiteração ou enraizamento de conceitos que se relacionam e que são ativados com maior ou menor relevância na rede de significados do sujeito criminal, fazendo com que a teia seja cada vez mais forte, acessada com menos custo, e por isso de forma mais rápida, possibilitando que o modelo cognitivo siga atualizado e bem construído.

A categorização do termo *bandido*, assim como outros referentes de “dentro” ou “de fora” do texto, é feita no decorrer do texto das notícias a partir das diversas ocorrências sobre ele e sobre o fato narrado que o envolve. Dessa forma, abordar o funcionamento linguístico-cognitivo do termo *bandido* e o ativamento do conteúdo conceptual relativo a ele pode nos revelar uma espécie de construção ou desconstrução do conceito estereotipado.

A leitura dos jornais é uma situação de uso da língua e consideramos nesta análise o falante/leitor como um sujeito socialmente localizado. Assim como em outros usos do termo *bandido*, admitimos a natureza partilhada do significado como socioculturalmente situado.

Com relação aos textos jornalísticos, o *corpus*¹⁶ é formado por 20 notícias que possuem entre 100 e 300 palavras, 10 foram veiculadas no site do *jornal O Globo* e 10 foram veiculadas no *jornal Expresso*. Os textos recolhidos durante o mês de setembro/2014 têm como tema a criminalidade na cidade do Rio Janeiro. A triagem dos textos obedeceu aos seguintes critérios: a) possuir como escopo máximo o domínio cognitivo relacionado à CRIMINALIDADE; b) mencionar o sujeito criminal no decorrer do texto, independente da forma como a referência seja feita ou de quem seja o referente; c) possuir entre 100 e 300 palavras; d) pertencer ao gênero textual notícia.

Com a finalidade de parear os dados disponibilizados pelas notícias analisadas nos jornais, para finalmente compararmos ambos os dados com as definições dos dicionários, a segunda parte do *corpus*¹⁷ é formada por 20 entrevistas. De um lado entrevistamos 10 pessoas cujo poder socioeconômico é baixo e 10 pessoas cujo poder socioeconomicamente é relativamente mais alto que o do primeiro grupo.

Diferente do dicionário e até mesmo dos jornais, as falas são caracterizadas como uma modalidade mais informal que a escrita, mesmo em se tratando do público mais culto. Observamos a reincidência na preocupação das pessoas em ressaltar que não sabem como o termo *bandido* estaria descrito e explicado no dicionário antes de compor de fato as suas falas. Isso apenas reitera o argumento de que o dicionário é um instrumento institucional com relação ao significado das palavras. Isso é observado independente da classe social.

A fala, nesta situação específica, não possui nenhum compromisso com a legitimação dos fatos. Por isso, nas entrevistas, as pessoas possuem mais liberdade para chamar de bandido quem elas desejarem, citando nomes, situações ou narrando fatos pessoais que ocorreram com elas de forma emotiva. De forma geral, através da fala, investigamos a complexidade que implica o conceito de

¹⁶ Todas as notícias foram digitalizadas e inseridas em forma de imagem nos Anexos.

¹⁷ As entrevistas foram gravadas por meio do aplicativo de voz do dispositivo Samsung GT-S7562L. Depois disso, foram transcritas, considerando apenas os elementos que favorecem a análise da estrutura conceptual das falas. Ainda que em alguns momentos façamos algumas considerações prosódicas, a transcrição das falas não foi feita de modo a favorecer tal análise. A prosódia pode ter uma relação com a construção do conceito e do próprio processo de conceptualização, conforme reconhece Langacker. No entanto, faremos essa abordagem de forma mais detalhada em trabalhos futuros.

bandido e demais agentes criminais no cotidiano, fora dos holofotes midiáticos ou do compromisso com a “verdade”.

Pelo fato de a fala não possuir nenhum compromisso com a legitimação do que está sendo dito, não podemos afirmar que os fatos narrados sejam verídicos ou fictícios. De certa forma pode ser que tenha havido em certas respostas um misto entre ficção e realidade na reconstrução de histórias, afinal, algumas delas teriam ocorrido há muito tempo. Muitos informantes não conseguiriam expressar certos detalhes que já se perderam na memória. Mas apesar de haver tanto tempo que a maioria dos participantes não era assaltada ou vítima em outro tipo de evento criminoso, as repostas quanto à sensação de insegurança foram unânimes: todos se sentiam muito inseguros e até mesmo mais inseguros que “antes”, quando de fato foram assaltados, reiterando o discurso estereotipado de que a criminalidade havia aumentado e muito no Rio de Janeiro.

No grupo A¹⁸ entrevistamos um economista professor universitário, duas psicólogas, uma advogada, uma procuradora, um auditor fiscal, uma comunicadora social, um empresário aposentado, uma arquiteta, um gerente no ramo de hotelaria. No grupo B entrevistamos uma vendedora ambulante, um taxista, um porteiro, uma cobradora e um motorista de ônibus, um gari, um caixa de supermercado, uma vendedora de água de coco, um soldado da polícia militar. Todas as pessoas entrevistadas no grupo A moram na Zona Sul do Rio de Janeiro, possuem formação de nível superior e recebem em média 09 salários mínimos¹⁹. Todas as pessoas do grupo B moram na periferia do Rio de Janeiro, não possuem formação de nível superior e recebem menos de 03 salários mínimos.

As pessoas do primeiro grupo geralmente se informam por meio do jornal *O Globo*, impresso ou *online*, entre outros sites tais como o portal *G1* de informações, que também pertence ao grupo de *O Globo*. Já o público socioeconomicamente menos favorecido possui como principal veículo de informação os jornais mais populares. Uma das informantes lia exatamente o *Expresso*, quando foi abordada por mim em sua barraca que vendia água de coco.

¹⁸ A advogada e a procuradora do grupo A podem constar entre os informantes, porque o foco é o uso dos termos para se referir ao sujeito criminal de acordo com as suas respectivas experiências linguísticas e pessoais.

¹⁹ O empresário aposentado afirmou quanto ao salário que vive bem na Zona Sul, em Botafogo. Portanto, consideramos que está dentro da perspectiva do grupo socioeconomicamente bem estabelecido. Ele também é uma exceção quanto ao Ensino Superior, pois não foi concluído.

As entrevistas foram feitas nas ruas, supermercados, em praças, universidades, pontos de ônibus ou cafés.

Os informantes foram escolhidos de forma aleatória e todos tinham consciência de que a sua fala seria gravada. Muitas pessoas foram abordadas, mas se recusaram a falar sobre o assunto. Outras pessoas começaram a entrevista, mas quando tinham que informar sobre seus subempregos e o quanto recebiam, desistiram de fazer a entrevista pela metade. Outros se sentiram intimidados com o gravador, um deles foi um bicheiro que pediu para que eu desligasse o aparelho porque estava se sentindo muito incomodado, mas ressaltou que se eu quisesse entrevistá-lo sem gravar, teria prazer em me informar suas opiniões.

A maioria das pessoas socioeconomicamente desfavorecidas precisava falar de forma bastante apressada, porque o local muitas vezes não favoreceu o desenvolvimento da entrevista: o barulho das vias, o medo de o ônibus chegar antes de completar as respostas, o colega de trabalho que intercepta a entrevista sem ser convidado, o horário de almoço que está quase no fim, etc. Talvez esse seja alguns dos motivos que contribuíram para que as respostas do grupo B ficassem bem mais curtas que as respostas dadas pelo grupo A. Também por esse motivo, fizemos apenas quatro perguntas, elaboradas de forma a provocar respostas longas ou curtas, conforme a vontade e necessidade de o falante se expressar ou do tempo que está disposto a gastar fornecendo as informações.

As perguntas²⁰ motivadoras na entrevista foram: Como você avalia a criminalidade no Rio de Janeiro, atualmente? Quando você fala em bandido, você quer dizer o quê? Você conseguiria diferenciar bandido de criminoso? Você já foi vítima da criminalidade? Conte-me como foi. Enquanto a primeira pergunta cumpriu o objetivo de ativar o domínio cognitivo mais amplo e investigar em que circunstância o falante abordaria o agente criminal ou o bandido de forma indireta, a segunda já o faz de maneira bem direta e específica, convidando o entrevistado a pensar e repensar sobre o que significa o termo bandido de forma objetiva. Já a terceira pergunta ocorreu normalmente depois de o falante ter usado diferentes nomenclaturas: bandido, criminoso, ladrão, político, etc., para abordar o sujeito criminal enquanto a quarta pergunta cumpriu o propósito de disparar uma

²⁰²⁰ As entrevistas não seguiram necessariamente esta ordem todas as vezes, exceto a primeira pergunta que sempre abriu as entrevistas.

narrativa, por meio dos seus respectivos enquadres, evidenciados muitas vezes por meio dos verbos de ação ou dos nomes.

Através da análise das falas, tanto é possível identificar o conceito do sujeito criminal com perguntas diretas, quanto de forma indireta, por meio de narrativas, ainda que curtas, elaboradas pelos participantes no momento da entrevista. Por meio das respostas deles, observamos se o conceito do dicionário e dos jornais são reiterados pelos falantes e se a condição socioeconômica é um fator relevante para a maneira através da qual o bandido é conceituado para esses grupos específicos.

3.2

As experiências individuais e a experiência partilhada na construção do conceito de “bandido”

Segundo a perspectiva cognitivista, entende-se que o conhecimento linguístico não pode ser desvinculado do conhecimento enciclopédico do falante. Nesse sentido, as experiências de fala e interpretação se associam às experiências de outras naturezas, sensoriais, motoras, concretas ou abstratas. Diante disso, a nossa proposta de análise além de considerar a relação “profícua” entre conhecimento linguístico e conhecimento de mundo, sendo o primeiro “parte” do segundo, também considera que o conhecimento do falante seja individual e partilhado ao mesmo tempo. Quando consideramos a questão individual, falamos em um sujeito empírico histórico, que possui experiências singulares relativas às suas vivências particulares; consideramo-lo também um ser biológico, que possui um potencial fisiológico capaz de interpretar o mundo ao seu redor. Quando falamos em conhecimento partilhado, o que fica em evidência é o caráter social e cultural da linguagem. O que consideramos é que as experiências do falante sobre o sujeito criminal não são descontextualizadas, isoladas e vividas apenas por ele sozinho, mas como algo que faz parte de algum contexto de interação que implica a convivência com o outro nem que seja imaginariamente. Portanto, a tentativa que fazemos é a de considerar as singularidades das ocorrências de bandido e de outros agentes criminais nos jornais e nas falas, mas, principalmente, a de desenhar a imagem do bandido e do sujeito criminal compartilhada social e culturalmente.

Do ponto de vista linguístico, *bandido* é proveniente da forma italiana *bandito*, que por sua vez, é o particípio passado do verbo *bandir*. Pelo fato do /t/ e /d/ serem fonemas de articulação semelhante, com o tempo, pode ter havido o vozeamento, passando de /bandito/ para /bandido/.

Bandito em italiano já teria a função de particípio passado do verbo *bandire*, o qual equivale a *banir* em Português. Nesse caso, há uma possível gramaticalização que envolve o termo, no que se refere ao afixo *-ito* (o qual indica particípio passado em italiano, *-ido* em português). Segundo essa perspectiva, com o tempo, o sufixo perdeu sua força morfológica, passando a ser assimilado como parte do radical, inclusive para a formação de *bandidagem*²¹. Nesse caso, *bandido* passa a ser um adjetivo/substantivo e não um particípio passado, havendo assim uma mudança de classe.

De acordo com Langacker, de forma geral, há muitos indícios na língua que permitem que se observe as classe gramaticais do ponto de vista de um contínuo, e não como categorias que possuem limites rígidos. A relação linguístico-cognitiva que há entre a conceptualização dos particípios passados e dos adjetivos, entre adjetivos e substantivos, entre preposições e locativos entre outras relações contínuas, demonstram esses limites não discretos.

A migração de *bandido* enquanto particípio passado para a classe dos substantivos pode ser representada por meio do seguinte contínuo.



Também ainda do ponto de vista de Langacker, o qual afirma que a gramática é simbólica, também podemos inferir que algo de particípio passado tenha sido preservado na assimilação do substantivo *bandido*. Se o particípio já constitui em si uma característica baseada em fatos passados, *bandido*, então, desde sua natureza etimológico-conceitual já poderia trazer indícios de um sujeito

²¹ Podemos também considerar o processo de formação da palavra *bandidagem* como uma analogia a outras formas tais como: *pilantragem*, *catervagem*, *malandragem*.

sempre julgado *a priori*, independentemente de situações específicas, de crimes específicos.

Segundo as ideias de Langacker e também com relação aos pressupostos da Linguística Cognitiva, reiteramos que não poderia haver uma separação rígida entre significado linguístico do termo bandido e o seu significado enciclopédico. Não seria pertinente traçar na análise a diferença entre o uso linguístico e o seu significado em termos de conhecimento de mundo, em termos de experiência partilhada.

Nessa perspectiva, a interpretação do termo bandido por meio da linguagem não foi feita de forma dissociada aos demais domínios da experiência humana até quando propomos a apresentação dos domínios ativados. O que observamos nas entrevistas é que o falante entende, organiza e interpreta o termo bandido tendo como base o seu conhecimento de mundo, todas as situações em que utilizou o termo, evocando os domínios de conhecimento partilhado.

Portanto para compreender o que significa bandido, ou sujeito criminal e ser capaz de usar o termo e até mesmo teorizar sobre ele, o falante acionou a sua experiência, o seu repertório, o seu conhecimento de mundo sobre o meio, a sociedade, a cultura em que vive; todas as experiências em que teve contato na vida sobre bandido, criminoso ou que já ouviu falar, ou seja, todas as situações de interação que, de alguma forma, fizeram menção ao sujeito criminal, e que foram armazenadas na memória. Já com relação aos jornais, consideramos um falante/leitor imaginário, que poderia ler o jornal, destacando a questão partilhada da vivência do termo.

A noção de item lexical aqui empregada foi uma noção também cognitivista, pois consideramos que bandido seja, na verdade, uma teia complexa e dinâmica de significados e não um significado objetivo e estático. Dessa forma, bandido não possui um ou mais significados, literais ou metafóricos, mas evoca ou ativa uma rede de significados que não está consolidada de forma fixa, não possui uma natureza ontológica, não considera a palavra como um corpo que guarda um ou alguns significados. Sozinha, a palavra bandido não significa.

A natureza estática do significado de bandido é apenas uma contraparte de sua natureza dinâmica e implica que este item lexical pode evocar ou ativar redes de conhecimento no momento de interação, probabilisticamente, para os falantes de uma dada cultura. O conhecimento cultural é partilhado e ajustado na

interação, considerando uma série de questões contextuais. Portanto, a teia pode variar de acordo com o conhecimento de mundo do falante, ou de acordo com as notícias dos jornais, mas pode ser considerada como social e culturalmente estabilizada.

3.3

Os principais domínios acionados e a matriz conceptual do agente criminal

Segundo Langacker, *domínio* é um conjunto estruturado de experiências correlacionadas, baseado no conhecimento de mundo do falante, que possui uma estrutura dinâmica compartilhada socialmente. Quando uma palavra ou expressão é dita, o que ocorre é o envolvimento de um conjunto de conhecimentos prévios do falante-escrevedor e do ouvinte-leitor que são acionados no momento de interação. Uma expressão pode invocar um conjunto de domínios a que Langacker (2008) denomina *matriz*.

O que pretendemos neste momento é mostrar quais foram os domínios ativados nas notícias dos jornais e nas respostas das entrevistas, para entendermos melhor a matriz conceptual e o conhecimento de mundo ativado junto ao conceito de bandido e dos demais sujeitos criminais. Como entendemos que bandido serve de acesso mental a uma teia de significados, e vice-versa, então esta teia contribui em certa medida para o significado de bandido.

Mesmo pressupondo uma relação intrínseca entre léxico e gramática, fazemos o levantamento lexical dos termos utilizados juntamente ao sujeito criminal, sem considerarmos necessariamente neste momento a ordem em que aparecem, mas o fato de que são ativados no mesmo texto em que há o sujeito criminal. Essas pistas linguísticas evocam domínios estruturados do conhecimento que são recorrentes, apesar de dinâmicos.

Como a língua opera metonimicamente, conceitos dão acesso uns aos outros durante a interação. As expressões linguísticas são escolhidas dentre as várias opções que o falante possui. Descrever a matriz conceptual de bandido é identificar que domínios do conhecimento ocorrem com o conceito de bandido, seja baseando-o, seja ampliando-o, seja expandindo-o.

Com base nos domínios ativados nas entrevistas e nas notícias, apresentamos as correspondências entre eles, demonstrando como é complexa a organização do conhecimento humano e a maneira através da qual esse conhecimento pode ser acessado por meio da linguagem.

Para organizar a análise e mostrar como esse conhecimento pode ser demonstrado do ponto de vista cognitivista, separamos para fins representacionais a relação entre domínios cognitivos que formam matrizes intermediárias, ou domínios cujo escopo seja maior e mais esquemático que o conceito de BANDIDO, tais como Langacker (2008, p.46) observa.

Consideramos para tal fim alguns domínios que contribuem para a conceptualização do conceito de bandido: os domínios relacionados às **ESTRUTURAS**, pois remetem cognitivamente à conceptualização de estruturas abstratas que contribuem para o entendimento do conceito de bandido, tais como FAMÍLIA, SOCIEDADE, ESTADO, PAÍS e SUJEITO; domínios relacionados a **LOCAIS** que remetem ao sujeito criminal, podendo ser seu local de origem, atuação, prisão, registro de ocorrência; domínios relacionados à **IMAGEM** do sujeito criminal, com características físicas ou emocionais; domínios relacionados aos **SENTIMENTOS** experienciados ou disparados pelo sujeito criminal; domínios relativos à **FORÇA**, que ancora a noção de ação do sujeito criminal e que também servem de acesso mental a ele. Todos esses domínios são apreendidos pelo falante anteriormente à própria noção de sujeito criminal, já que são domínios de conhecimento mais enraizados e básicos. Eles não se aplicam somente ao sujeito criminal, mas servem como subsídio para que possamos entendê-lo melhor.

Domínios ativos nas entrevistas

Na primeira pergunta da entrevista pedimos para o entrevistado falar sobre a situação da criminalidade no Rio de Janeiro. Ela tem o objetivo de investigar a relação entre o domínio cognitivo CRIMINALIDADE e o domínio cognitivo BANDIDO. Observou-se com isso se o entrevistado abordou ou não o sujeito criminal imediatamente após ser questionado sobre a criminalidade. Segundo os dados, nenhum participante acionou de forma imediata o termo *bandido* sem que este tenha sido usado anteriormente na pergunta. Ninguém utilizou o termo *bandido* quando a pergunta questionava a criminalidade no Rio de Janeiro.

No grupo A, o sujeito criminal apareceu em respostas onde os entrevistados dispuseram de mais tempo para descrever a situação da criminalidade aferindo causas à ela ou descrevendo-a com exemplificações. De forma geral, as respostas do grupo B são muito mais curtas que as do grupo A. Enquanto houve uma maior exploração do domínio relativo à CRIMINALIDADE nas respostas do grupo A, o grupo B ofereceu avaliações concisas sobre a situação da CRIMINALIDADE no Rio, conforme observamos nas seguintes falas:

“K: Olha, eu acho que está como no mundo todo” (Informante B2).

“T: Bastante...” (Informante B3).

“L: Ter-rí-vel!” (Informante B4).

“MA: Tá em alta” (Informante B5).

“MR: Tá horrível né? Porque a gente não tem mais sossego...pra mim tá horrível...” (Informante B6).

“M: Cara, não é só no Rio de Janeiro não...acho que tá no Brasil todo, né? Tá braba.. tá feia a coisa. Não tá uma situação boa não...” (Informante B7).

“D: Ah.. eu acho que está de mal a pior, cada vez pior né?” (Informante B9).

Além dessas falas, observamos que no grupo B uma informante acionou o domínio relativo à VIOLÊNCIA e outra acionou o domínio relativo à SEGURANÇA e a ESTADO:

“F: Tá mais **violenta** do que qualquer outra coisa” (Informante B1).

“L: De uma forma geral, eu avalio a criminalidade de uma forma bem tensa e preocupante. E o estado em termos de **segurança**, ele perdeu o controle totalmente. Essa é a minha opinião” (Informante B8).

No grupo B, apenas uma informante acionou o sujeito criminal em resposta à primeira pergunta, acionando juntamente a ele o domínio ROUBO, abordando o sujeito criminal como AS PESSOAS e utilizou o pronome eu no sentido de ele. No grupo A uma informante acionou o domínio ASSALTO :

“B: Eu acho que já perdeu o sentido. Antigamente **as pessoas roubavam** para se alimentar ou porque faltava alguma coisa dentro de casa. Hoje em dia acho que perdeu esse sentido, **as pessoas roubam** pra se drogar, pra ...mostrar que são capazes de ...de....fazer alguma agressão, alguma coisa assim. Antigamente a gente ouvia muito assim... ah: **eu roubei** porque eu tava passando necessidade, porque meu filho precisava comer, porque eu tô desempregado há muito tempo. Hoje em

dia já perdeu o sentido. É mais fácil, vamos dizer assim eu te abordar, eu roubar um celular do que de repente eu começar a trabalhar...começar a ter um ritmo diferente” (Informante B10).

“H: Olha... o mesmo de sempre. Não mudou nada. Tinha **assalto**, hoje tem. Não mudou nada de trinta anos pra cá” (Informante A2).

Bem diferente das repostas do grupo B, no grupo A houve mais casos de pessoas que acionaram PAÍS, ESTADO, GOVERNO imediatamente após perguntarmos sobre a situação da criminalidade no Rio, atribuindo a eles a falta de qualidade, de organização ou estruturação social.

“F: Criminalidade? Pra mim é algo sem **controle**. Acho que o **país**, o rio é algo que está sem controle. Não sabe pra onde vai nem como vai” (Informante A1).

“M: olha, o que eu percebo é que você tem um aumento de incidentes de criminalidade que para mim está relacionado ao **despreparo** do **Estado** por não agir de forma preventiva” (Informante A4).

“L: Olha, um retrato é bem difícil de eu falar...mas eu estou achando um retrato horrível, péssimo. Que não havia... não tinha o porquê dessa criminalidade. Não tem um porquê, não tem uma explicação. Tá me entendendo? E eu acho... EU acho... que seja devido essa **confusão** do **governo**” (Informante A3).

“V: Tá difícil né:: Acho que tá difícil pra todo **país** neh?... Eh::Não sei se falta **seguran::ça**, se é uma questão de **educação**... a gente fica sem saber se aumentou não é? Pelo menos na minha área eu achei que:: aumentou muito né? Muito muito:: **assal::to**, as **esco::las**, o **policiamento** é fra::co. Entendeu? Eles vem um dia depois parece que eles não vem em vários dias e parece que **os meninos** sa::bem disso. A questão também de da **maioridade** ne? **Penal** e **eles** sabem e **eles** enfrentam falam eu sou **de menor** não podem fazer nada comigo. Mas a gente sabe também que diminuir a idade não vai resolver nada. Tem isso também ne? A gente não pode achar que vai passar pra dezesseis anos que vai resolver. Isso é uma coisa de **infraestrutura** bem anterior a.. quando chega nesse ponto a **questão familiar**, a **questão da educação** que eles ficam se uma atividade ne?**os meninos** cheirando cola o tempo todo aqui no largo do machado. É triste. Situação geral sem falar que o mundo todo tá complicado, mas a gente tem que falar do nosso mundinho, ne?” (Informante A3).

Na resposta da informante A3 há o domínio PAÍS, SEGURANÇA, EDUCAÇÃO, ASSALTO, ESCOLA, POLICIAMENTO para em seguida abordar o sujeito criminal, que é descrito como: OS MENINOS, ELES e DE MENOR. INFRAESTRUTURA, POLICIAMENTO, EDUCAÇÃO E ESCOLA podem ser considerados (neste caso) como entidades que compõe o domínio relativo à ESTRUTURA SOCIAL a que os componentes do grupo A se referiram.

Mais adiante, o informante A7 ressalta que a segurança é uma responsabilidade de várias instâncias da estrutura social:

“E os responsáveis pela segurança de outros cidadãos tem nome, a polícia militar, o estado, o próprio judiciário tá entendendo... todo o complexo.” (Informante A7).

Portanto, SEGURANÇA é conceptualizada como um dos importantes pilares da estrutura social segundo os falantes. No grupo B, a informante B9 se queixa sobre a falta da segurança nas comunidades:

“Tristeza porque a gente mora aqui. Entendeu? E não tem segurança...” (Informante B9).

Nesse caso, a partir das respostas dos participantes, principalmente do grupo A, concluímos não haver uma relação tão direta entre o domínio CRIMINALIDADE e o domínio BANDIDO, já que CRIMINALIDADE aciona nos participantes conceitos mais relacionados à estrutura social em que está inserido o sujeito e não ele em si. Os principais domínios cognitivos ativados quando falamos sobre a questão da ESTRUTURA²² dizem respeito na maioria das falas a essa estrutura social.

Saindo do escopo da primeira pergunta, em vários outros momentos da entrevista o sujeito criminal é abordado como alguém que não usufrui dessa estrutura que serve de base para a conceptualização da criminalidade, seja ela familiar ou social, sendo alguém que não possui oportunidade de estudar e de se formar enquanto sujeito. Por isso, segundo os falantes do grupo A, o Sistema, o Governo, o Estado são considerados falhos ou como a própria personalização do bandido:

“O Estado, por exemplo, pra mim, eu considero um estado criminoso” (Informante A7).

“A gente não pode achar que vai passar pra dezesseis anos que vai resolver. Isso é uma coisa de infraestrutura bem anterior a... quando chega nesse ponto, a questão familiar, a questão da educação que eles ficam sem uma atividade, né?” (Informante A5).

²² Quando Langacker fala em estrutura, na maioria das vezes ele se refere à estrutura do conhecimento enciclopédico, à estrutura simbólica, à estrutura semântica, mas não à estrutura enquanto um domínio específico do conhecimento. O que sugerimos é que estrutura também é um domínio do conhecimento que pode ser entendido como sendo mais esquemático a outros domínios tais como família, sociedade e governo. Nas entrevistas, observa-se o quanto o domínio da ESTRUTURA serve de base para a conceptualização de conceitos mais complexos e mais específicos tais como FAMÍLIA, SOCIEDADE, ESTADO e GOVERNO.

“Às vezes vem de uma família que também não tem estrutura, aí a pessoa cresce naquela revolta” (Informante A8).

O sujeito criminal, diante disso, pode ser considerado uma vítima ou como um dos resultados de uma estrutura social mal sucedida ou cognitivamente falando como uma entidade que compõe o domínio CRIMINALIDADE, mas que não foi ativado de maneira saliente nas respostas, sendo acionado em segundo plano e não em primeiro.

A índole do sujeito criminal também pode ser comparada a uma espécie de estrutura de sujeito, como se a personalidade fosse também algo concreto, objetivo e essencialista. Nesse sentido, o sujeito criminal foi conceptualizado como alguém que não possui educação moral. Isso ocasionaria a desestruturação do sujeito, conforme o informante A3 explica:

“A educação que eu digo é a parte de formação de um ser humano. Nasceu, aquele ser tem que ser formado. Se ele não é formado, ele vira um bandido” (Informante A3).

Isso de certa forma também dispara sentimentos relacionados ao medo do sujeito criminal que se reflete no local onde ele possa atuar, tal como a informante A8 relata:

“Assim, existe um preconceito muito grande sobre uma imagem que querem te colocar pra você ter medo. Neh?; Então assim, eu fiquei com medo...e eu tenho medo até hoje. Eu tenho muito medo daqui” (Informante A8).

Por meio das falas dos entrevistados, também observamos uma forte tendência em abordar o sujeito criminal por meio de um esquema linear, seja uma linha horizontal ou vertical. Nesse sentido, o sujeito criminal seria aquele que “saiu da linha”, conforme observamos nas seguintes falas:

“E isso está assim por falta de políticas sistemáticas de combate, de socialização, de apoio também de encaminhamento” (Informante A4).

“Um criminoso... e aí...ele ultrapassa a linha, quer dizer... Ele vai toda vida, eu vejo assim....” (Informante A5).

“Ele já vai... você pode fazer tudo...menos matar... você não pode matar o outro...se você mata, você ultrapassa aquela linha né?” (Informante A5).

De forma indireta, esse esquema também demonstra que a estrutura em que o sujeito criminal está inserido, a SOCIEDADE, ou o SISTEMA também não estão bem “alinhados”, “encaminhados”, mas “sem direção”, quando se trata de seu funcionamento, ocasionando mais uma vez o sujeito criminal como um resultado dessa falta de planejamento, segundo a opinião dos participantes. Nesse sentido, observamos que os conceitos de ERRO, DIFICULDADE e COMPLICAÇÃO estão correlacionados nas respostas dos participantes das entrevistas.

Quando perguntamos na entrevista: “quem ou o que é o bandido?” abordamos diretamente o termo com o objetivo de fazer com que o falante o conceitue. No grupos A e B, bandido foi conceituado por meio do local onde atua ou vive, por meio de suas ações ou por sua índole e por sua imagem. No grupo B três participantes acionaram o domínio POLÍTICA para conceituar o bandido; no grupo A participantes também acionaram o mesmo domínio imediatamente:

“K: As pessoas que estão dirigindo o país, a **política**. São os piores bandidos. São os colarinho branco” (Informante B2).

“T: Olha, primeiramente vem **política**. Primeiramente vem isso” (Informante B3).

“L: A palavra bandido vem da expressão à margem da lei, né? Não existe aquela diferença entre o bandido que tá fardado, que tá de terno e gravata em **Brasília** ou que tá roubando na rua. Pra mim bandido é bandido. É aquela pessoa que está à margem do que é previsto. Essa é a minha opinião” (Informante B8)

“F: De cara vem político, né? Acho que o momento é esse ne?” (Informante A1).

“H: Assim.. bandido são vários.. tem bandido de tudo quanto é jeito. Eu trabalho com operário, então tem operário que é bandido... não bandido ... bandido porque:: não é uma pessoa do bem. Então... tem vários tipos de bandido...o empresário bandido, o cliente bandido que não me paga, risos... tem vários tipos de bandido” (Informante A2).

Na resposta do informante B8, o termo Brasília promove acesso mental à POLÍTICA, já que é a sede do Governo Federal. Além disso, observamos que o bandido conceptualizado pode trajar terno e gravata e farda. O recurso cognitivo que o falante utiliza ao formular sua resposta demonstra a vestimenta de uma determinada categoria, representando-a como um todo. O que o falante que dizer é que o bandido pode ser um policial, um político, um empresário. O mesmo recurso metonímico é utilizado quando a falante B2 afirma “colarinhos-branco”, uma parte da vestimenta serve de acesso mental à categoria dos empresários, dos políticos, etc. Os domínios cognitivos são dinâmicos devido à forma com que

acessamos e expandimos o seu conteúdo por meio dos recursos cognitivos que utilizamos no dia-a-dia ao interagirmos.

Algo semelhante ocorre também com o grupo A. A informante A2 ressalta as categorias relacionados ao OPERÁRIO, CLIENTE, EMPRESÁRIO e qualquer pessoa que possa não ser “de bem”. A informante A5 explica que a visão sobre o *bandido* mudou, não sendo mais apenas aquele que assalta, mas o político, ou até um religioso. O informante A7 utiliza outras características dessas e de outras categorias ao conceptualizar o BANDIDO. Em sua fala subsequente, ele dá nome às categorias que já haviam sido ativadas por ele anteriormente:

“I: Eu já falei o que é o bandido. O bandido ...você faz linguística...vc deve entender um pouquinho desse linguajar, o que é o bandido? O bandido é uma palavra. O banqueiro é bandido” (Informante A7).

“Tem bandido que veste roupa de marca, tem bandido... eh:: que fala bem...que tem tudo.. que teve oportunidade...você vê bandido no **congresso**...” (Informante A7).

“Então, a margem ...quem está a margem da lei é o marginal não importa quem e aí ele entra com o rótulo de bandido, de malfeitor... e não importa quem é não... pode ser juiz, pode ser o delegado, pode ser o policial, se ele tiver a margem da lei ele é um marginal” (Informante A7).

“V: Quer dizer...o bandido alterou tanto né? Que antigamente a gente falava bandido...é aquele que assalta...agora hoje em dia o bandido pra mim e o político, o bandido é ... o bandido generalizou... ele ficou uma coisa muito mais pulverizada, quer dizer...o bandido ali ...aquele mocinho e o bandido... não tem mais mocinho e bandido neh? A coisa tá muito ...até pra você entender que não existe este maniqueísmo. O bandido pode estar ali orando...tem questões, áreas bandidas...então é uma coisa complicada, falar em bandido...porque senão você aprisiona. Bandido é aquele menininho que tá ali. Bandido é quem assalta. Não é isso né?” A5

“Então é por isso que eu tenho horror de **político**, sabe... eu tenho assim... um sonho..hh que aquele congresso explodi::sse...com todos...” (Informante A10).

“Pra mim todos são bandidos. Que nós que moramos em comunidades, nós somos vítimas dos bandidos, da polícia e da milícia.” (Informante B9).

DESIGUALDADE SOCIAL e outros domínios relacionados à RIQUEZA, POBREZA, POMPA, EXPLORAÇÃO, MISÉRIA também ocorreram nas falas. O sujeito criminal oscilou entre aquele que possui riqueza, pompa e dinheiro e também aquele que não tem nada disso. O sujeito criminal conceptualizado da primeira

forma foi predominante em falas quando se referiam aos políticos ou a empresários, conforme observamos em:

“Eu acho que tem muita gente pobre e que é por isso que tem... criminalidade... com certeza. É porque a diferença é muito grande, a desigualdade social aqui é muito nítida” (Informante A8).

Ainda nas respostas relativas à pergunta sobre o que é o bandido, apenas um informante conceptualizou o domínio VIOLÊNCIA, levando-nos a inferir que *bandido* surpreendentemente não acionou imediatamente esse conceito de forma imediata para os participantes: “F: Violência mesmo” (Informante B1).

Outros dois participantes do grupo B, conceptualizaram bandido como o morador do morro ou da favela. Para a informante A8, o bandido é o morador da favela revoltado com o sistema. No caso da informante B10, há o acionamento de outros domínios cognitivos. Além de MORRO, há o acionamento de ASSALTO e DROGA:

“MA: Pessoa de favela...logo isso” (Informante B5).

“Você mora aqui no rio aí você vê...você mora na favela e você vê que tem outro mundo, entendeu?! Que esse outro mundo explora as pessoas as pessoas da favela aí a pessoa cresce naquele ódio naquela revolta então por isso que a pessoa se torna um bandido, entendeu?!

porque assim...eu não tenho... aí ela vai começar a roubar ou a matar, entendeu?! por causa disso...assim...então assim o problema não é o bandido, o problema é toda a nossa... o nosso sistema...entendeu?! (Informante A8).

“B: Hoje em dia é muito difícil esse negócio de bandido que é ... na minha adolescência o bandido ou ele ficava ...ele era o bandido do morro, ele ficava dentro do morro usando suas drogas. Tinha aquele bandido que a gente pensava logo em assalto de banco...né? Essas coisas. Hoje em dia Bandido pode ser qualquer pessoa. A gente não sabe mais, de repente aqueles antigos que ficavam dentro do morro hoje em dia são até mais suaves...do que esses, até desses meninos...que se drogam pra fazer alguma coisa” (Informante B10).

O conceito de agente criminal, conforme observamos nas falas dos participantes, a conceptualização de BANDIDO está fortemente relacionada a locais específicos, sejam eles concretos ou abstratos.

A diferenciação entre Zona Norte e Zona Sul no Rio de Janeiro também é bastante nítida. Nas falas dos entrevistados a distinção é feita com detalhes tanto por falantes do grupo A quanto do grupo B:

“... Mas eles só enxergam a violência de um garoto que já sofre a violência antes de ele atravessar o túnel porque ele é negro. Ele não pode atravessar o túnel pra não se misturar com os brancos da zona sul” (Informante A7).

“E não tem segurança.. Igual aqui na Zona Sul que eu trabalho aqui e não acontece esse tipo de coisa. Lá é todos os dias, aqui não.” (Informante B9).

Outro local também estigmatizado é o transporte público, mais precisamente o ônibus, ressaltando o receio em ser assaltado dos informantes do grupo A. Aliás, a sensação de insegurança do grupo A é relativamente maior que do grupo B, apesar de haver mais relatos de experiências com assalto ou roubo com o grupo B:

“Eh:: retenção... eu não ando mais de ônibus...Eu ando de metrô. (Informante A4).

“Ah::já fui assaltada em ônibus, já fui refém de um assalto em Búzios...” (Informante A6).

“Uma vez eu fui vítima dentro de um ônibus . Roubaram todo o meu... todo mundo que tava no ônibus. Pessoas que entraram como se fossem passageiros mesmo ...”(Informante B10).

J: Você já foi vítima da criminalidade?

MR: Ainda não...só assalto...

J: Como que foi?

MR: dentro do ônibus.” (Informante B2).

“Eu já vi vários assaltos na rua, meu marido é taxista e já foi assaltado várias vezes. Já vi vários assaltos assim na rua, banais...” (Informante B10).

Conforme demonstrado, participantes relataram assaltos que ocorreram dentro de ônibus. Participantes do grupo A afirmaram que evitam o transporte público por temer arrastões e retenções no trânsito.

Por último, ao responder à pergunta direta sobre o que é o bandido, há participantes no grupo B que acionaram os domínios relativos a MEDO, MALDADE e MORTE:

“L: São pessoas más” (Informante B4).

“MR: Ah... dá medo, né? A gente não sabe a reação deles, né? Por que pra mim eles tem o coração no pé, ne? Pra mim tanto faz eles matar como deixar vivo (Informante B2).

M: Eu acho que bandido mesmo são esses caras que assaltam...a mão armada, assaltante de banco, traficante mesmo que você vê na televisão... esses aí...sei lá...num vejo que seja bandido ...são meninos de rua, as vezes querem uma comida...alguns são..cheirador de cola, eles querem alimentar o vício, eles roubam mesmo... (Informante B7).

A MORTE é colocada como relacionada ao domínio esquemático da LINEARIDADE como “o fim da linha”, neste caso para a vítima, o qual remete a um mapeamento metafórico a partir da metáfora A VIDA É UMA JORNADA, baseada por sua vez no esquema imagético LINEAR. ENCAMINHAMENTO, DIREÇÃO, e CORREÇÃO também podem como um domínio mais baixo a LINEARIDADE, assim como a noção de dificuldade por ser vista como um objeto que obstrui o caminho, baseado na metáfora DIFICULDADES SÃO IMPEDIMENTOS que também é sustentada pelo esquema imagético relacionado à LINHA. Além disso, MORTE também pode ser conceptualizada como uma maneira de parar ou controlar o sujeito criminal, tal como já observamos na fala da informante A10:

“Então é por isso que eu tenho horror de político, sabe... eu tenho assim... um sonho..hh que aquele congresso explodi::sse...com todos...” (Informante A10).

Os domínios relacionados à FORÇA foram utilizados com bastante frequência também. Esses, na verdade, foram os domínios que prevaleceram com relação à conceptualização direta do sujeito criminal, inclusive com relação aos eventos mais característicos de atuação do sujeito criminal tais como: ASSALTO, ROUBO e MORTE. Isso porque o termo *bandido* tem como referente um agente. Portanto, consideramos para esse efeito que o domínio cognitivo FORÇA sirva de base para o domínio AÇÃO, a qual é impulsionada por uma FORÇA consciente ou não. ASSASSINAR, ROUBAR, AGREDIR, MATAR são eventos que têm como base a força física do sujeito criminal para desempenhar tal ato contra a vítima e isso pode ser visto como uma forma de definir o sujeito criminal:

“Não.. ele... é...psicopata ..porque se chega a matar é psicopata...quem tira a vida do outro é psicopata... Ele já vai... você pode fazer tudo...menos matar...” (Informante A5).

“Ahh é o que rouba, é o que faz mal, é o que mata...Não e coisa boa não.”(Informante B1).

De acordo com o mapeamento dos domínios relacionados à FORÇA, há sempre um clima de tensão entre o sujeito criminal e a sociedade, entre o sujeito criminal e a polícia e entre os sujeitos criminais e outros sujeitos criminais.

Segundo o informante A9, a relação de tensão entre o sujeito “de bem” e o sujeito criminal ou contra a polícia é uma forma de definir o bandido.

“Tem tem os bandidinhos.. tem os bandidoes... neh?! tem aqueles que tão por trás de tudo que so mandam.. tem aqueles bandidinhos que são os laranjas neh?!... que ficam na frente de batalha... que são esses que morrem com contra a polícia, neh?!passam medo nas pessoas e acabam morrendo pela polícia...então...” (Informante A9).

“E os bandidos são todos aqueles que não são militares...e que não são pessoas comuns, pessoas de bem” (Informante A9).

Em última análise, segundo os dados, o sujeito criminal é conceptualizado como uma FORÇA CONTRÁRIA ao que seria previsto socialmente segundo o que seria uma “boa conduta”, como uma força que precisa ser controlada ou finalizada.

Um dos domínios mais recorrentes e mais baixos no que se refere à hierarquia conceptual dentro de uma matriz complexa ativada na conceptualização de BANDIDO e demais sujeitos criminais diz respeito às situações de CONTROLE. O sujeito criminal é conceptualizado finalmente como um sujeito fora de controle, mas que precisa ser controlado, parado ou finalizado. Segundo os entrevistados, o bandido é o sujeito que ou não tem controle sobre si mesmo ou provoca um descontrole no ambiente, conforme ressalta A1 ao ser questionado sobre o que é bandido:

“F: Acho que é uma banalização... se o governo pode fazer então por que eu não posso fazer? É cada um por si, vale tudo. Sem controle. É um país totalmente descontrolado”.

O domínio relativo ao CONTROLE/DESCONTROLE é realmente uma informação que salta dos dados. Muitos participantes consideram que o país, o estado, o Rio de Janeiro pertença a uma grande situação de descontrole com relação à criminalidade. Nesse sentido, a criminalidade pode se tornar uma personificação do próprio sujeito criminal, que por sua vez representa a força que deve ser controlada:

“Bandido é a nossa... sociedade. A nossa sociedade que eh... uma sociedade sem rumo.. sem...lei...” (Informante A3).

Portanto, pelo fato de o sujeito criminal ser conceptualizado como uma força contrária e, metonimicamente, como o motivo ou como a consequência de um movimento contrário ou, no mínimo, como um movimento não esperado, foi bastante comum a conceptualização dele como um sujeito que precisa ser contido. Quando o descontrole não foi mencionado nos dados de uma forma direta, observamos a presença de diversos domínios que ativam a essa noção, tais como INTOLERÂNCIA, PRISÃO, DESORDEM, ANOMALIA, ILEGALIDADE, CRISE, CONFUSÃO. Nesse caso, bandido é conceptualizado como o sujeito mapeado dentro desses domínios, seja como agente, seja como objeto, é o sujeito que precisa ser preso, banido da sociedade ou morto, mesmo que seja uma criança ou um adolescente, mas para isso ele precisa ser um sujeito identificado, conforme observamos na seguinte fala:

“Qual é o seu crime, ahh é homicídio qualificado? vai ser julgado como adulto e vai ter pena de adulto até prisão perpétua” (Informante A10).

“C: pra mim, bandido é traficante, é assassino, é estuprador, é quem comete crime hediondo seja que tenha oito anos de idade ou cinquenta. Entendeu?.hh ((pausa)) Esses, pra mim, eu vou dizer exatamente o que penso a frase não é minha, bandido bom é bandido morto” (Informante A10).

De acordo com as falas há a necessidade muito grande em se identificar o bandido, de separá-lo da sociedade “de bem”, já que ele oferece risco às pessoas ao seu redor, seja um dano físico ou um dano psicológico. Há uma série de domínios cognitivos que cumprem o papel de fornecer informações sobre qual seria a imagem do bandido, de como identificá-lo. Os domínios relacionados até agora também contribuem para esta imagem, os locais de atuação e de origem do bandido; o bandido como um sujeito que (não) faz parte de uma estrutura social, que (não) possui uma estrutura interna, que ao mesmo tempo possui descontrole sobre seus atos e provoca descontrole ao seu redor; um sujeito que é considerado uma força que está fora de controle, mas que deve ser controlada ou finalizada também contribui para a construção da imagem do bandido.

Segundo os participantes, a imagem evocada do sujeito criminal também pode revelar de forma coletiva uma relação entre os conceitos de SOMBRA,

ESCURIDÃO, por meio de uma rua mal iluminada que incita o medo do que não se enxerga, conforme ressalta a informante A8:

“Então a partir daí eu já comecei a ficar com medo, se já era num lugar movimentado, fazendo isso imagina assim...passar numa rua escura... assim...?” (Informante A8).

Também há uma vinculação, ainda que seja um tabu pouco expresso pelos participantes de maneira geral, sobre a visão do sujeito criminal sendo um sujeito negro ou de cor parda, conforme aborda a informante A6:

“Ah:: geralmente é pobre, geralmente é...é... o negro...infelizmente ainda está muito ligado a essa personificação..” (Informante A6).

Observamos que o falante que abordou o negro como sendo um estereótipo para identificar o bandido o fez apenas com o propósito da desconstrução posterior do estereótipo. Mas isso não nega o fato de que o negro pobre foi citado e identificado como uma construção social que remete ao bandido estereotipado. Também seria muito difícil algum participante declarar de uma forma explícita a relação entre negro e bandido já que a entrevistadora é negra. No Grupo A, alguns participantes tocaram no tema tabu do preconceito contra negros, para reiterar a posição de que bandido não tem cor. Alguns participantes do grupo A também citaram uma imagem de bandido desfigurada, demonizada ou monstruosa, descaracterizando-o como pessoa:

“LA:eh:: na verdade bandido... É... Uma forma generalizada... De... De...a gente enxergar toda a parte que não é normal” (Informante A9).

“Que a criminalidade quando falam pra gente...inclusive tem televisão especializada em falar de crime... eu ao invés de combater o crime eles fazem apologia ao crime... eles falam tem que matar... este é um monstro” (Informante A8).

“ É o cara que é cruel, é outra espécie. É como se houvesse os filhos de deus e os filhos do diabo” (Informante A10).

De forma geral, o que pretendemos expor nesta seção é uma representação da matriz de domínios ativados de forma genérica quando se trata do conceito de bandido e dos demais sujeitos criminais. A matriz, conforme já explicitamos, é um conjunto de domínios do conhecimento. Não podemos afirmar que cada um

dos falantes, por meio das falas, independente de seu grupo ativa toda a teia de significados da mesma forma, mas poderíamos considerá-la como uma espécie de conhecimento compartilhado que baseia o entendimento do sujeito criminal na interação.

Em última análise, a partir da organização de uma teia de significados de bandido, consideramos do ponto de vista dos principais domínios ativados nas entrevistas que o bandido é conceptualizado como: um sujeito que não possui estrutura; um sujeito desumanizado; como um sujeito que atua em locais específicos, tais como em ônibus; provoca medo, mata e rouba. Diante disso observamos que o sujeito criminal é conceptualizado por meio de suas ações, por meio de sua imagem, por meio dos sentimentos que são causados por ele, diante de sua situação socioeconômica.

A teia está incompleta e a sua representação é um tanto arbitrária. Está incompleta porque seria improfícuo tentar ligar e representar todos os conceitos que bandido poderia acionar, já que as situações de comunicação são infinitas. É arbitrária, porque, mesmo que baseada nos dados, nós focalizamos quais domínios cognitivos iríamos abordar aqui. A grande questão que torna pertinente a apresentação desta teia é lançar luzes às relações que podem ser estabelecidas, mas não encerradas, sobre os sentidos que o sujeito criminal evoca, bem como a representação dos estereótipos enraizados cognitivamente, sustentados pelas pessoas de ambos os grupos quando se fala em bandido. Mas de forma geral, observando os domínios ativos, poderíamos considerar por meio dos resultados que os entrevistados do grupo A fornecem mais pistas para ativação de domínios cognitivos, tornando assim representação do conceito mais completa que o grupo B. Tanto o grupo A quanto o B abordaram o político como um domínio extremamente sobressalente quando se fala em bandido, acionando outras categorias tais como: empresário, polícia, milícia, juiz, entre outras para explicar o sujeito criminal. Ambos os grupos não acionaram o sujeito criminal na pergunta sobre criminalidade sendo que o grupo A acionou de forma mais relevante os domínios relacionados às políticas públicas, ao governo e ao estado que o grupo B. O grupo A demonstrou uma maior sensação de insegurança frente ao sujeito criminal que o grupo B. Em ambos os grupos houve a caracterização do sujeito criminal a partir de suas ações, origem, local de atuação, sentimento causado pelo sujeito e a sua imagem, mas apenas no grupo A houve a descaracterização do

sujeito criminal como ser humano. No grupo A também houve uma sensação de confronto mais evidente entre o bandido e o sujeito “de bem” que no grupo B. A partir dessas evidências, consideramos que a questão econômica pode ser um fator relevante para a maneira através do qual bandido é conceptualizado pelos grupos ainda que não seja um fator determinante.

Domínios ativos nos jornais

Da mesma forma que analisamos as entrevistas, identificando os principais domínios ativos que compõem a teia relacionada ao sujeito criminal, analisamos os jornais. Também observamos domínios mais esquemáticos que parecem influenciar a conceptualização de bandido nas falas relacionados à: ESTRUTURA, LOCAIS, IMAGEM, SENTIMENTO, FORÇA E CONTROLE.

Mas nem todos esses domínios foram relevantes para os jornais. Não há dados nos textos jornalísticos que demonstram a ativação direta de domínios relacionados aos SENTIMENTOS e às ESTRUTURAS de forma relevante para a conceptualização do sujeito criminal.

Por outro lado, houve muita ativação de LOCAIS, demonstrando a origem do sujeito criminal, os locais de sua atuação, onde foi preso, para onde foi encaminhado, entre outras situações que seguem uma espécie de rotina da notícia, tal como observamos nos dois jornais investigados:

“A galera que estava numa lanchonete em Ipanema não conseguiu terminar seu sanduiche na madrugada de ontem.” (*Expresso*, 19/9/14, p.6).

“O menor, que tem 17 passagens pela polícia (a maioria por roubo e furto) foi levado pelos PMs para a 14ªDP – Leblon, assim como os outros três jovens.” (*Expresso*, 29/9/14, p.8).

“Ela foi transferida, ontem, para a Cadeia Pública Joaquim Ferreira de Souza.” (*Expresso*, 6/9/14, p.6).

“Segundo a polícia Civil, o bandido foi pego quando tava no maior sono no sofá de casa, num condomínio em Belford Roxo.” (*Expresso*, 6/9/14, p. 4).

“Policiais procuram bandidos após troca de tiros no Complexo do Alemão.” (*O Globo on line*, 6/9/14).

Com relação ainda aos domínios relativos a locais, a maioria das notícias do jornal *O Globo* aborda incidentes criminosos que ocorreram fora da Zona Sul, tal como observamos na sequência de excertos:

“Depois de confronto entre criminosos, PM segue para comunidades de Madureira” (*O Globo On line*, 25/9/14).

“Polícia procura bandidos depois de trocas de tiros no Complexo do Alemão” (*O Globo On line*, 6/9/14).

“Bandidos armados roubam veículo que transportava celulares na Linha Amarela” (*O Globo On line*, 18/9/14).

“Sequestro-relâmpago na Zona Norte termina com um bandido morto e outro ferido” (*O Globo On line*, 11/9/14).

“Câmeras flagram fuga de bandidos que mataram engenheiro na Zona Norte do Rio” (*O Globo On line*, 2/9/14).

Há apenas um crime que se passa na Zona Sul:

“Polícia prende bandido que assaltou em banheiro subterrâneo da orla de Copacabana” (*O Globo On line*, 24/9/14).

Outro local de atuação do bandido é no transporte público, como o ônibus, por exemplo:

“Tentativa de assalto a ônibus termina com bandido morto” (*O Globo On line*, 13/9/14).

Há no jornal *O Globo* uma grande contribuição para que determinados locais sejam acionados de forma mais recorrente juntamente com o conceito de bandido fazendo com que haja uma espécie de vinculação entre determinados locais e o próprio sujeito criminal, já que a frequência parece ser um dos fatores determinantes para que conceitos se consolidem na memória.

No jornal *Expresso*, com relação à ativação dos locais de atuação do bandido há eventos criminosos também na Zona Sul, tal como podemos perceber. Parece haver um maior equilíbrio entre os locais vinculados ao sujeito criminal, tal como demonstramos com a seguinte sequência de excertos:

“A galera que estava numa lanchonete em Ipanema, na Zona Sul do Rio, não conseguiu terminar seu sanduiche na madrugada de ontem” (*Expresso*, 19/9/14, p.6).

“Líder da Maré é morto baleado” (*Expresso*, 19/9/14, p.6).

“Facções brigam por Mangueira” (*Expresso*, 6/9/14, p.6).

“Menores são apreendidos: eles estavam cheirando no Arpoador” (*Expresso*, 29/9/14, p.6).

“Policial militar é ferido em tiroteio no Proletário” (*Expresso*, 21/9/14, p.6).

Com relação aos locais que designam a origem do sujeito criminal, observamos que o jornal *O Globo*, diferente do jornal *Expresso*, fornece detalhes sobre a origem do agente criminal, tal como se pode notar em:

“Dani do Jacarezinho ficou preso por 21 anos e estava com um mandado de prisão pendente” (*O Globo On line*, 11/9/14).

“Considerada uma das áreas mais perigosas do Complexo do Alemão, a Nova Brasília é, dentro do conjunto de favelas, um dos maiores desafios para o policiamento, por ter muitos becos e vielas estreitos.” (*O Globo On line*, 12/9/14).

“Ainda segundo a polícia, os dois jovens, que são oriundos de Santa Cruz, na Zona Oeste, não têm antecedentes criminais”. (*O Globo on line*, 11/9/14).

Nesse sentido FAVELA é conceptualizada como um local de origem do BANDIDO. A questão da origem também pode ser evidenciada por meio de vínculo familiar, conforme observamos com o seguinte excerto:

“Filha de fundador do Porcão segue na cadeia” (*Expresso*, 6/9/14, p.6).

Nesse caso, o jornal faz questão de colocar que o sujeito criminal possui uma família rica, quebrando com o estereótipo presente no jornal *O Globo* do sujeito pobre e negro.

Seguindo a questão da identificação do sujeito criminal, observamos que o bandido é mencionado por meio do seu nome próprio completo quando é identificado, entre outros perfis que iremos tratar com mais detalhes na seção relativa à operação cognitiva correspondente.

Pelo fato de não haver definições diretas sobre o que é o bandido pelos jornais, mas apenas os eventos relacionados a ele, fica difícil analisar a descrição

física do sujeito criminal. No entanto, nos textos do jornal *O Globo* foi possível verificar algumas ocorrências descritivas sobre ele:

“Os outros dois bandidos, que também fugiram, são descritos como um homem negro de boné, e um menor. Este último também negro, estava com cabelos raspados e bigode ralo” (*O Globo on line*, 2/9/14).

No jornal *Expresso* não houve descrições verbais de sujeitos criminais. Mas imagens também contribuem para a construção do estereótipo. Nos textos do jornal *O Globo* não há imagens de mulheres ou de sujeitos criminais brancos, ao passo que no *Expresso* já têm.

Outros domínios importantes e recorrentes nos textos jornalísticos no que se refere ao sujeito criminal são os que ativam a FORÇA e o CONTROLE. FORÇA e CONTROLE são domínios ativados de forma direta na conceptualização do sujeito criminal porque são conceitos base para a conceptualização de ações que envolvem o sujeito criminal, tais como: prisão, apreensão, agressão, roubo e morte. Dessa forma, consideramos a utilização do domínio FORÇA e CONTROLE no Jornal *O Globo* nas seguintes situações:

“Após confronto entre criminosos de diferentes facções nos morros do Cajueiro e da Serrinha, em Madureira, Zona Norte, na noite de terça-feira, policiais militares 9ª BPM – Rocha Miranda estão no local, com o auxílio de blindado, na madrugada desta quarta-feira” (*O Globo on line*, 25/9/14).

“Policiais procuram bandidos depois de troca de tiros” (*O Globo on line*, 6/9/14).

“Policiais da 12ªDP (Copacabana) prenderam, na tarde desta quarta-feira, Adalto Conceição da Silva Barros, acusado de roubar uma mulher dentro do banheiro subterrâneo do Habib's, da Praia de Copacabana” (*O Globo on line*, 24/9/14).

“Natureza intacta e agredida: trinta anos de luta ambiental” (*O Globo on line*, 7/9/14).

“A chegada das forças policiais do estado ao Complexo do Alemão gerou uma das imagens mais marcantes do processo de pacificação do Rio” (*O Globo on line*, 12/9/14).

“Sequestro-relâmpago na Zona Norte termina com um bandido morto e outro ferido” (*O Globo on line*, 11/9/14).

No primeiro, há uma referência direta a uma briga por território de tráfico entre facções e entre bandidos e policiais. Nesse caso o BANDIDO é conceptualizado como uma FORÇA que age de forma contrária a outra força, que

seriam outros bandidos ou a força policial. A PRISÃO também pode ser entendida como um domínio do conhecimento cuja base cognitiva do CONTÊINER e do CONTROLE são ativados na conceptualização do sujeito criminal como algo a ser contido e, por isso, preso.

A contração entre forças opostas pode resultar em MORTE, que é um domínio sempre muito ligado ao sujeito criminal de diversas maneiras. No caso do exemplo dado anteriormente, a MORTE é conceptualizada como uma forma de CONTROLE e conseqüentemente de desfecho da notícia. O sujeito criminal é conceptualizado no jornal como uma força que foi parada, contida ou diminuída.

No caso do jornal *Expresso* também observamos domínios semelhantes. Podemos demonstrar isso por meio dos seguintes trechos:

“Bando ataca lanchonete” (*Expresso*, 19/9/14, p.6).

“Três grupos rivais disputam a favela” (*Expresso*, 6/9/14, p.6).

“Na Maré, confronto perto de escola assustou moradores” (*Expresso*, 21/9/14, p.6).

A partir da análise dos textos, quanto aos principais domínios ativados, observamos que a principal diferença que há entre os dois jornais com relação à conceptualização do bandido e dos demais sujeitos criminais é que *O Globo* tem a tendência de reiterar mais estereótipos que o jornal *Expresso*. Mas apesar de haver algumas diferenciações entre os jornais abordados com relação ao estereótipo do sujeito criminal e sobre o local em que o crime acontece, em ambos o sujeito criminal foi conceptualizado como um sujeito que se confronta com outros sujeitos criminais ou se confronta com a polícia e é preso, morre, sai ferido ou foge.

3.4

Foco e perspectiva: as prováveis cenas em que o agente criminal atua

Através das expressões linguísticas utilizadas pelos participantes ao conceituar bandido ou expor situações sobre o sujeito criminal houve a ativação de todo um complexo conceptual conforme explicitamos na seção anterior. No entanto, esse complexo é evocado ou acessado em parcelas particulares ou

selecionadas de conhecimento. Foco é a operação de conceptualização através da qual selecionamos uma porção do conteúdo conceptual. Ela pode ser mais bem entendida através dos conceitos de primeiro plano (*foreground*), de segundo plano ou de fundo (*background*) e em termos de composição (*composing*) e escopo (*scope*).

As aplicações de Langacker sobre a operação cognitiva relativa ao foco exemplificadas em situações de interação evidenciam que o conteúdo conceptual expresso por meio de uma estrutura simbólica seja simples ou composta é selecionado ao ser evocado e não evocado de forma integral.

Quando Langacker exemplifica essa operação cognitiva por meio da língua em uso, o que observamos é que há sempre uma parcela do conteúdo conceptual que é ativado de uma forma “mais relevante” ou com mais atenção que os demais domínios da matriz conceptual. Então, se isso ocorre de fato, podemos evidenciar nas falas dos participantes e nas notícias quais enquadres são escolhidos por eles no uso direto do termo.

Nesse sentido é que observamos que o item lexical bandido evoca e seleciona parte do conteúdo conceptual de sua matriz, sendo este considerado como primeiro plano ou escopo imediato e outros domínios menos sobressalentes como plano de fundo ou escopo máximo. Observar os enquadres em que bandido está sendo evocado representa quais domínios da matriz conceptual figuram junto ao conceito de bandido e como isso funciona. Quanto mais recorrente mais selecionado, quanto mais selecionado mais a unidade cognitiva se encontra enraizada na memória do falante, estabelecendo uma relação cognitiva entre o bandido e os enquadres em que ele é normalmente ativado. Mesmo que bandido ative uma teia semelhante à de ladrão não seleciona exatamente o mesmo conteúdo conceptual que esse item.

Quando falamos em enquadres estáticos e não-estáticos adentramos no conceito de proeminência, o qual Langacker considera como a operação de conceptualização através da qual o falante/escritor se posiciona como o visualizador de uma cena, muitas vezes localizando-se dentro ou fora dela.²³ Observaremos, portanto, como isso é feito quando se fala sobre bandido.

²³ Nesse caso é importante ressaltar o papel do pesquisador como sujeito falante não leigo que possui a perspectiva de sujeito que observa a construção do sujeito criminal durante as entrevistas

A interpretação dos dados pode se tornar bastante complexa ao observarmos de forma sistemática o caráter mais conceptual do significado de bandido. Isso porque organizar a análise a partir dos enquadres ativados, por meio dos verbos, não é uma tarefa trivial, especialmente quando se trata da modalidade oral. Uma das dificuldades surge porque as pessoas comunicam os enquadres das maneiras mais diversificadas em termos de estrutura de sentença. Isso faz com que reflitamos a ideia organizadora de que plano de fundo e primeiro plano possam ser previsíveis de acordo com as ações verbais. Podemos exemplificar situações onde isso ocorra, mas não quer dizer que a comunicação obedeça a essa questão. Muito pelo contrário, há no *corpus* construções que não seguem a estrutura sujeito-verbo-objeto.

Há construções onde o sujeito criminal é apostro, é retomado com orações reduzidas, é agente da passiva ou núcleo de orações adjetivas. Diante desse fato sintático, como resolver a questão de foco e de perspectiva, a questão de plano de fundo *versus* primeiro plano, a questão da subjetividade *versus* objetividade do sujeito criminal nos enquadres evocados? Primeiramente, propomos um contínuo, com base na distinção entre as classes gramaticais em Langacker, compreendendo a morfologia como um fato também gramatical. Se os substantivos representam enquadres estáticos enquanto os verbos de ação representam enquadres não-estáticos, então poderíamos inferir que há entre esses dois polos uma série de “categorias indiscretas” que preenchem um *dégradé* entre substantivo e verbo. Apresentamos as situações em que há a ocorrência do sujeito criminal, em forma de contínuo:

Verbos de ação infinitivo pessoal> Verbos de ação infinitivo impessoal> verbos de ação gerúndio> verbos de ação particípio> verbos que indicam estado > adjetivos> **substantivos**

A partir da disposição das classes gramaticais, em termos de contínuo, entendemos que a relação que faz com que seja possível a distinção entre essas categorias diz respeito à estaticidade e não-estaticidade do evento que promove o enquadre em questão.

com os falantes e também durante a leitura dos jornais. A perspectiva é sempre a favor de investigar um referente: o sujeito criminal.

Para fornecer um contraste mais nítido, abordaremos, portanto, os enquadres construídos com verbos de ação, onde o termo bandido, ou outras nomenclaturas que o reiteram, aparece como agente e as estruturas simbólicas que buscam conceituar bandido por meio de verbos que indicam estado.

Os enquadres nas entrevistas

Com relação aos enquadres não-estáticos acionados ou em relatos de experiência sobre o sujeito criminal ou na conceituação do que é bandido²⁴, disparados pela pergunta direta sobre o que é bandido ou por meio da pergunta que pede para descrever algum evento onde o informante tenha sido vítima da criminalidade, os principais enquadres observados de forma geral dizem respeito a MATAR e a ROUBAR. Mas outros eventos também foram acionados tais como: ASSALTAR, ASSASSINAR E SEQUESTRAR.

A tendência que o enquadre do ASSALTO ocorra em relatos de experiência com criminalidade é muito maior do que quando o falante fornece uma explicação teórica sobre o que seja o bandido. Também observamos o uso do enquadre mais pelo grupo A que pelo grupo B:

“O menino veio me assaltar, era uma criança...que queria me assaltar com uma lâmpada fluorescente...”(Informante A6).

“Claro. pra mim são bandidos. sequestrar uma pessoa, mesmo sequestro-relâmpago isso pra mim realmente [...]” (Informante A10).

“Bandido é quem assalta. Não é isso né?” (Informante A5).

“E ela é assim magrinha, e era magrinha mesmo, a gente morava em são conrado, mas o mais engraçado é que a primeira vez que ela foi assaltada, ela foi assaltada em maringá, quando ela foi passar férias com o pai hhhh. não dá pra acreditar. morava no rio e foi assaltada em maringá. mas aqui assaltaram ela umas duas ou três vezes” (Informante A10).

“Eu falo, meu filho, pelo amor de Deus, abaixa esse fone porque podem te assaltar, querer seu celular, daí você não escuta...”(Informante B10).

“M: Eu acho que bandido mesmo são esses caras que assaltam...a mão armada, assaltante de banco, traficante mesmo que você vê na televisão... esses aí...sei lá...num vejo que seja bandido” (Informante B7).

²⁴ É importante ressaltar que com relação à resposta dada pelos participantes em relatos de experiência, geralmente não há o uso do termo bandido quando o enquadre é assalto.

Também observamos em algumas falas a tendência em descaracterizar o bandido enquanto um sujeito que assalta para em seguida inferir que esse estereótipo esteja ultrapassado:

“Bandido é aquele menininho que tá ali. Bandido é quem assalta. Não é isso né?” (Informante A5).

“Que antigamente a gente falava bandido...é aquele que assalta...agora hoje em dia o bandido pra mim é o político, o bandido é ... o bandido generalizou...” (Informante A6).

Já com relação ao enquadre disparado pelo verbo *matar*, houve um maior número de ocorrências, sem diferenciação aparente entre os grupos conforme podemos evidenciar a partir das seguintes falas:

“Um homem que pega uma faca e mata uma pessoa é um alienado. Não tem noção de nada”(Informante A3).

“V: Não.. ele... é...psicopata ..porque se chega a matar é psicopata...quem tira a vida do outro é psicopata... Ele já vai... você pode fazer tudo...menos matar... você não pode matar o outro...se você mata, você ultrapassa aquela linha né? De sanidade... você mata e fica numa boa...mata...queima...crema...é:...corta em pedaço.. põe num saco e aí toma um café normalmente. Aí é psicopatia mesmo. Matar.. o criminoso mata. Mas e você fala...mas ele mata? Mas ele mata mas ainda as vezes ele é uma criança, ele.. que vai se formando também... não adianta...não vou dizer nasceu criminoso...eu não acredito nisso, acredito que a sociedade, a família, que o menino por necessidade começa a fazer pequenos crimes, pensa em matar, pega uma arma, aí começa” (Informante A5).

“Que a criminalidade quando falam pra gente...inclusive tem televisão especializada em falar de crime... eu ao invés de combater o crime eles fazem apologia ao crime... eles falam tem que matar... este é um monstro” (Informante A7).

“Quem mata em legítima defesa é um criminoso, não é um bandido” (Informante A7).

“Porque assim...eu não tenho... aí ela vai começar a roubar ou a matar, entendeu?! por causa disso...assim... então assim o problema não é o bandido, o problema é toda a nossa... o nosso sistema...entendeu?!” (Informante A8).

“Parece que o criminoso é o que mata, atos assim bem...bem maldosos, né? Eu acho que é isso assim..eu acho que tem diferença sim no peso da palavra” (Informante A8).

“Se você roubou.... Se você matou....você é bandido...” (Informante A9).

“Como esses caras que mataram....aquele rapaz...mata assim...o rapaz entrega o celular e leva um tiro na cabeça e o cara é menor e não acontece nada” (Informante A 10).

“Eu acho que a polícia devia.. sabe?... aí sim eu acho que a polícia devia fazer de conta que o cara tá correndo e matar” (Informante A10).

“F: Ahh é o que rouba, é o que faz mal, é o que mata...” (Informante B2).

“MA: É uma pessoa que comete um ato ilícito, né? Rouba..mata...” (Informante B5).

“MR: Pra mim eles não tem noção de nada....pra eles tanto faz matar como não matar. Pra eles tanto faz” (Informante B7).

“Depois eles conseguiram fugir, não sei como. Aí os outros vieram pelo rastro de sangue...entraram na minha casa e queriam matar a gente achando que nós tínhamos alguma coisa a ver com isso. Explicamos tudo...” (Informante B9).

Por último, outro enquadre que apresentou bastante recorrência foi com relação ao verbo ROUBAR, que ocorre como um relato de experiência com o sujeito criminal ou como uma forma de conceituar o sujeito criminal por meio de sua ação, conforme podemos evidenciar nas seguintes falas:

“Ele roubou meu relógio, na época eu estava falando no orelhão, não tinha celular e eu fui pega de surpresa...senão ele ia ter quebrado a lâmpada perto de mim...e eu não arrisquei” (Informante A6).

“Porque assim...eu não tenho... aí ele vai começar a roubar ou a matar, entendeu?! por causa disso...assim...” (Informante A8).

“Neh?! Porque antes só existia bandidagem....se você roubou.... Se você matou....você é bandido...” (Informante A9).

“Tem os crimes menores, tem os arrastões, tem menor que fica roubando bolsa, que são violentos algumas vezes também.” (Informante A10).

“F: Ahh é o que rouba, é o que faz mal, é o que mata...Não e coisa boa não (Informante B1).

“Agora aqui no Rio eles estão roubando muito telefone ...” (Informante B3).

“Pra mim o pior é o que rouba o país todo.” (Informante B3).

“É uma pessoa que comete um ato ilícito, né? Rouba..mata...” (Informante B5).

“Não é bandido, é pivete, entendeu? Não é que tão a mão armada....bandido que rouba assim na ...eles veem as senhorzinhas sozinhas e chama.. me dá o celular...até.. a última vez que teve aí foi a mulher que passava de bicicleta..não sei se você viu ..esse tava armado.” (Informante B7).

“Não existe aquela diferença entre o bandido que tá fardado, que tá de terno e gravata em Brasília ou que tá roubando na rua.” (Informante B8).

Conforme demonstrado, há uma relação muito grande entre o conceito de bandido e os enquadres relativos a matar e a roubar, geralmente aparecendo um após o outro, na maioria das vezes roubo e depois morte, estabelecendo uma espécie de relação metonímica de causa/consequência:

“Porque assim...eu não tenho... aí ela vai começar a roubar ou a matar, entendeu?! por causa disso...assim...então assim o problema não é o bandido, o problema é toda a nossa... o nosso sistema...entendeu?!” (Informante A8).

Em se tratando do uso do termo *bandido*, o que se observa diante dos fatos linguísticos presentes nas entrevistas é que as cenas prováveis em que o bandido é abordado dizem muito mais respeito a cenas mais estáticas. O que prevalece é ele como sujeito em sentenças com verbos com pouca ou quase nenhuma agentividade ou como complementos nominais:

“Criminoso é que fez o crime e bandido é um criminoso também, né?” (Informante A1).

“Então... tem vários tipos de bandido...o empresário bandido, o cliente bandido que não me paga, risos... tem vários tipos de bandido.” (Informante A2).

“Eu acho que está existindo a falta do seio família. E falta de esteio para que essa família tenha condição suficiente para esse ser que se chama bandido.” (Informante A3).

“A conotação de bandido, eu acho uma pessoa alienada, uma pessoa que é desprovida de tudo, um alien nem se toca normalmente... eu não chamo nem de bandido, eu chamo de alienado.” (Informante A3).

“Olhe passe aí.. E aí aquela coisa, que você ouve... você tem que virar psicólogo de bandido...tá... tá tranquilo, calma, já vou pegar.. oh...estou pegando as coisas tá?” (Informante A4).

“MA: Então, criminoso é o que mata e bandido é o que rouba né? É o que eu acho.” (Informante B5).

“M: Eu acho que bandido mesmo são esses caras que assaltam...a mão armada, assaltante de banco, traficante mesmo que você vê na televisão...” (Informante B7).

.” Pra mim bandido é bandido. É aquela pessoa que está a margem do que é previsto. Essa é a minha opinião. (Informante B8).

“...Eles correram e foram lá pra dentro.. um monte de bandido armado.” (Informante B9).

Especificamente, quando se fala em bandido, o informante se posiciona de maneira distante de seu objeto, mesmo quando relata uma experiência de assalto que tenha sofrido, reforçando a ideia de que quem fala é um sujeito “de bem” sobre um sujeito que não é seu igual, variando entre posições mais ou menos extremistas. Mas é claro que houve exceções. No grupo A, há a projeção do pronome “você” ao falar sobre “ele” e no grupo B, a informante B10 ao usar a primeira pessoa com sentido de terceira, projeta-se no lugar que seria o do sujeito criminal:

“Antigamente a gente ouvia muito assim... ah: eu roubei porque eu tava passando necessidade, porque meu filho precisava comer, porque eu tô desempregado há muito tempo. Hoje em dia já perdeu o sentido. É mais fácil, vamos dizer assim eu te abordar, eu roubar um celular do que de repente eu começar a trabalhar...começar a ter um ritmo diferente.” (Informante B10).

“Neh?! Porque antes só existia bandidagem....se você roubou.... Se você matou....você é bandido...” (Informante A9).

A relação entre *primeiro plano* e *plano de fundo* pode ser colocada da seguinte forma: toda a identificação do bandido, a sua caracterização por meio de enquadres estáticos promove uma espécie de imagem do bandido, configurando o plano de fundo da significação do sujeito criminal. Os enquadres em que há configurações de eventos que incluem o bandido, tais como os disparados por meio de verbos de ação, onde ele é o agente, podem constituir o primeiro plano da significação de bandido para os falantes, mas não é o que predomina.

Portanto, nas entrevistas o que prevalece é a imagem estática do sujeito criminal, funcionando como uma espécie de descrição panorâmica sobre o bandido, como se ele fosse um local físico a ser vasculhado e descrito. Isso faz com que a questão da perspectiva seja pensada. Com base nas nossas evidências, talvez os enquadres de primeiro plano nem sempre representem os domínios mais salientes da matriz, sendo isso bastante relativo, a depender do *corpus* investigado, principalmente, em se tratando de língua em uso.

Os enquadres nos jornais

Bem diferente do que ocorreu nas entrevistas, nos jornais há muito mais evidências de enquadres não-estáticos no que se refere ao uso do termo bandido e ao sujeito criminal como um todo. Os principais enquadres em que o sujeito criminal aparece são disparados por meio dos seguintes verbos: *assaltar, roubar, matar, sequestrar, assassinar, apreender, prender, transferir, condenar, Identificar, acusar, procura, fugir, disputar, brigar, atacar, invadir, disparar, atingir*. Falaremos sobre cada um desses enquadres em que o sujeito criminal ocorre.

O enquadre relativo a ROUBO ocorre em ambos os jornais de forma recorrente, sendo o sujeito criminal sempre o agente que rouba. Neste enquadre há o uso do termo bandido por parte do jornal *O Globo* apenas:

“Quatro homens roubaram doze clientes e a grana do caixa” (*Expresso*, 19/9/14, p.6).

“Além disso o grupo aproveitou a chance para roubar todo o dinheiro do caixa” (*Expresso*, 19/9/14, p.6).

“[...] Amanda Mocelin, disse a polícia que tinha tomado remédios e bebida quando foi presa no flagra roubando um brinco no Barra Shopping. Ela também foi acusada de injúria” (*Expresso*, 6/9/14, p.6).

“Bandidos armados roubam veículo que transportava celulares na Linha Amarela” (*O Globo on line*, 18/9/14).

“A intenção deles, segundo a DH, era roubar o carro” (*O Globo on line*, 11/9/14).

O enquadre relativo a ASSALTO é mais recorrente nos exemplos retirados do jornal *O Globo*. Nesse caso, o bandido é o agente da ação de assaltar, podendo ser utilizado, inclusive, de forma intercambiável com o termo assaltante:

“Polícia prende bandido que assaltou em banheiro subterrâneo da orla de Copacabana” (*O Globo on line*, 24/9/14).

“Tentativa de assalto a ônibus termina com bandido morto” (*O Globo on line*, 13/9/14).

“Um dos bandidos abriu a porta do veículo, que estava destravada. Num ato instintivo, o engenheiro puxou a maçaneta interna, para tentar impedir a entrada do assaltante, mas o homem fez dois disparos” (*O Globo on line*, 2/9/14).

“Além de assaltá-la, os bandidos levaram o dinheiro do caixa” (*O Globo on line*, 24/9/14).

Há também em ambos os jornais muitas cenas referentes à prisão, no caso dos menores, apreensão, no caso de sujeitos já presos, transferências, e também condenação, identificação, etc. Nestas situações, o que predomina é o uso de participípios passados tais como: *apreendido*, *transferido*, *pego*, e finalmente, *preso*. PRESO está tão fortemente ligado ao conceito de BANDIDO que pode ser considerado como um dos seus perfis enraizados na língua, tal como SUSPEITO.

“Menores são apreendidos” (*Expresso*, 29/9/14, p.8).

“Ela foi transferida ontem para a Cadeia Pública Joaquim Ferreira de Souza.” (*Expresso*, 6/9/14, p.6).

“Polícia prende bandido que assaltou em banheiro subterrâneo da orla de Copacabana” (*O Globo on line*, 24/9/14).

“Segundo a polícia o bandido foi pego no sofá de casa, num condomínio em Belford Roxo.” (*Expresso*, 6/9/14, p. 4).

“Dilo, com mais 11PMs foi condenado por formação de quadrilha armada no início de 2013.” (*Expresso*, 20/9/14, p. 4).

“Segundo a titular da delegacia, Izabela Santoni, foi pedida a prisão temporária de Adalto, identificado a partir de imagens da câmeras de segurança da orla de Copacabana” (*O Globo on line*, 24/9/14).

“Preso um dos maiores criminosos de facção criminosa que atua no Rio” (*O Globo on line*, 11/9/14).

“Dani do Jacarezinho ficou preso por 21 anos e estava com um mandado de prisão pendente” (*O Globo on line*, 11/9/14).

Cenas do sujeito criminal em situação de disparo de arma de fogo, disputa ou confronto seja com a polícia, com a vítima ou com outro sujeito criminal também foram bastante comuns em ambos os jornais:

“Durante um assalto a um ônibus que seguia para Duque de Caxias, na noite de anteontem, um agente do Batalhão de Choque, que estava no busão, reagiu e disparou contra a dupla de suspeitos.” (*Expresso*, 14/9/14, p. 4).

“Robson Santos de França, de 22 anos foi atingido no rosto e morreu. O outro conseguiu escapar.” (*Expresso*, 14/9/14, p. 4).

“Facções brigam por Mangueira” (*Expresso*, 6/9/14, p.6).

“Três grupos rivais disputam a favela” (*Expresso*, 6/9/14, p.6).

“Um deles foi atingido no rosto e morreu. O outro conseguiu fugir” (*O Globo on line*, 13/9/14).

“Na ação, que aconteceu por volta das 21h, um policial militar lotado no Batalhão de Choque, que estava no coletivo, reagiu e disparou contra os dois assaltantes” (*O Globo on line*, 13/9/14).

“Depois de confronto com criminosos, PM segue para comunidades de Madureira” (*O Globo on line*, 25/9/14).

“Na tentativa de proteger a esposa e a filha, o empresário enfrentou os dois bandidos e os três integrantes da família conseguiram sair ilesos” (*O Globo on line*, 11/9/14).

Os enquadres ATACAR e INVADIR foram acionados apenas pelo jornal *Expresso*. Nesse caso o sujeito criminal é visto como o sujeito da ação verbal:

“Bando ataca lanchonete” (*Expresso*, 19/9/14, p.6).

“os criminosos atacaram pelo menos 12 clientes numa das filiais do Mac Donald’s [...]” (*Expresso*, 19/9/14, p.6).

“Por volta das 3h30 um bando invadiu o local e fez a limpa geral.” (*Expresso*, 19/9/14, p.6).

O enquadre da FUGA e do bandido como um sujeito a ser identificado e acusado, encontrado ou buscado também foram comuns; no caso da identificação do sujeito criminal, o *Jornal O Globo* foi mais incisivo, apesar de o *Expresso* também fornecer alguns detalhes sobre o sujeito criminal, tal como quantidade, local e forma de atuação:

“Hoje que estava foragido foi preso” (*Expresso*, 6/9/14, p.4).

“O outro conseguiu escapar.” (*Expresso*, 14/9/14, p. 4).

“Foragido é preso na hora do soninho” (*Expresso*, 6/9/14, p. 4).

“Fabinho estava sendo procurado desde 18 de abril deste ano, após ganhar um benefício e não voltar mais para o Instituto Pena Benjamin de Moraes” (*Expresso*, 6/9/14, p. 4).

“Policiais procuram bandidos depois de trocas de tiros no Complexo do Alemão.” (*O Globo on line*, 25/9/14).

“O outro conseguiu fugir” (*O Globo on line*, 13/9/14).

“Os outros dois bandidos, que também fugiram, são descritos como um homem negro de boné, e um menor. Este último também negro, estava com cabelos raspados e bigode ralo” (*O Globo on line*, 2/9/14).

“No momento, o Grupamento de Intervenções Táticas (GIT) das UPPs, outras UPPs da região e o Batalhão de Operações Policiais Especiais (Bope) reforçam o patrulhamento e realizam busca pelos bandidos que fugiram” (*O Globo on line*, 6/9/14).

“Os bandidos fugiram no veículo pela primeira saída que dá acesso à Avenida Brasil” (*O Globo on line*, 18/9/14).

“A PM realizou buscas na região, mas ninguém foi encontrado” (*O Globo on line*, 18/9/14).

“O dia da invasão do Alemão, em 25 de novembro de 2010, imagens feitas pela TV Globo exibiram a fuga de dezenas de traficantes pelo alto da mata, evidenciando o total controle que os bandidos tinham das trilhas e dos acessos da região” (*O Globo on line*, 12/9/14).

“Câmeras flagram fuga de bandidos que mataram engenheiro na Zona Norte do Rio” (*O Globo on line*, 2/9/14).

Nos jornais, o enquadre do bandido que acaba morto é recorrente em textos que noticiam assaltos. Percebemos haver no *corpus* recolhido mais enquadres de *O Globo* que do *Expresso* para esse tipo de cena. Nesses enquadres percebemos que o bandido pode ser tanto quem mata quanto quem morre. Mas o bandido sempre aparece como o sujeito da ação do verbo morrer nunca como objeto do verbo matar. Não há construções do tipo: “o policial matou o bandido x”; apenas “o bandido morreu”, como se a morte nesse caso fosse por uma causa natural, desencadeando um desfecho “normal” para a situação. Em outras cenas, a palavra “morto”, participio passado de morrer, torna-se bastante recorrente, sendo conceptualizada como uma qualidade de bandido:

“Suspeito é morto em ônibus” (*Expresso*, 14/9/14, p. 4).

“Robson Santos de França, de 22 anos foi atingido no rosto e morreu.” (*Expresso*, 14/9/14, p. 4).

“Um deles foi atingido no rosto e morreu.” (*O Globo on line*, 14/9/14).

“Câmeras flagram fuga de bandidos que mataram engenheiro na Zona Norte do Rio” (*O Globo on line*, 2/9/14).

“Sequestro-relâmpago na Zona Norte termina com um bandido morto e outro ferido” (*O Globo on line*, 11/9/14).

“Tentativa de assalto a ônibus termina com bandido morto” (*O Globo on line*, 14/9/14).

Apesar de matar, assassinar e morrer selecionarem bases conceituais semelhantes, inferimos que há uma tendência maior, quando se trata de bandido, em se acionar o enquadre MORRER, ao invés de ASSASSINAR ou MATAR, levando-nos a pensar que quem morre é extremamente relevante para esse tipo de escolha lexical.

3.5

Especificidade e proeminência: os perfis utilizados para os agentes criminais e suas relações metonímicas

Segundo Langacker, a *proeminência* é um processo cognitivo através do qual o falante/escritor seleciona dentro da rede de domínios de conhecimento perfis específicos ao expor uma determinada concepção e não outra. Quando selecionamos um perfil automaticamente diferenciamos em termos de escopo o que figura como escopo imediato - a própria entidade evocada - e como escopo máximo - a matriz conceitual da qual ela faz parte. Esse tipo de relação é uma relação metonímica entre PARTE/TODO. Isso reforça a ideia de que BANDIDO é uma parte que quando evocada ativa o todo - a sua matriz conceitual. Além da relação metonímica PARTE/TODO, BANDIDO, enquanto entidade conceitual, pode ser acessado por meio de uma relação metonímica PARTE/PARTE, já que também fornece acesso mental a outros itens do domínio SUJEITOS CRIMINAIS tais como LADRÃO, ASSASSINO, ASSALTANTE. Portanto, quanto ao conceito de *proeminência*, o que faremos é a análise de quais entidades são evocadas e de suas relações ao referenciarem o sujeito criminal.

Segundo as ideias de Langacker, a *especificidade* é o processo de conceptualização através do qual o falante é capaz de representar de forma detalhada e específica ou mais geral e esquemática o grau de informação conceitual por meio das pistas linguísticas. Nesse sentido, o falante/escritor pode empregar itens lexicais que atestam mais especificidade em detrimento de outros mais esquemáticos de acordo com as palavras que escolhe em suas situações de interação. As palavras e as sentenças usadas para tal fim podem variar em termos de escolha linguística ainda que referenciem o mesmo objeto.

Portanto, além de identificarmos os perfis para designar o sujeito criminal, o que faremos neste momento é analisar quais sentenças e/ou termos são específicos ou esquemáticos ao representarem o sujeito criminal: tanto o específico, aquele com que o falante já teve alguma experiência; e o imaginado, aquele que o falante teoriza. No caso dos jornais trabalhamos apenas com o primeiro caso.

A relação entre especificidade e proeminência é intrínseca. Ambas consideram a possibilidade do falante se referir de maneiras diferentes a um mesmo referente, mas a primeira enfatiza a natureza dessa relação metonímica e a segunda enfatiza o grau de informações contido nas formas de representar o referente, seja por meio de uma sentença ou por meio de um nome.

Os perfis nas entrevistas

Quando perguntamos “quem é o bandido” ou “há diferença entre bandido e criminoso” aos participantes da entrevista, automaticamente, o falante foi convidado a teorizar sobre o sujeito criminal, formulando uma resposta. É possível observar diante dessa situação quais são as entidades conceituais gerais ou específicas que são evocadas nesse momento.

Os nomes que forneceram acesso mental ao conceito de bandido para os falantes do grupo A foram: POLÍTICO, CLIENTE, OPERÁRIO, SOCIEDADE, ALIENADO, CRIMINOSO, ASSALTANTE, BANQUEIRO, LADRÃO, MARGINAL, MALFEITOR, JUIZ, DELEGADO, POLICIAL, BICHO, TRAFICANTE, ESTUPRADOR, ASSASSINO, MILÍCIA:

“J: Quando eu falo a palavra bandido pra você? O que vem na sua cabeça?

F: De cara vem político, né?” (Informante A1).

“J: E quando fala bandido, essa palavra bandido o que vem na cabeça?

H: Assim.. bandido são vários.. tem bandido de tudo quanto é jeito. Eu trabalho com operário, então tem operário que é bandido... não bandido ... bandido porque:: não é uma pessoa do bem. Então... tem vários tipos de bandido...o empresário bandido, o cliente bandido que não me paga, risos... tem vários tipos de bandido.” (Informante A2).

“J: Quem que é esse sujeito? Quem que é o bandido?

L: Quem que é o bandido? Eu acho que o bandido é a nossa sociedade. É a nossa sociedade. Bandido é a nossa.. sociedade” (Informante A3).

“A conotação de bandido, eu acho uma pessoa alienada, uma pessoa que é desprovida de tudo, um alienado nem se toca normalmente... eu não chamo nem de bandido, eu chamo de alienado” (Informante A3).

“J: Quem que é o bandido pra você?

M: Longa pausa...[...] talvez eu lide melhor com a palavra criminoso, que é a pessoa que a partir de algum tipo de ato se coloca na situação de criminoso” (Informante A4).

“J: E no caso assim em bandido, a palavra bandido ela remete a que pra senhora?

V: Quer dizer...o bandido alterou tanto né? Que antigamente a gente falava bandido...é aquele que assalta...agora hoje em dia o bandido pra mim e o político, o bandido é ... o bandido generalizou... [...] (Informante A5).

“J: e o que que seria o bandido? Quando falamos esta palavra o que vem em sua cabeça?

I: [...] O banqueiro é bandido. O banqueiro tem, em cada seis meses, seis sete bilhões de lucro em cada semestre. Vindo de tarifas, de juros altíssimos... isso não é bandido porque está legalizado...o cara que pega um pão ali é ladrão...é bandido...e outros e outros similares, correto?[...] o marginal... o marginal...é tudo que tá a margem, no caso aí é o tal do bandido, porque? Porque ele está a margem da lei. [...] ele entra com o rótulo de bandido, de malfeitor... e não importa quem é não... pode ser juiz, pode ser o delegado, pode ser o policial, se ele tiver a margem da lei ele é um marginal. ” (Informante A7).

“KT: É (hesitação) na verdade eu não gosto nem de usar essa esse nome de bandido eu falo mas eu falo assim até brincando...só que assim...sabe...eu fico com pena dos bandidos

KT: Por que? ah cara.. porque assim...se a pessoa é bandido.... todo mundo já olha cum... já olha assim... bandiido...sabe... é um bicho neh?!” (Informante A8).

“J:quando você fala em bandido, você tá querendo dizer o que assim? quem que é o bandido?

C:pra mim, bandido é traficante, é assassino, é estuprador, é quem comete crime hediondo seja que tenha oito anos de idade ou cinquenta. Entendeu?. ((pausa)) (Informante A10).

Para o grupo B foram: POLÍTICO, COLARINHO-BRANCO, ASSALTANTE, TRAFICANTE, MENINO DE RUA, CHEIRADOR DE COLA, FARDADO, CRIMINOSO, POLÍCIA, MILÍCIA:

“J: tá bom... Se eu falar a palavra bandido... o que vem na cabeça da senhora?

K: As pessoas que estão dirigindo o país, a política. São os piores bandidos. São os colarinho branco” (Informante B2).

“J: Se eu falar a palavra bandido pra você, o que vem na sua cabeça?

T: Olha, primeiramente vem política. Primeiramente vem isso.” (Informante B3).

“J: Quando o senhor fala assim não é bandido, é pivete...quem seria esse bandido pra o senhor?

M: Eu acho que bandido mesmo são esses caras que assaltam...a mão armada, assaltante de banco, traficante mesmo que você vê na televisão... esses aí...sei

lá...num jeito que seja bandido . são meninos de rua, as vezes querem uma comida...alguns são.,cheirador de cola, eles querem alimentar o vício, eles roubam mesmo...” (Informante B7).

“J: O que significa bandido pra você?

L: A palavra bandido vem da expressão à margem da lei, né? Não existe aquela diferença entre o bandido que tá fardado, que tá de terno e gravata em Brasília ou que tá roubando na rua. Pra mim bandido é bandido. É aquela pessoa que está a margem do que é previsto. Essa é a minha opinião.” (Informante B8).

“J: Existe diferença entre bandido e criminoso pra senhora?

D: é a mesma coisa, ué...eu acredito que sim. Criminoso pra mim são bandidos. Tanto a polícia quanto os traficantes...não é? Pra mim todos são bandidos. Que nós que moramos em comunidades, nós somos vítimas dos bandidos, da polícia e da milícia. Entendeu? (Informante B9).

Com relação ao uso dos nomes para abordar o perfil dos bandidos, os informantes de ambos os grupos abordaram categorias que já estão bastante incorporadas ao conceito de bandido tais como o grupo dos colarinhos-brancos, conforme ressaltou a falante B2, mas que também foi retomado pelos falantes do grupo A de forma mais específica.

CRIMINOSO, ASSALTANTE E TRAFICANTE, POLÍCIA e MILÍCIA também ocorreram em ambos os grupos como perfis utilizados para ativar o conceito de sujeito criminal. Há alguns perfis que foram abordados apenas pelo grupo A: CLIENTE, OPERÁRIO, SOCIEDADE, ALIENADO, MARGINAL, MALFEITOR, JUIZ, DELEGADO, BICHO, ESTUPRADOR, ASSASSINO. Já os perfis MENINO DE RUA, CHEIRADOR DE COLA só foram abordados pelo grupo B.

Os perfis, além de nomes, também podem ser abordados como sentenças que ativam o que equivaleria à denominação do sujeito criminal. Assim como ocorre com o perfilamento feito por meio de um nome, o feito por sentenças também pode evidenciar construções enraizadas na língua em maior ou menor escala.

Nas entrevistas, o termo *bandido* é utilizado ou reiterado por meio das seguintes expressões: “a pessoa que tem...”, “a pessoa que não tem...”, “é a pessoa que...” ou “é aquela pessoa que...”, “é quem...”, “é aquele que...”, “é o que...”, “bandido pode ser...” e “bandido pode estar”, “se ele... , ele é...”, “bandido do morro”, “(bandido) que vem de...”.

“... que tem aquilo como hábito como praxe, como forma de ser, por definição, como que se diz...por ser um estilo de vida que agrada, talvez eu lide melhor com a

palavra criminoso, que é a pessoa que a partir de algum tipo de ato se coloca na situação de criminoso” (Informante A4).

“... que fala bem...que tem tudo.. que teve oportunidade...você vê bandido no congresso...vê bandido em qualquer lugar...então, hoje não existe mais isso. Assim, existe um preconceito muito grande sobre uma imagem que querem te colocar pra você ter medo. Neh? (Informante A6).

“... quer dizer... Porque tem várias nomenclaturas... (Informante A9).

“... que é a pessoa que a partir de algum tipo de ato se coloca na situação de criminoso” (Informante A4).

“É aquela pessoa que está a margem do que é previsto. Essa é a minha opinião.” (Informante B8).

“Bandido é quem assalta. Não é isso né?” (Informante A5).

“É aquele que assalta.” (Informante A5).

“É quem comete crime hediondo seja que tenha oito anos de idade ou cinquenta. entendeu?” (Informante A10).

Hoje em dia Bandido pode ser qualquer pessoa . A gente não sabe mais, de repente aqueles antigos que ficavam dentro do morro hoje em dia são até mais suaves...do que esses, até desses meninos...” (Informante B10).

O bandido pode estar ali orando...tem questões, áreas bandidas...então é uma coisa complicada, falar em bandido...porque senão você aprisiona.

“...Ele era o bandido do morro, ele ficava dentro do morro usando suas drogas. ...” (Informante B10).

“... às vezes vem de uma família que também não tem estrutura, aí a pessoa cresce naquela revolta você mora aqui no rio aí você vê...você mora na favela e você vê que tem outro mundo, entendeu?! (Informante A8).

Geralmente esses tipos de construções ocorrem em situações de conceituação. Quando a referência do termo acontece no texto, há acréscimos de informação geral sobre o sujeito criminal por meio dessas escolhas linguísticas.

Todos esses termos designam entidades que determinam uma relação metonímica PARTE/PARTE com o conceito de BANDIDO. Também identificamos como fazendo parte dessa relação os seguintes exemplos: O MORADOR, ou os próprios locais físicos: MORRO, COMUNIDADE, FAVELA. Identificamos também locais abstratos como TRÁFICO DE DROGA, FACÇÃO e SISTEMA DE PODER, onde possivelmente o bandido desempenharia alguma função possivelmente de chefe ou de subordinado.

Algumas características também podem servir de acesso mental ao conceito de bandido tais como “O ALIENADO”, “O BANDIDO PODE ESTAR ALI ORANDO” “BANDIDO É AQUELE MENININHO QUE TÁ ALI”, ainda que não sejam correspondência tão esperadas. Ainda que de forma menos prototípica, essas sentenças também fornecem acesso mental à entidade conceptual BANDIDO no momento da interação.

Observamos que o grau de informação inserido em cada perfil que serve de acesso mental pode ser considerado menos específico ou mais específico com relação ao conceito de BANDIDO. Observamos que itens mais esquemáticos tais como o termo PESSOA, ou até mesmo o pronome ELE, possam ser mais comuns em eventos em que o falante narra situações onde foi vítima da criminalidade. Nesse caso há uma maior probabilidade de que enquadres envolvendo verbos de ação e nomes formados a partir desses verbos perfilarem bandido de forma mais frequente.

Com relação às entrevistas, em situações onde a pergunta foi feita diretamente sobre quem é o bandido ou sobre a diferenciação entre BANDIDO e CRIMINOSO, ainda não podemos definir essas duas entidades como mais gerais ou mais específicas entre si, mas a tendência é que os demais perfis do sujeito criminal, tais como LADRÃO, ASSALTANTE, entre outros, sejam mais específicos que o termo BANDIDO.

Quando os falantes afirmam que o bandido é o empresário, o político, o banqueiro, o que é acionado não é necessariamente a função de gerir uma empresa, a função de representar o povo ou a função de resolver as situações de clientes em um banco, mas a conduta corrupta ou corrompida que algumas pessoas que exercem essas funções têm.

Nesse caso, antes que haja diretamente uma relação entre o político, o empresário e o bandido, há uma relação entre ação e pessoa, que também pode ser considerada como uma relação metonímica: a conduta da pessoa dá acesso mental ao que ela é. Por isso, diante de tantos eventos que envolvem a corrupção de políticos, evidenciados por meio da mídia, o protótipo de político que conceptualizamos hoje está muito semelhante ao de bandido.

Por esse motivo, era de se esperar a quantidade de ocorrências dos termos político/política/congresso para dar acesso mental ao termo bandido. É como se político fosse conceptualizado como aquele que lesa o povo e não como aquele

que representa o povo, como está escrito nos dicionários. Assim como ocorre com político, pode ocorrer com qualquer outro termo que represente a categoria de PESSOAS CORRUPTAS.

Portanto, todos os perfis utilizados que serviram de acesso mental, estabelecendo as relações metonímicas PARTE/PARTE, PARTE/TODO: ASSALTANTE/LADRÃO/POLÍTICO/CRIMINOSO, por exemplo, podem ser considerados como entidades que integram o conceito de BANDIDO por uma questão de probabilidade de ativação.

Os perfis nos jornais

Diferente das falas, nos jornais não temos como perguntar o que significa bandido, mas podemos identificar quais são os perfis utilizados neles e se há diferença entre um e outro. Nos jornais, por ser língua escrita, as sentenças possuem uma organização mais uniformizada. Portanto, observamos que as expressões linguísticas que geralmente reiteram o sujeito ou são nomes ou são orações adjetivas.

No Jornal Expresso, observamos que o sujeito criminal foi abordado por meio dos seguintes perfis: O SUJEITO, O CRIMINOSO, O TRAFICANTE, O ASSALTANTE, O BANDIDO, O FORAGIDO, O PROCURADO, O SUSPEITO, O MILICIANO, O RÉU, O CARA, O MENOR.

“Dilo já havia sido acusado de receber propina do bicho na década de 90 e foi réu por homicídio.” “Polícia manda miliciano ralar: corporação expulsou major Dilo.” (*Expresso*, 7/9/14, p. 4).

“Ele informou ainda que alguns foragidos tinham até 15 mandados de prisão em aberto e disse que o tráfico de drogas é o principal crime cometido pelos procurados.” (*Expresso*, 6/9/14, p. 4).

“Segundo a polícia Civil, o bandido foi pego quando tava no maior sono no sofá de casa, num condomínio em Belfford Roxo.” (*Expresso*, 6/9/14, p. 4).

“A Polícia Civil esteve mais presente nas ruas e a ideia é fazer o criminoso ver isso.” (*Expresso*, 6/9/14, p. 4).

“Quando os suspeitos anunciaram o assalto, o policial agiu rápido e atirou.” (*Expresso*, 14/9/14, p. 4).

“O menor, que tem 17 passagens pela polícia (a maioria por roubo e furto) foi levado pelos PMs para a 14ª DP – Leblon, assim como os outros três jovens.” (*Expresso*, 29/9/14, p.8).

“No momento do assalto, agente que estava no coletivo reagiu e atingiu o sujeito.” (*Expresso*, 14/9/14, p. 4).

“Foragido é preso na hora do soninho: ele é um dos principais fornecedores.” (*Expresso*, 6/9/14, p. 4).

“O cara estava foragido e era um dos principais fornecedores de maconha de uma das facções criminosas do Rio.” (*Expresso*, 6/9/14, p. 4).

“Segundo Carregosa, o policial, que voltava pra casa, entrou no ônibus depois dos assaltantes e teria sentado perto da dupla.” (*Expresso*, 14/9/14, p. 4).

“Polícia manda miliciano ralar: corporação expulsou major Dilo.” (*Expresso*, 7/9/14, p. 4).

É muito comum no *Expresso*, o sujeito criminal não atuar sozinho, mas em duplas, ou grupo de três a quatro pessoas, sendo perfilado como BANDO, FACÇÃO, QUADRILHA, GRUPO:

“De acordo com a versão das vítimas, o grupo de assaltantes era formado por quatro homens.” (*Expresso*, 19/9/14, p.6).

“O bando, que estaria armado, não perdoou ninguém e levou telefones celulares, carteiras e algumas joias.” (*Expresso*, 19/9/14, p.6).

“Além disso, o grupo também aproveitou a chance para roubar todo o dinheiro que estava no caixa.” (*Expresso*, 19/9/14, p.6).

“Como a decisão parece ainda não ter sido tomada, a maior facção do Rio não aceitará a perda, o que pode causar uma guerra no morro.” (*Expresso*, 6/9/14, p.6).

“Por volta das 3h30, um bando invadiu o local e fez a limpa em geral.” (*Expresso*, 19/9/14, p.6).

“A polícia disse que a cúpula da quadrilha ordenou a retomada da Mangueira.” (*Expresso*, 6/9/14, p.6).

No jornal *O Globo*, o sujeito criminal foi perfilado como basicamente: CRIMINOSO, BANDIDO, TRAFICANTE, LADRÃO, ASSALTANTE. Em algumas situações também observamos o sujeito criminal agindo em grupo, mas isso não foi tão comum como no *Expresso*:

“Os ladrões teriam aproveitado o congestionamento para render as vítimas.” (*O Globo On line*, 18/9/14).

“Além de assaltá-la, os bandidos levaram o dinheiro do caixa.” (*O Globo on line*, 24/9/14).

“Criminoso foi identificado com ajuda de câmeras de segurança.” (*O Globo On line*, 24/9/14).

“Na ação, que aconteceu por volta das 21h, um policial militar lotado no Batalhão de Choque, que estava no coletivo, reagiu e disparou contra os dois assaltantes.” (*O Globo On line*, 13/9/14).

“Bandidos armados levaram como reféns dois seguranças que faziam a escolta de um caminhão que transportava telefones celulares na saída da Linha Vermelha para a Linha Amarela, sentido Barra, na altura da Vila do João, na manhã desta quinta-feira.” (*O Globo On line*, 18/9/14).

“Os ladrões teriam aproveitado o congestionamento para render as vítimas.” (*O Globo On line*, 18/9/14).

Observamos que em ambos os jornais, os perfis que indicam extrema especificidade são os que dizem respeito ao nome próprio completo do sujeito criminal, a sua idade, e até aonde mora. Outra questão que observamos é que após os jornais citarem o nome do sujeito criminal completo, no decorrer do texto o reiteram apenas com o primeiro nome. Quando outros nomes próprios são citados também por completo, seja de delegado, juiz ou policial, o nome que é retomado posteriormente no texto é o sobrenome e não o primeiro nome. Portanto, quando apenas o primeiro nome próprio ocorre nos jornais, provavelmente estão se referindo a sujeitos criminais. Os sujeitos criminais também são perfilados por meio de apelidos.

“De acordo com os agentes, em 1988, o criminoso tentou resgatar o traficante conhecido como Meio-Quilo de dentro do Presídio Frei Caneca, usando um helicóptero.” (*O Globo On line*, 11/9/14).

“Daniel possui diversas passagens pela polícia [...]” (*O Globo On line*, 11/9/14).

“Um dos maiores criminosos de uma facção criminosa no Rio nesta quinta-feira, por policiais da Delegacia de Combate as Drogas (Dcod). Daniel Francisco da Silva, conhecido como Dani do Jacarezinho, ficou preso por 21 anos e estava com um mandado de prisão pendente, após uma investigação da especializada” (*O Globo On line*, 11/9/14).

“No último dia 10, ele e um colega, conhecido pelo apelido de Ciclone, abordaram uma funcionária da lanchonete, e a ameaçaram com uma faca.” (*O Globo on line*, 24/9/14).

“A perícia foi realizada no ônibus, e tanto a arma do assaltante como a do policial foram apreendidas. Na tentativa de encontrar o outro assaltante, o celular de Robson também ficou retido para a investigação.” (*O Globo On line*, 13/9/14).

“Fabinho estava sendo procurado desde 18 de abril deste ano, após ganhar um benefício e não voltar mais para o Instituto Pena Benjamin de Moraes.” (Expresso, 6/9/14, p. 4).

Observamos, em última análise, que o perfil BANDIDO foi o mais utilizado e CRIMINOSO foi o segundo mais utilizado dentre todos os perfis relacionados ao sujeito criminal. No *Jornal Expresso* houve uma maior diversidade de perfis, ao passo que *O Globo* considerou apenas ASSALTANTE, LADRÃO, CRIMINOSO e BANDIDO, além dos nomes próprios e pronomes pessoais, sendo que BANDIDO foi o perfil mais utilizado pelo jornal.

3.6

Extensões metafóricas na conceptualização do agente criminal

O objetivo desta seção é demonstrar extensões de sentido ocasionadas por alguns mapeamentos metafóricos que podem estar relacionadas ao conceito de bandido. Nos jornais não observamos a ocorrência de metáforas de forma tão significativa na conceptualização do sujeito criminal quanto nas entrevistas. Por não haver dados nos jornais, vamos nos ater à análise das entrevistas. A partir das falas observadas, destacamos algumas situações em que identificamos ocorrências de metáforas conceptuais.

Com base nas leituras de Langacker (2008), de Lakoff e Johnson (1986) e de Lakoff (1987), consideramos a metáfora como uma maneira de acessar elementos de um domínio cognitivo por meio de outro. Os domínios são construídos culturalmente. Portanto, as metáforas representadas aqui são construções que não estão subjacentes a uma fala ou ao pensamento de um falante específico apenas, mas a representação do que pode estar subjacente à comunidade de fala em que o falante está inserido. Algumas metáforas podem ser consideradas como universais ou primárias e outras como secundárias e culturalmente enraizadas. As metáforas que descreveremos são aquelas que contribuem em certa medida para a conceptualização do conceito de bandido, demonstrando a complexidade que envolve o processo de ativação do conteúdo conceptual.

O BANDIDO E A SOCIEDADE

Segundo os falantes representados a seguir, o bandido é a própria sociedade. Isso ocorre porque, cognitivamente, interpretamos a sociedade como um sujeito que possui as qualidades de um criminoso, que, de forma geral, consiste em causar danos emocionais ou materiais a outrem. Nesse caso, o Estado proporciona danos às pessoas que deveriam estar sob sua assistência assim como um sujeito criminoso também o faz com suas vítimas. Essa forma de conceituar o bandido pode ser embasada por meio da metáfora conceptual ESTADOS SÃO PESSOAS. Portanto, segundo alguns falantes, a sociedade representa a própria nação que lesa os direitos das pessoas.

“L: Quem que é o bandido? Eu acho que o bandido é a nossa sociedade. É a nossa sociedade. Bandido é a nossa.. sociedade” (A3 sobre o conceito de bandido).

“O Estado, por exemplo, pra mim eu considero um estado criminoso” (A7 falando sobre a questão da criminalidade).

O BANDIDO E A SITUAÇÃO DO PAÍS

A metáfora da trajetória mescla o conteúdo concreto ancorado pelo esquema imagético da horizontalidade, para interpretar o conteúdo abstrato relativo, neste caso, à situação do país com relação à criminalidade. Na primeira fala a seguir, o país é considerado um objeto que se move, mas sem uma força consciente. Portanto, por meio de mapeamentos metafóricos poderíamos considerar que sem um direcionamento consciente, possivelmente os resultados sobre a situação do país no que se refere também a criminalidade não são nada positivos, segundo os participantes. Já a segunda fala remete a um objeto que se move, mas precisa parar diante de um obstáculo que seria, no plano concreto, a ausência de uma estrada. Nessa situação, também observamos o domínio concreto relacionado a uma trajetória horizontal que fornece elementos conceptuais para a interpretação da situação da criminalidade no Rio de Janeiro. Podemos inferir, com base nos mapeamentos metafóricos que, neste caso, as pessoas vítimas da criminalidade são objetos que se movem, mas precisam parar diante de um obstáculo, revelando

além da metáfora primária A VIDA É UMA JORNADA, a metáfora secundária DIFICULDADES SÃO IMPEDIMENTOS.

“Não sabe pra onde vai nem como vai”(A1 sobre a questão da criminalidade).

“F: contam que... como eu disse, você se sente muito...sem... ter muito o que fazer, sem ter muito sem ter uma saída, não há uma saída” (A1 sobre o que as pessoas que conhecem que foram vítimas da criminalidade).

O BANDIDO E A DESIGUALDADE SOCIAL

Através da observação das falas constatamos que há, em determinados momentos, a representação cognitiva de um esquema imagético vertical, amparando as metáforas conceptuais PARA CIMA É POSITIVO/ PARA BAIXO É NEGATIVO. Essa maneira de ativar o conteúdo conceptual com relação ao termo bandido ou até mesmo com relação à questão da criminalidade reflete, por meio de mapeamentos metafóricos, as pessoas na sociedade que ocupam posições privilegiadas em detrimento de outras. Diante disso, recuperamos do domínio cognitivo base, mais concreto, entidades que permitem a interpretação de CRIMINALIDADE e outros conceitos, tais como CRIME e VIOLÊNCIA. Quando o falante cita a criança que está debaixo da marquise contrapondo ao sujeito que vive em apartamentos de quinhentos metros quadrados, também identificamos o esquema de verticalidade que indica a desigualdade social como um elemento fundamental na conceptualização da CRIMINALIDADE e de uma forma indireta do termo BANDIDO.

“O crime é bem maior de cima pra baixo que de baixo pra cima” (A7 sobre a questão da criminalidade).

“ A violência existe, até existe... mas muito maior de cima pra baixo que debaixo pra cima”(A7 sobre a questão da criminalidade).

‘Quando se diz isso...criança que vive debaixo da marquise...os bestializados dizem é tudo ladrão...mas quem vive em apartamento de quinhentos metros quadrados, em mansões de três mil metros quadrados , com seus carros importados na garagem , com três quatro cinco loiras de araque para satisfazer suas taras esses não são ladrões... engraçado isso...o cara que vive debaixo da marquise é ladrão...o cara que mora em cima de muitas marquises não é ladrão? Isso é pra quem eles trabalharam a cabeça...a minha cabeça não”

(A7 sobre a questão da criminalidade).

O BANDIDO E A RELAÇÃO ENTE FORÇA E CONTROLE

Segundo as seguintes falas, o país é um objeto que está fora de controle. Em consequência disso, todos os assuntos que estão relacionados ao escopo máximo denominado país também possui resquícios ou consequências do “todo descontrolado”. Essas opiniões são embasadas pelo esquema imagético relacionado à força e à noção espacial de limite e trajetória. Nestas falas, poderíamos conceptualizar o país como um carro que está desgovernado, ou seja, como um objeto concreto que se move em uma trajetória sem o auxílio de uma força consciente. Nesse caso, poderíamos inferir que a metáfora CAUSAS SÃO FORÇAS possibilitam o mapeamento entre o domínio relativo ao concreto, um objeto que está descontrolado porque não há uma força que o impeça de parar e o domínio relativo ao abstrato, a insatisfação com a situação do país.

“F: Criminalidade? Pra mim é algo sem controle. Acho que o país, o Rio é algo que está sem controle” (A1 sobre a questão da criminalidade).

“É cada um por si, vale tudo. Sem controle. É um país totalmente descontrolado” (A1 sobre o conceito de bandido).

O BANDIDO E O LIMITE

Segundo a próxima fala, observamos a metáfora conceptual relacionada ao limite, baseada, por sua vez em elementos pré-conceptuais ou esquemas imagéticos que cerceiam as noções sobre limite. No plano concreto, geralmente os esquemas que baseiam o LIMITE estão relacionados à noção de recipiente e a relação do recipiente com substâncias. A experiência de encher um copo de água e fazê-lo transbordar é uma situação que, em termos concretos, demonstram bem esse esquema. Isso reflete muitas vezes a própria relação do falante com o seu corpo, quando o conceptualiza enquanto um contêiner que também pode ser enchido ou esvaziado. Certas pistas linguísticas remetem a esse tipo de relação, quando falamos, por exemplo, “que estamos em nosso limite”, ou que “vamos explodir a qualquer momento”. Apesar de não haver na próxima fala elementos linguísticos que remetem ao contêiner em si, há a noção clara de limite. Nesse caso, o bandido é um sujeito que não possui limites tal como um contêiner possuiria em seu nível concreto. Mas, em se tratando de uma situação totalmente

abstrata, o contêiner seria o conjunto de ações que são consideradas normais para um determinado sujeito ou cidadão. O limite seria uma estrutura abstrata que rege os comportamentos aceitos em um determinado meio. Não ter limite seria a ausência dessa estrutura. Metonimicamente, por extensão de sentido, um sujeito pode representar essa ausência de estrutura que rege a sua conduta. Bandido é um sujeito sem limite, pois desempenha ou pode também ser visto como vítima de ações que não são aceitas socialmente, sendo, por isso, denominado pelo falante como um psicopata ou como um sujeito que foi abusado na infância.

“Sabe, pra mim o bandido é aquele que não tem limite seja porque é psicopata, seja porque foi abusado na infância, não sei... a origem eu não sei...mas ele não tem limite.. como esses cara que mataram....aquele rapaz...mata assim...o rapaz entrega o celular e leva um tiro na cabeça e o cara é menor e não acontece nada” (A10 falando sobre o conceito de bandido).

O BANDIDO E A MARGEM SOCIAL

A metáfora da margem remete à metáfora conceptual **IMPORTANTE É CENTRAL**. Nessa metáfora, observamos que, em termos concretos, conceptualizamos como importante tudo que está localizado no centro e como menos importante ou até mesmo menos significativo o que está localizado periféricamente.

Segundo o falante, o bandido é um marginal, ou seja, é um sujeito que se encontra à margem da sociedade, sendo considerado sem importância ou sem significância. O falante também considera que o bandido está à margem da lei, ou seja, não a segue como deveria seguir, ou o faz de maneira pouco prototípica. Isso porque a noção de sujeito “de bem” seria um dos elementos protótipos da categoria **CIDADÃO**; é como ressalta B8, “o que é previsto”, ou seja, o que implica mais importância e significância. Já o bandido seria o elemento periférico dentro dessa categoria, sendo, conseqüentemente, um sujeito insignificante para a sociedade.

“O marginal... o marginal...é tudo que tá a margem, no caso aí é o tal do bandido , porque? Porque ele está a margem da lei”(A7 sobre o conceito de bandido).

“É aquela pessoa que está a margem do que é previsto. Essa é a minha opinião” (B8 sobre o conceito de bandido).

O BANDIDO E A ANORMALIDADE

No próximo trecho de entrevista, o falante conceitua bandido afirmando que ele remete à parte que não é normal. Quando ele afirma isso, é como se dentro da categoria relacionada a cidadãos, tivéssemos elementos que são considerados prototípicos, conforme já afirmamos na explicação da metáfora anterior e elementos que não representam socialmente a mesma importância dos cidadãos-prototípicos, ou seja, o bandido. Nesse sentido, os cidadãos prototípicos possuem ações consideradas bem aceitas, esperadas e consequentemente normais. Já os bandidos seriam os elementos que desempenham ações não aceitas, “não esperadas” e anormais.

A noção de normalidade está intimamente relacionada à noção de racionalidade. Por esse motivo, muitas vezes nos referimos a uma pessoa como “não sendo normal”, apontando nela uma espécie de insanidade, para se referir a situações em que ela não está agindo conforme o esperado socialmente. Podemos inferir que quando o falante considera o bandido como “a parte que não é normal” há também a ativação do conteúdo conceptual relativo à localização espacial desse elemento dentro da categoria CIDADÃO ou, em termos ainda mais genérico, PESSOA, por meio da metáfora conceptual AUTO-CONTROLE É A LOCALIZAÇÃO NORMAL DE UM SUJEITO. Nesse sentido, inferimos que a localização normal do sujeito seria o centro da categoria CIDADÃO ou PESSOA. Como o bandido é um sujeito marginalizado nessa categoria, ele ocupa uma posição periférica, sendo conceptualizado em última instância como um sujeito anormal, ou que faz parte do limite da categoria PESSOA.

“LA:eh:: na verdade bandido... É... Uma forma generalizada... De... De...a gente enxergar toda a parte que não é normal” (A9 falando sobre o conceito de bandido)

O BANDIDO E A DESUMANIZAÇÃO

A metáfora que chamamos de desumanização é a metáfora de descaracterização do sujeito que está sendo conceituado, enquanto pessoa,

enquanto ser humano. Nesse caso, o bandido é considerado um sujeito sem formação, deformado, desumano, um monstro, uma outra espécie.

De um lado há os protótipos da categoria cidadão ou pessoa, os quais ocupam a posição central e importante da categoria, conforme a metáfora IMPORTANTE É CENTRAL baseia. Outra metáfora que pode embasar as falas apresentadas é a metáfora conceptual PESSOAS SÃO ENTIDADES COM UMA ESSÊNCIA. Dessa forma, por outro lado, há aqueles sujeitos que possuem uma posição tão periférica na categoria CIDADÃO ou PESSOA que podem ser considerados como não pertencentes à própria categoria, por não possuírem o que seria essencial aos sujeitos prototípicos. Nesse plano categorial estariam os piores sujeitos criminais, muitas vezes caracterizados como “outra espécie”, “desumano”, “monstro” ou um “um sujeito sem formação”. Isso porque ao conceptualizar o sujeito criminal, consideramos como características prototípicas certos sentimentos e tipo de relações que se aplicam à conduta do bandido, tal como a crueldade ou ruindade, deixando evidente, por meio da língua, o fator exclusão. Dessa maneira, o sujeito é conceptualizado como um sujeito totalmente excluído do grupo social.

“A educação que eu digo é a parte de formação de um ser humano. Nasceu, aquele ser tem que ser formado. Se ele não é formado, ele vira um bandido . A conotação de bandido, eu acho uma pessoa alienada, uma pessoa que é desprovida de tudo, um alien nem se toca normalmente... eu não chamo nem de bandido, eu chamo de alienado”(A4 falando sobre o conceito de bandido).

“Ao invés de combater o crime eles fazem apologia ao crime... eles falam tem que matar... este é um monstro” (A7 sobre a questão da criminalidade).

“O bandido se assustou, deu um tiro na cabeça dele. E assim mesmo, senhor com aquele tiro na cabeça...ele continuou a assaltar o senhor, metia a mão nos bolsos, tirava o relógio. Eu acho assim, uma coisa desumana” (B10 sobre um caso que envolvia um bandido).

o marcola disse na entrevista que eu assisti: ‘nós somos uma outra espécie, nós somos cruéis, nós não temos piedade e nós temos força, nós temos PODER, porque atrás de nós estão os grandes empresários do crime lá:: no congresso’” (A10 falando sobre o conceito de bandido).

O BANDIDO E O ANIMAL

No próximo trecho apresentado, observamos que o bandido é conceituado como um bicho, como um animal. Logo após ter dito isso, a falante diz em seguida que tem pena dos bandidos. Essa fala é pista para o ativamento da metáfora conceptual PESSOAS SÃO ANIMAIS. Nesse caso, o bandido é conceptualizado como não pertencente à categoria relativa às pessoas, mas à categoria relativa aos animais.

“KT: Por que? ah cara.. porque assim...se a pessoa é bandido.... todo mundo já olha cum... já olha assim... bandiido...sabe... é um bicho neh?! mas igual te falei aquele dia brincando...assim.” (A8 falando sobre o conceito de bandido).

O BANDIDO E A MALDADE

Uma das principais e mais recorrentes metáforas que ocorre com relação à conceituação direta de bandido é a que diz respeito aos sentimentos tais como maldade, ruindade, crueldade. Nos trechos a seguir, pelo fato de o bandido ser conceptualizado como possuindo esses sentimentos, ele se torna um sujeito onde esses sentimentos são enquadrados de forma quase personificada.

A metáfora da maldade aciona conceitos muito enraizados na língua e na cultura ocidental, tais como as dicotomias BEM e MAL, DEUS e DIABO, BOM e RUIM, criando uma série de mapeamentos metafóricos que se inter cruzam na conceptualização de BANDIDO. Ainda baseado na metáfora que ajuda a entender a conceptualização da categoria PESSOAS, SERES HUMANOS, IMPORTANTE É CENTRAL, observamos que o sujeito prototípico da categoria é considerado um homem de bem, que aciona conceitos tais como DEUS e BONDADE. Por outro lado, os sujeitos que se encontram no limite não discreto da categoria são conceptualizados como HOMENS DO MAL, acionando conceitos tais como DIABO e MALDADE. Isso porque conceptualizamos muitas vezes as pessoas como se fosse objetos que tivessem uma essência, que pode ser boa ou ruim a depender das situações tal como podemos evidenciar também por meio da metáfora conceptual PESSOAS SÃO ENTIDADES COM UMA ESSÊNCIA.

“A minha cabeça não é muito aberta...então da mesma forma que só existe sim e não...não existe talvez...então é polícia e bandido.eu fui criado assim. é polícia e bandido... É sim e não... É bem e mal” (A9 falando sobre o conceito de bandido).

“É o cara que é cruel, é outra espécie. é como se houvesse os filhos de deus e os filhos do diabo” (A10 sobre o conceito de bandido. A10 sobre o conceito de bandido).

“F: Ahh é o que rouba, é o que faz mal, é o que mata...Não e coisa boa não” (B1 sobre o conceito de bandido).

“L: São pessoas más” (B4 falando sobre o conceito de bandido).

O BANDIDO E A FRENTE DE BATALHA

As próximas falas são baseadas de forma geral pela metáfora A VIDA É UMA GUERRA, a qual favorece o surgimento de outras metáforas complexas, que se consolidam e se enraízam em determinadas culturas. Nesse caso, observamos que a metáfora conceptual complexa que cerceia as falas abordadas seria BANDIDOS SÃO INIMIGOS DE GUERRA. Através conceptualização por meio da metáfora, observamos que os bandidos são inimigos da polícia e dos cidadãos comuns e que quando vão ao campo de batalha podem matar ou morrer. O campo de batalha nesse caso remete ao conceito de rivalidade que o conceito de bandido aciona. Além disso, elementos tais como as armas, e os lugares, muitas vezes impenetráveis em que os bandidos atuam ou vivem compõem a teia de significação metafórica. O lugar onde o bandido mora é considerado um reduto, um local inimigo onde o “cidadão de bem” não poderia jamais transitar.

Durante a operação policial no Complexo do alemão e Vila Cruzeiro em 2011, a metáfora da guerra ganhou um grande destaque na mídia escrita, principalmente, no *Jornal O Globo*, que destacou cadernos especiais intitulados Guerra no Rio, para abordar notícias no auge das operações de pacificação das comunidades.

“Mas às vezes extrapola e fere o outro, vira guerra, vira neh??? Vira um monte de coisa... violência é na família, em vários lugares, o bullying que as crianças sofrem, a falta de atendimento social, psicológico” (A5 contando sobre um incidente em que foi assaltada).

“Tem aqueles bandidinhos que são os laranjas neh?!...que ficam na frente de batalha... que são esses que morrem com contra a polícia, neh?!passam medo nas

peças e acabam morrendo pela polícia...então.” (A 9 falando sobre conceito de bandido).

O BANDIDO E A SUJEIRA

As falas a seguir demonstram claramente a metáfora da limpeza. Essa metáfora é extremamente complexa e revela a metáfora IMORALIDADE É SUJEIRA. Pelo fato de o bandido ser um sujeito que possui conceitos morais questionáveis por certas condutas, ele é conceptualizado por meio dos mapeamentos metafóricos em que o sujeito que desempenha ações imorais é alguém sujo. Quando a falante se refere à limpeza, na verdade o que ela quer falar é que deseja a morte do bandido. A limpeza aparece como um eufemismo para acessar o domínio cognitivo relativo à morte. Inferimos que em se tratando de bandido, um sujeito extremamente periférico, excluído socialmente, descaracterizado moralmente, deformado, cruel, como fazendo parte de uma outra espécie, às vezes um animal, inferimos que possa emergir dentro desse contexto uma metáfora conceptual complexa para se referir ao bandido: a metáfora MATAR É LIMPAR. Nesse caso, a sociedade é conceptualizada como um local físico sujo, sendo o bandido a própria sujeira.

“Eu acho que a polícia devia.. sabe?... aí sim eu acho que a polícia devia fazer de conta que o cara tá correndo e matar. porque ia ser uma limpa pra sociedade” (A10 falando sobre o conceito de criminalidade).

“Agora o que eu achei um absurdo, foi aqueles caras em massa fugindo dos atiradores de elite do bope não acertarem um por um. olha ia ser uma limpa. teria limpado o rio não de todos, mas de muitos. o marcola disse na entrevista que eu assisti” (A10 falando sobre o conceito de bandido).

3.7

Semelhanças e diferenças entre “bandido”, “criminoso” e outros agentes criminais

Do ponto de vista linguístico-cognitivo, podemos interpretar as ocorrências dos termos *bandido*, *criminoso*, *ladrão*, *assassino*, etc, de diversas maneiras. Elas podem representar categorias, modelos cognitivos idealizados, domínios, perfis,

conceitos, entidades, ou palavras. Utilizaremos essas diversas maneiras de olhar para esses termos para tentar estabelecer semelhanças e diferenças entre eles.

Quando se fala em palavra, pista linguística ou termo, estamos nos referindo ao que está na superfície do texto. É como se o termo, a palavra, que neste caso pode ser também uma sentença ou o conjunto delas, seria a parte “concreta” da linguagem. É a partir dela que se consegue chegar ao que entendemos como cognição e ao mesmo tempo, é através delas que fica clara a integração língua/cognição.

Nesse nível, bandido, criminoso, ladrão e assassino são nomenclaturas mais ou menos arbitrárias ou motivadas a depender da história de formação enquanto palavra e origem etimológica. Também podem ser consideradas motivadas, se observarmos certas relações como assassino é um nome formado a partir do verbo assassinar; criminoso é um nome formado a partir de crime, a mesma lógica não se aplicaria a ladrão e a bandido, por exemplo.

Segundo Houaiss, do ponto de vista etimológico ladrão tem sua origem no Latim *latronis* o qual significa “soldado mercenário”; criminoso tem sua base etimológica também no latim *criminosus*, aquele que é acusado, culpado, que praticou crime. Assassino tem sua origem no Árabe *hassassin* que eram indivíduos que participavam de uma seita no Irã e que antes de lutar nas Cruzadas consumiam Haxixe. Finalmente, bandido vem do Italiano *bandito*, que é o particípio passado do verbo *bandire*, exilar.

No contexto das entrevistas a morfologia da palavra pode ter sido relevante na hora de conceituar criminoso, por meio de uma pista de significação na própria composição da palavra. Nos termos de Langacker o princípio de analisabilidade da palavra criminoso é muito mais acessível que bandido, por exemplo, que é uma forma verbal que se tornou um substantivo no decorrer da história de uso do termo. Além disso, ninguém ativou o conceito de banimento que morfologicamente está mais aproximada ao conceito e à forma da palavra bandido, tal como “é aquele que é banido”, por exemplo.

Entretanto a ideia de banimento que subjaz o termo *bandido* foi evidenciado de outras maneiras, tal como o acionamento do conceito de marginal, marginalidade, ou até mesmo quando os falantes colocam o bandido fora da categoria relaciona a pessoa todas as vezes que eles acessam literal ou

metaforicamente como um sujeito que se situa à margem da sociedade e de suas leis.

A diferença entre “bandido” e “criminoso” nas entrevistas

Quando se fala em domínio, modelo cognitivo o que se pretende elucidar são as estruturas dinâmicas que são acionadas quando os falantes utilizam e interpretam os termos. Nesse caso, podemos entender que há muito mais semelhança que diferença entre bandido e criminoso, principalmente, porque eles disparam, ao se referirem ao sujeito criminal, se não a mesma, uma matriz conceptual demasiadamente semelhante. Por esse motivo também, houve muitos participantes que negaram a existência de diferença entre bandido e criminoso, afirmando muitas vezes “não consigo ver diferença”, “não há diferença”, “é tudo a mesma coisa”. Nos dados observamos, a maioria dos falantes do grupo B consideram apenas não haver a diferença:

“J: A senhora conseguiria fazer a diferença entre bandido e criminoso?

F: Eu não. Pra mim é a mesma coisa.” (Informante B1).

“J: Haveria diferença entre bandido e criminoso?

K: Eu acho que não... Bandido e criminoso é a mesma coisa.” (Informante B2).

“J: Entendi... Pra você teria diferença entre bandido e criminoso?

T: não. É a mesma coisa.” (Informante B3).

“J: você acha que existe diferença entre criminoso e bandido?

MR: Ah...sei lá...é complicado responder, né? Essas coisas... é a mesma coisa. (Informante B6).

“J: você diferenciaria bandido de criminoso? Pra você é a mesma coisa ou teria diferença?

L: não.. pra mim seria a mesma coisa... bandido e criminoso. Não tem diferenciação.” (Informante B8).

Alguns informantes do grupo B, mesmo afirmando não haver diferença entre os conceitos, arriscaram uma breve explicação. No caso da falante B7, houve o ativamento direto de CRIME, PRISÃO, ASSALTO E ASSASSINATO. No caso da informante B9, a explicação ativa POLÍCIA, TRAFICANTE, MILÍCIA E PRISÃO. Para a informante B4, o conceito de BANDIDO ativa imediatamente ARMA, e o de

CRIMINOSO o de CRIME. E para o informante B5, CRIMINOSO ativa imediatamente MATAR, e BANDIDO ativa ROUBAR.

“J: Teria diferença entre bandido e criminoso pra você ou não?

L: Saber a diferença assim eu não sei não. Entendeu? Mas, o bandido, pra mim é aquele que fica armado e o criminoso é aquele que comete qualquer tipo de crime” (Informante B4).

“J: Tem diferença entre bandido e criminoso?

MA: Então, criminoso é o que mata e bandido é o que rouba né? É o que eu acho.” (Informante B5).

“M: ai ne, é tudo bandido... fez um crime ... vai para delegacia, vai ser preso igual a bandido, não é isso?quem comete crime... seja lá... assalto assassinato pra mim é bandido. Num tem outro jeito.” (Informante B7).

“J: Existe diferença entre bandido e criminoso pra senhora?

D: é a mesma coisa, ué...eu acredito que sim. Criminoso pra mim são bandidos. Tanto a polícia quanto os traficantes...não é? Pra mim todos são bandidos. Que nós que moramos em comunidades, nós somos vítimas dos bandidos, da polícia e da milícia. Entendeu? Lá a gente é obrigado a pagar os milicianos senão eles botam pra fora. Os bandidos, quando tem bandido não tem milícia quando vai preso a polícia põe um dinheirão pra inteirar...e os moradores, os moradores são obrigados a dar dinheiro. Então.. é um povo indefeso né? É a grande verdade. Agora quem mora por aqui não, né?!” (Informante B9).

Apesar de no grupo A também haver dificuldade em se estabelecer a diferença, os informantes se dispuseram a tentar teorizar sobre a possível diferença entre os conceitos, sendo que alguns tentaram diferenciar os dois conceitos mesmo afirmando não haver diferença entre eles. Para o informante A1, CRIMINOSO ativa imediatamente CRIME e BANDIDO. Segundo a informante A2, BANDIDO e CRIMINOSO ativam CRIME:

“J: Você acha que tem diferença entre bandido e criminoso?

F: Pra mim é a mesma coisa. Criminoso é que fez o crime e bandido é um criminoso também, né? Eu não entendo essa diferença não. Pra mim é a mesma coisa”(Informante A1).

“J: A senhora conseguiria fazer a diferenciação entre bandido e criminoso? Ou isso não faz sentido?

H: Eu acho que é diferente.. neh:: não pra mim é a mesma coisa... bandido e criminoso...Perante a lei ele é um criminoso, ele é um bandido, um menino que tá ali fumando uma maconha. Tudo é criminalizado agora, então... a sociedade é complicada” (Informante A2).

Dois informantes do grupo A tentaram fazer a diferenciação, mas no final ficaram em dúvida se há de fato a diferença ou não, ou afirmaram ser

praticamente a mesma coisa. Segundo a reposta do informante A6, observamos que há a ativação de CRIME para definir CRIMINOSO. No caso do informante A7, BANDIDO aciona imediatamente CRIME, e para CRIMINOSO ativa AGRESSÃO, DISTÚRPIO, SURTO, CRIME, MATAR. No final de sua resposta considera o BANDIDO como CRIMINOSO DA PIOR ESPÉCIE.

“J: Você diferenciaria bandido de criminoso?

A: Eu acho que criminoso é quem pratica de fato o crime...o bandido tem muito mais a ver com ...minha opinião, não sei se é isso..tá? na minha ideia bandido é aquele que .. é o potencial criminoso, não é o que pratica o crime de fato. Não se se tem diferença se é isso...

J: Será que tem diferença?

A: Pois eh...não sei se tem, pode ser que tenha..pode ser que não tenha...” (Informante A6).

“J: O senhor diferenciaria essa visão do bandido da visão do criminoso?para o senhor tem diferença entre uma palavra e outra?

I: Tem diferença. Um bandido ele pratica crimes assim até ... Um criminoso...eu não entendo nada de direito, não entendo nada de direito, principalmente criminal, mas a minha cartilha é a cartilha da lógica, a lógica do concreto, a logica da razão, o grande Sócrates falava disso,... eu posso me tornar um criminoso sem ser bandido ou não. Eu posso ser um criminoso e não um bandido, eu posso ter um distúrbio nesse momento, se eu tiver um surto e te dar um bocado de murro. Isso é um crime, um cara por exemplo, não gosto muito desse termo não, porque mata-se muito em nome da legítima defesa. Quem mata em legítima defesa é um criminoso, não é um bandido. Bandido é um cara que faz coisas sem motivo , faz por prazer ...os piores bandidos que eu conheço estão encastelados por aí em grandes apartamentos, em suas grandes mansões...são criminosos da pior espécie. São criminosos e bandidos . Isso é praticamente a mesma coisa. Não tem grande diferença. Procura no dicionário e vê.” (Informante A7).

Os demais informantes do grupo A tentaram fazer a diferenciação entre os dois conceitos, apesar de ser custosa. Para o informante A3, bandido seria um sujeito vítima do sistema, enquanto o criminoso é alguém que premedita e que possui uma índole má. Portanto, ativa para BANDIDO, ALIENAÇÃO, e para CRIMINOSO, MALDADE e PREMEDITAÇÃO:

“J: Qual é a diferença entre bandido e criminoso?

Aí... porque...bandido é... ele é um alienado e o criminoso...eu acho... a meu ver que a pessoa premedita ... ele faz funcionar na cabeça dele...aquele ato maldito. Se ele raciocinar perfeitamente, ele nem comete aquilo, ele é bem ...de uma raiva... de uma estupidez, porque a raiva é uma estupidez. A pessoa não tem discernimento quanto tem raiva. Ele saber equilibrar a maldade ..no mundo, e tá aqui, porque hoje a gente tá aqui amanhã podemos não estar. A gente não sabe. Hoje eu tenho o que comer, amanhã eu não sei. A gente tem que ser uma pessoa que tem que saber viver e conviver com o mau, com o bom, com o mau e com o péssimo. E saber

pensar essas coisas pra saber que direção tomar. Eu acho.. O criminoso ele premedita, ele tem uma índole má. E ele tem também que ser estudado” (Informante A3).

Segundo o informante A4, o BANDIDO está relacionado a OPORTUNISMO, FORMA DE VIDA, ILEGALIDADE, CRIME, GANÂNCIA e RIQUEZA. Ao CRIMINOSO associa os conceitos de CIRCUNSTÂNCIA, SITUAÇÃO, CRIANÇAS, ADOLESCENTES, RUA DROGAS, ESTRUTURA SOCIAL.

“J: Você conseguiria diferenciar? Você começou a mais ou menos diferenciar o que seria bandido e o que seria criminoso. Você conseguiria desenvolver essa diferença? Ou não faz sentido?

M: Talvez associaria bandido muito mais à uma postura deliberada d oportunismo, de pessoas que escolhem de forma sistemática conviver , atuar em atividades ilegais, criminosas, por oportunismo por ganância por ter mais oportunidade, mais poder mais riqueza. Que é diferente daquela pessoa que se torna criminoso em um dado momento numa situação de circunstâncias: crianças e adolescentes que são induzidos a isso dado a falta de estrutura social, de família, de pessoas em situação de carência, na rua, de drogas, são pessoas que são circunstancialmente band... criminosas..e podem se tornar a medida que praticam determinado tipo de ato. Eu acho que são muito mais isso, pessoas que ... é muito mais em decorrência do contexto social, que a gente mesmo é responsável. É diferente das pessoas que tem na atividade sistemática ilegal, criminoso uma forma de tirar proveito , de buscar mais poder e riqueza.” (Informante A4).

Para a informante A5, observamos que há uma grande dificuldade em se decidir se há ou não diferença, mas tenta estabelecer a diferenciação como os demais participantes. Para CRIMINOSO e BANDIDO ativa os domínios relacionados a ASSASSINAR, MATAR. Para o domínio CRIMINOSO ativa PSICOPATA, MATAR, SANIDADE, ARMA, FORMAÇÃO, ENTORPECIMENTO:

“J: Tem diferença entre bandido e criminoso?

V: Eu não consigo... eu acho assim o criminoso que... é... ele....que... ele....que assassinou alguém, matou alguém não necessariamente ele é um bandido, né? Eu acho que tem uma diferença sutil . As pessoas colocam tudo debaixo do mesmo saco...colocam tudo no mesmo saco. É bandido é criminoso... não, não necessariamente...às vezes ele é bandido mas não é criminoso.

J: e o criminoso seria o que?

V: Não.. ele... é...psicopata ..porque se chega a matar é psicopata...quem tira a vida do outro é psicopata... Ele já vai... você pode fazer tudo...menos matar... você não pode matar o outro...se você mata, você ultrapassa aquela linha né? De sanidade... você mata e fica numa boa...mata...queima...crema...é:::corta em pedaço.. põe num saco e aí toma um café normalmente. Aí é psicopatia mesmo. Matar.. o criminoso mata. Mas e você fala...mas ele mata? Mas ele mata mas ainda as vezes ele é uma criança, ele.. que vai se formando também... não adianta...não vou dizer nasceu criminoso...eu não acredito nisso, acredito que a sociedade, a família, que o menino por necessidade começa a fazer pequenos crimes, pensa em matar, pega uma arma, aí começa... aí depois que vai ficando entorpecido, aí pronto...um

criminoso... e aí...ele ultrapassa a linha, quer dizer... Ele vai toda vida, eu vejo assim...” (Informante A5).

O primeiro conceito que a informante A8 aciona é o de CRIME, em seguida MATAR. Para o conceito de BANDIDO, ela aciona MACONHA, COCAÍNA. Segundo ela CRIMINOSO é um conceito mais pesado, aciona MALDADE, e para bandido aciona FAVELA, MACONHA, BANDIDAGEM, SUSTENTO.

“J: E no caso assim, você acha que tem diferença entre a palavra criminoso e a palavra bandido?

KT: Tem ((baixo)) É porque crime assim... quando vem na minha cabeça...crime pra mim é negócio de matar, entendeu?! Matar de... e o bandido ... parece que essa palavra bandido não tem muito impacto sobre mim não, sabe... Ah.. ele é bandido... Ahh... ele vende uma maconha ali...ele vende uma cocaína...ele é um bandido...

Agora não... ele é um criminoso...aí é mais pesado né?!

Parece que o criminoso é o que mata, atos assim bem...bem maldosos, né?

Eu acho que é isso assim..eu acho que tem diferença sim no peso da palavra.

Eu não sei se se se criminoso e bandido é a mesma coisa , mas eu não sei

É eu nao sei...

Pra mim assim, o que vale é o peso da palavra... pra mim tem essa diferença. Eu acho que bandido é leve...

Agora criminoso assim.. eu já acho que... criminoso ((pausa)) é uma pessoa muito mal assim sabe... não é uma pessoa que tá ali vendendo um

Tem um bandido ali na favela... não e ...ahh ele é um bandido...

Tahh .. ele tá ali fazendo uma bandidagem...fazendo o seu sustento.. outra coisa é o criminoso...pra mim... na mina cabeça..

Sim...

É.. o criminoso na minha cabeça...faz coisas pra prejudicar muita gente sabe?

Ele tá comentendo um crime, sabe... crimes... que que tá prejudicando várias pessoas assim, é mais ou menos nesse sentido...” (Informante A8).

Segundo o informante A9, CRIMINOSO poderia ser inserido dentro de uma classe chamada BANDIDAGEM. Segundo a informante A10, quem comete crime é criminoso. Para ela o BANDIDO aciona CRUELDADE, DIABO, OUTRA ESPÉCIE, PSICOPATA, LIMITE, ABUSO, MATAR.

“J: você acha que o bandido pode ser o criminoso? Ou são coisas muito diferentes.

Eh:: como eu disse pra você..

pra mim só existe duas classes...

é a polícia e o bandido

então o criminoso está dentro da classe da bandidagem.

são ramificações, mas dentro da.... Da... É uma árvore genealogica...

que chama-se bandidagem.

ai ela vai fazendo ramificações de diversas formas.” (Informante A9).

“J: você acha que existe diferença entre o que é bandido e o que é criminoso?

C: deixa eu te dizer...é difícil... porque.. e... o crime penalmente, aí eu não posso deixar de falar como advogada.. quem comete crime é criminoso.

ele tem o código penal que é uma vergonha o nosso as leis penais vergonha ainda

.hh agora eu acho que o bandido vai além do criminoso.
é o cara que é cruel, é outra espécie.
é como se houvesse os filhos de deus e os filhos do diabo.
sabe, pra mim o bandido é aquele que não tem limite seja porque é psicopata, seja porque foi abusado na infância, não sei... a origem eu não sei...mas ele não tem limite.. como esses cara que mataram....aquele rapaz...mata assim...o rapaz entrega o celular e leva um tiro na cabeça e o cara é menor e não acontece nada.
graças a deus nunca foi com filho e ninguém da minha família, porque senão quem ia pegar o cara era eu”(Informante A10).

Segundo os entrevistados, bandido seria o sujeito que é alienado, que tramita ilegalidade, que tem anseio por riqueza e poder, que age por prazer, é o traficante, pode ser cruel e matar. O criminoso é considerado um sujeito que comete crime, de forma circunstancial, que pode ser premeditada, foi abordado como o psicopata, assassino, como um sujeito de má-índole, com falta de estrutura psicológica, social, familiar. De forma geral, quando estabelecida a diferença, com exceção da última participante do grupo A, todos conceptualizaram o criminoso de uma forma mais elaborada que bandido.

Já no grupo B, oito participantes ou negaram a diferença ou afirmaram ser difícil fazer essa diferenciação. Apenas dois participantes se propuseram a estabelecê-la, ainda que de uma forma bem resumida. Segundo eles ao criminoso caberia a prática de qualquer crime, matar, por exemplo e ao bandido caberia a portabilidade de uma arma e a ação de roubar.

Finalmente, mesmo que haja semelhança entre bandido, criminoso e outros sujeitos criminais, há também muitas diferenças. Há semelhanças quanto à matriz conceptual e quanto à relação PARTE/TODO, mas há diferença quanto à natureza de cada um deles enquanto entidade que evoca uma parcela específica do conhecimento sobre uma matriz ou um domínio. Mesmo que bandido e criminoso sejam muitas vezes considerados como semelhantes, apresentam diferenças com relação à ativação do domínio crime, a premeditação do crime; bandido também possui uma maior probabilidade de ser conceptualizado como uma vítima do sistema, ou como um agente criminal pobre, excluído ou mal sucedido em suas práticas que o criminoso.

Nos jornais

Nos jornais não foi possível traçar uma diferenciação nítida. Por esse motivo, os termos *bandido* e *criminoso* são utilizados alternadamente para se referirem aos sujeitos criminais. Por outro lado, podemos inferir que há uma tendência em o Jornal *O Globo* utilizar mais a palavra *bandido* que a palavra *criminoso*, e utilizar ambas mais que o jornal *Expresso*, conforme já evidenciamos e exemplificamos anteriormente.

Dentre as ocorrências dos termos, *bandido* parece ser utilizado em situações onde o sujeito criminal morre ou está em confronto com a polícia. Já o termo *criminoso* aparece além de enquadres relacionado a roubo ou assalto, como adjetivo, tal como incêndio criminoso, facção criminosa, etc, mas a distinção é mesmo bem sutil. Talvez fosse necessário consultar um *corpus* maior para estabelecer as diferenças.

3.8

A reiteração dos estereótipos por meio de esquemas e modelos enraizados na conceituação de “bandido”

Com base na análise cognitivista feita a partir de dados da língua em uso, ainda se faz necessário ressaltarmos a relação entre a ativação de domínios cognitivos ou da matriz conceptual como uma estratégia de enraizamento de conceitos.

Estudar se o conceito institucional de *bandido* reflete o que os jornais e finalmente o que os falantes reiteram sobre o *bandido* é de grande relevância. Isso porque o que há nos dados analisados é uma reiteração de certos estereótipos, no que se refere ao sujeito criminal, enraizados na língua e na mente de uma forma bastante profunda. Isso pode impedir que as pessoas em possam ter uma relação mais humana com os sujeitos criminais de forma geral, conceptualizando-os como um sujeito cuja ressocialização seja impossível.

Nem sempre os estereótipos são visualizados de uma forma tão clara quando se trata do dicionário, por exemplo, ou quando se trata dos jornais analisados. As falas demonstram muito mais esses estereótipos porque não precisam passar por

um crivo editorial, são muito mais espontâneas, gerando mais conteúdo, dada a maior liberdade de expressão.

A gravidade da situação da reiteração dos estereótipos por meio da linguagem se consolida pelo fato de haver uma ativação de conceitos evocados “lado a lado” na teia conceptual quando o falante tem acesso aos textos jornalísticos, os quais contribuem para o enraizamento de certas imagens estereotipadas com relação à representação do sujeito criminal. Quando isso é feito de forma sistemática e intencional, podemos considerar isso uma forma muito grave de alienação.

Dessa maneira, se nos jornais há uma grande quantidade de notícias que enfatizam, por exemplo, os crimes da Zona Norte e Oeste, mesmo que este não seja seu público-alvo, o que acaba gerando no leitor é a noção de que nesses lugares a sensação de insegurança seja maior. Se, por exemplo, as fotos veiculadas nos jornais ao tratar de criminalidade abordam sempre um sujeito negro em condições deploráveis ou miseráveis também há a reiteração de um estereótipo tanto no que se refere ao sujeito criminal ser negro, quanto ao fato de viver em uma situação de pobreza ou miséria, fazendo com que o estereótipo “bandido pobre” ou “morador de comunidade é bandido” também se reitere. De fato, pode ser que, em termos quantitativos haja mais incidentes de crimes na Zona Norte que na Zona Sul, ou que o sujeito criminal seja negro ou pardo na maioria das vezes, devido até à própria quantidade de negros e pardos ser superior no Brasil, mas isso não isenta que haja crimes na Zona Sul ou que o bandido possa ser qualitativamente um sujeito bem sucedido e branco, ou uma mulher.

O compromisso que os jornais possuem é para com a representação do que se passa de fato na sociedade, e isso pode não estar sendo feito de forma bem representada, pelo menos do ponto de vista qualitativo. Poderíamos nos perguntar o porquê de haver tantos crimes noticiados em *O Globo* no que se refere à Zona Norte, sendo que há também situações criminais que ocorrem na Zona Sul. Também poderíamos nos perguntar o porquê de *O Globo* não ter tirado uma foto da filha de um grande empresário quando foi presa no período em que estávamos coletando os dados para compor o *corpus*, sendo que o *Expresso* o fez.

Observamos com isso o estereótipo de que o bandido seja: um sujeito negro, pobre, morador de favela; um sujeito desestruturado, descontrolado que precisa ser banido da sociedade; um sujeito que não pode ser considerado um ser-

humano, mas um bicho, um monstro, um demônio. Bandido é entendido como um sujeito que deve morrer e de fato morre, segundo as notícias, bem mais que as vítimas, de modo geral. Por outro lado, o outro estereótipo que também aparece com relação ao bandido é o de político. Talvez o aparecimento desse “novo” estereótipo seja algo a contrabalancear qualitativamente a noção de bandido para a cultura brasileira, demonstrando a complexidade que envolve o termo e o quanto há discrepância entre a prisão de certos tipos evidenciados pelos jornais e a impunidade de outros tipos evidenciados pelos falantes entrevistados.

Considerações finais

O objetivo deste capítulo é elencar as principais conclusões obtidas no capítulo anterior e responder se a conceptualização de bandido dos dicionários reflete a conceptualização de bandido para os falantes e para os jornais no *corpus* investigado. Também demonstramos as dificuldades e limitações encontradas na pesquisa, principalmente, no que se refere à comparação entre fala e escrita, apresentando possíveis questões a serem desenvolvidas em trabalhos posteriores.

Tivemos como objetivos específicos propostos: a) descrever como os processos de conceptualização podem ser aplicados com dados da língua em uso na explicação do conceito cognitivo de BANDIDO; b) investigar se a condição socioeconômica do falante pode ser determinante para a forma como ele se refere e conceptualiza o sujeito criminal; c) comparar no nível linguístico-cognitivo as diferenças e semelhanças entre bandido, criminoso e outros agentes criminais nas instâncias analisadas. Com relação ao primeiro objetivo, os procedimentos utilizados se mostraram aplicáveis às situações de língua em uso, mas com alguns entraves. Com relação ao segundo objetivo, observamos que a conceptualização de bandido é diferente não apenas para ambos os grupos, mas para as pessoas investigadas, apesar de haver semelhanças, o que nos faz reiterar a ideia de Langacker de que o significado é uma questão de ativação provável a partir de pistas encontradas na linguagem. Com relação ao terceiro objetivo específico proposto, a partir dos processos de conceptualização evidenciamos uma série de semelhanças entre os conceitos de bandido e criminoso extremamente sutis, principalmente em se tratando das notícias em que a tendência é que bandido e criminoso sejam utilizados de formas mais intercambiáveis que para os falantes. Esses fatos nos levam a perceber a utilização de um *corpus* maior deverá trazer resultados mais significativos e abrangentes, especialmente nas notícias. Com relação à nossa pergunta: se as falas e as notícias analisadas refletem o conceito institucional do dicionário, a resposta é em certa medida afirmativa, mas há muitos outros enquadres e formas de conceptualizar o sujeito criminal que aparecem de forma saliente nas entrevistas e nas notícias que sequer foram mencionadas no dicionário brasileiro. Essas evidências encontradas nos dados que

apresentamos já são discutidas em outras áreas do conhecimento, tais como as que se verificam nos estudos sobre Criminalidade Urbana, fazendo com que nossas conclusões não se restrinjam apenas à área de estudos linguísticos, mas contribuam para outras áreas também. Também observamos que há muitos conceitos acionados pelos dicionários que não são utilizados pelos falantes e nem pelos jornais, sendo considerados em sua maioria como termos fora de uso.

Nos dicionários foi muito comum haver a definição de bandido por meio do acionamento de certos perfis nominais. No Aulete (2011) bandido é conceptualizado como o delinquente, o facínora, o marginal, o mau-caráter, o patife, o pilantra. No Aurélio (2004) o salteador, o malfeitor, o facínora, o bandoleiro. E no Houaiss (2009) aparece como sinônimo de bandoleiro, criminoso, entre outros. Nas entrevistas, os nomes que acionaram bandido para os falantes do grupo A foram: POLÍTICO, CLIENTE, OPERÁRIO, SOCIEDADE, ALIENADO, CRIMINOSO, ASSALTANTE, BANQUEIRO, LADRÃO, MARGINAL, MALFEITOR, JUIZ, DELEGADO, POLICIAL, BICHO, TRAFICANTE, ESTUPRADOR, ASSASSINO, MILÍCIA. Para o grupo B foram: POLÍTICO, COLARINHO-BRANCO, ASSALTANTE, TRAFICANTE, MENINO DE RUA, CHEIRADOR DE COLA, FARDADO, CRIMINOSO, POLÍCIA, MILÍCIA. No *Jornal Expresso*, observamos que o sujeito criminal foi abordado por meio dos seguintes perfis: O SUJEITO, O CRIMINOSO, O TRAFICANTE, O ASSALTANTE, O BANDIDO, O FORAGIDO, O PROCURADO, O SUSPEITO, O MILICIANO, O RÉU, O CARA, O MENOR. O *Globo* considerou apenas ASSALTANTE, LADRÃO, CRIMINOSO E BANDIDO, além dos nomes próprios e pronomes pessoais, sendo BANDIDO o mais utilizado pelo jornal. Portanto, os perfis utilizados pelos falantes dentre todos citados pelos dicionários foram apenas MARGINAL e MALFEITOR (apenas um informante do grupo A e o mesmo informante para ambos) e CRIMINOSO, sendo este último utilizado praticamente por todos os informantes e é claro, BANDIDO. Nos jornais, dentre todos os perfis nominais utilizados pelos dicionários, o único utilizado foi CRIMINOSO. Isso nos leva a considerar que de fato CRIMINOSO e BANDIDO são conceitos cuja proximidade é bastante evidente e que a maioria dos termos dos dicionários não é de uso constante.

Também observamos que dentre os exemplos dados pelos dicionários do uso do termo *bandido* em gírias não houve ocorrências semelhantes ou iguais a elas nas entrevistas nem nos jornais. Segundo o dicionário Aurélio (2004) e

Aulete (2011), enquanto gíria, que o termo *bandido* pode ocorrer da seguinte maneira: "jogar de bandido" que seria agir, conscientemente ou não, contra (si ou outrem, ou algum empreendimento). O segundo exemplo é "trabalhar de bandido", expressão que significa agir ou tramar contra uma pessoa ou contra um empreendimento.

No sentido metafórico, segundo o Aulete (2011), *bandido* é utilizado onde há transgressão, aviltamento, perversidade, que provoca desprazer, sofrimento, como no exemplo, *paixão bandida*. Segundo o Houaiss (2009), o adjetivo *bandido* qualifica algo que possua alguma característica que possa ser atribuída a ele, como por exemplo: “*saudade bandida*” e “*amor bandido*”. Com relação ao uso metafórico, os dicionários consideram como extensão de sentido o uso de *bandido* como adjetivo. Também consideramos que o adjetivo tem a tendência de ser metafórico. No entanto, o que destacamos como uso metafórico sobre o conceito de BANDIDO não foi a sua utilização enquanto adjetivo, mas as pistas que acionam entidades ou elementos que não fazem parte do domínio cognitivo *bandido*, mas que mesmo assim servem de base para a sua conceptualização, evidenciando Metáforas Conceptuais. As metáforas conceptuais não foram encontradas de forma relevante nas notícias de jornais, apenas nas falas das entrevistas. Nestas, o que encontramos foram extensões de sentido para a reiteração do bandido sendo visto como um animal, como um ser deformado, como sujeira, como um sujeito periférico, como um inimigo de guerra, dentre outros perfis. Nesse caso, chamamos a atenção para o fato de que as extensões metafóricas ocorrem o tempo todo na linguagem, fornecendo muitas vezes associações “inusitadas”, mas o que enfatizamos é que essas associações conceptuais, cunhadas como metáforas conceptuais estão presentes na língua não de forma provisória, mas de forma enraizada, demonstrando uma maneira estabilizada de acionar o conceito de BANDIDO.

Os momentos mais convergentes, apesar de algumas deles apresentarem ressalvas, entre as definições dos dicionários e a conceituação de BANDIDO nas entrevistas e nas notícias foram com relação a: utilização do termo *criminoso* como perfil para se referir ao BANDIDO; a conceptualização do BANDIDO por meio do domínio CRIME, o bandido comete crime; a conceptualização de bandido por meio do sentimento, o bandido é uma pessoa com sentimentos ruins; com relação à índole, o bandido é um mau-caráter e com relação a sua morfologia histórica,

que reitera o fato de ele ser considerado um sujeito banido. Segundo Houaiss (2009), o significado do morfema *-band* é “pôr em tiras, em bandas, separar”, formando palavras tais como *bandagem*, *bandola* e *bandoleiro*. Conforme já mencionado, o elemento mórfico *band-* na palavra *bando* significa “margem, lado”, ocasionando a formação e registro posterior de outras palavras: “reunir em bando”, *banda* “grupo ou facção”, *contrabandear*, *contrabando*, *debandar* e *bandido*. No jornal *Expresso*, observamos a recuperação do sentido desse elemento mórfico na utilização de “facção”, “bando” e “grupo” para se referirem ao sujeito criminal. No jornal *O Globo* e nas falas não houve ocorrência de *bando*. Os coletivos apresentados pelo dicionário Houaiss para se referirem ao sujeito criminal foram: *alcatéia*, *bandidagem*, *bando*, *caterva*, *corja*, *farândula*, *horda*, *maloca*, *malta*, *quadrilha*, *rédua*, *súcia*. Dentre esse os que de fato foram utilizados no *corpus* foram: *bandidagem* e *quadrilha*.

Quanto à definição de *bandido*, enquanto substantivo masculino, segundo a primeira ocorrência do dicionário Houaiss (2009), o *bandido* é aquele que “pratica atividades criminosas”. Para o Aulete (2011), “é a pessoa que comete crimes”. Ambos os dicionários ativaram o domínio relacionado a CRIME para definir BANDIDO. No entanto, nas falas, o domínio relacionado a CRIME foi ativado de forma direta e evidente apenas quando perguntamos o que é BANDIDO e sobre a diferença entre BANDIDO e CRIMINOSO. Isso ocorre por conta da proximidade morfológica que há entre as palavras crime e criminoso, levando-nos a ressaltar que o comportamento morfológico do termo contribui para a sua conceptualização. Muitos participantes sentiram mais facilidade em conceituar CRIMINOSO e mais dificuldade em definir BANDIDO: “[...] talvez eu lide melhor com a palavra criminoso, que é a pessoa que a partir de algum tipo de ato se coloca na situação de criminoso” (Informante A4).

Quando perguntamos, por exemplo, como anda a criminalidade no Rio de Janeiro, ninguém acionou o conceito de BANDIDO ou de qualquer outro sujeito criminal de forma espontânea, mas o conceito de estrutura social, avaliando negativamente a situação da criminalidade e do país em geral. Portanto, a resposta foi pautada em generalizações disparadas pelo sufixo *-dade* e não apenas por *crime*, afastando os agentes criminais da conceituação dos entrevistados e fazendo com que a resposta fosse respondida dentro de um escopo maior de significação.

Bandido foi muito conceituado por meio das ações de *matar* e *assaltar*, e não necessariamente pela prática de crimes em geral. Roubar e matar são ações que ocupam o centro da categoria CRIME; foram acionados de forma mais frequente, tanto com relação às falas quanto com relação aos jornais. Com relação a roubar e a matar, o sujeito criminal apareceu como o agente, apesar de muitas vezes ser ele quem acaba morto. Isso ficou bastante evidente nas notícias dos jornais, principalmente no Jornal *O Globo*, onde o bandido morto é um desfecho comum nas narrativas ou como chamada: “Sequestro-relâmpago na Zona Norte termina com um bandido morto e outro ferido” (O Globo On line, 11/9/14).

Segundo o Houaiss (2009), o *bandido* é “pessoa com sentimentos ruins”; o Aurélio (2004) afirma que ele é “pessoa sem caráter, de sentimentos ruins” e Aulete (2011) considera o bandido um “mau-caráter”. Conforme observamos nas falas, de fato, os falantes reiteram o conceito dos dicionários de que o termo bandido representa uma pessoa cruel: “É o cara que é cruel, é outra espécie. É como se houvesse os filhos de deus e os filhos do diabo” (Informante A10). Bandido tem maus sentimentos e não possui caráter. Isso fica bastante evidente quando questionamos diretamente aos falantes de ambos os grupos sobre o que é bandido: “Ahh é o que rouba, é o que faz mal, é o que mata... Não é coisa boa não. (Informante B1)”. Já nos jornais não há evidências fortes sobre essas questões relacionadas aos sentimentos.

Segundo o dicionário Houaiss (2009) bandido também pode ser entendido como adjetivo e pode ser utilizado para caracterizar o que é “relativo a bandido, a banditismo”. Segundo o Aurélio (2004), seria aquilo que é próprio de bandido ou que encerra banditismo. Para o Aulete (2011) seria o que se diz da pessoa banida, desterrada. Segundo essas definições o bandido é conceptualizado com um sujeito que possui uma forma específica de atuar em sociedade. E tudo que é caracterizado como essa forma de ser pode ser atribuído a ele. Nesse caso, o que está sendo evidenciado é o “chamar de bandido”, é a qualidade ou a característica que é evidenciada quando se chama alguém de bandido. Observamos nas falas que tanto os falantes do grupo A quanto do grupo B conceptualizam o bandido como possuindo qualidades e características diferentes das “pessoas de bem”, sendo por isso marginalizados ou desterrados: “E os bandidos são todos aqueles que não são militares...e que não são pessoas comuns pessoas de bem” (Informante A9).

Observamos que há, de fato, semelhanças entre o conceito de bandido oferecido pelos dicionários e os oferecidos pelos falantes com relação à ativação do domínio CRIME, com relação à aproximação entre o conceito de bandido e o de criminoso e por último com relação a bandido ser alguém com sentimentos ruins, como um mau-caráter. No caso dos jornais, a aproximação entre as definições dos dicionários se relacionaria muito mais a questão da ativação do domínio relativo a crime, como um sujeito que pratica atividades criminosas. No entanto, o que observamos é que essa seria muito mais a definição de criminoso e não de bandido em si. Portanto, consideramos que haja outras evidências além da conceituação de bandido por meio de crime e de criminoso, ou por meio de seus sentimentos.

Evidenciamos que há muitas outras situações onde bandido ocorre de forma significativa, fornecida tanto pelos jornais quanto pelas falas, mas que não foram abordadas pelos dicionários brasileiros. Talvez dentre os conceitos dos dicionários citados, o que mais refletiria a conceptualização de bandido segundo os falantes e os jornais investigados seja o dicionário português, o Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, da Academia de Ciências de Lisboa. Ele considera que bandido “significa pessoa que anda fugida à perseguição da justiça, vivendo do roubo e da prática de outros atos socialmente condenáveis, geralmente em conjunto com outras pessoas que utilizam as mesmas práticas”. Seria equivalente ao facínora, ao malfeitor, ao salteador. É uma pessoa de maus sentimentos, sem escrúpulos, sem caráter. Além de acionar o enquadre relativo a caráter, aciona o de fuga, de perseguição, de roubo, de condenação e de banimento, e o de outros perfis que pessoas fugidias à justiça, tal como o caso do político, ou seja, enquadres que foram observados em algumas falas e nos jornais. Apesar disso, ainda não consideramos uma conceituação completa sobre a maneira através da qual o bandido é conceptualizado no dia-a-dia. Isso porque segundo nossos dados, observamos outras implicações na conceptualização do sujeito criminal, os quais refletem, às vezes, conceitos extremamente conservadores ou preconceituosos.

O bandido morto, por exemplo, é um enquadre bastante recorrente nas notícias de *O Globo*, assim como os enquadres relacionados à FUGA, PRISÃO e CONFRONTO, caracterizando o bandido como “alguém que está sendo perseguido/procurado”, “alguém que é preso”, “alguém que se confronta com a polícia, com a vítima ou com outro sujeito criminal”. Para os falantes leigos,

apesar de o bandido não aparecer em situações de fuga ou em situações de prisão, mas em situações de confronto, aparece constantemente como uma força descontrolada e que provoca descontrole, que precisa ser parada, nem que seja por meio da morte: “bandido bom é bandido morto”. Se no Código Penal, o sujeito criminal possui duas condições: a de sujeito ativo e a de sujeito passivo, para os jornais ele é geralmente ativo, principalmente para o jornal *O Globo*. Diferente do Código Penal, que considera o sujeito como alguém não identificado, não possuindo ocorrência de termos ou nomenclaturas que o especificam, nos jornais e nas falas leigas o sujeito é sempre identificado e especificado, por meio das nomenclaturas, de fotos e de descrições físicas sobre local de atuação, origem e características físicas. No caso do Jornal O Globo isso se torna muito mais evidente que no jornal Expresso: “Os outros dois bandidos, que também fugiram, são descritos como um homem negro de boné, e um menor. Este último também negro estava com cabelos raspados e bigode ralo” (O Globo on line, 2/9/14).

O ponto de vista de Misse aciona conceitos e enquadres do sujeito criminal de forma diferente de outras perspectivas institucionais, como a dos dicionários e do Código Penal, mas que se aproximam de forma bastante evidente das falas e na representação do bandido para os jornais. Segundo Misse (2010, p.30), "o sujeito criminal seria um sujeito 'especial', aquele cuja morte ou desaparecimento podem ser amplamente desejados." Essa forma de explicar o sujeito criminal é refletida nos jornais por meio dos enquadres onde o bandido aparece morto, principalmente em *O Globo*, provocando uma espécie de satisfação do público que o lê, o mesmo público que reitera a ideia de que bandido tem que morrer: “C: pra mim, bandido é traficante, é assassino, é estuprador, é quem comete crime hediondo seja que tenha oito anos de idade ou cinquenta. Entendeu?.hh ((pausa)) Esses, pra mim, eu vou dizer exatamente o que penso a frase não é minha, bandido bom é bandido morto” ” (Informante A10).

Ainda segundo Misse, há uma afinidade entre determinadas práticas criminais, aquelas que desencadeiam um sentimento de insegurança na vida das pessoas e certos "tipos sociais", agentes demarcados (e acusados) socialmente pela pobreza, também pela cor e pelo estilo de vida. Isso também pode ser evidenciado nas falas e nos jornais. Enquanto nas falas dos falantes do grupo A há a reiteração de certos estereótipos que depois são “desconstruídos”, tal como a do bandido

pobre, negro ou pardo. No jornal *O Globo* este estereótipo é reiterado por meio da identificação do sujeito criminal em geral.

O fato de acontecer em áreas de difícil acesso da polícia a territorialização do mundo do crime, o conceito de bandido acaba mesclando para o falante quem é morador e quem é traficante, fazendo com que o morador da favela, do morro, da comunidade seja acionado como um bandido ou como um bandido em potencial: “Pessoa de favela, logo isso” (Informante B5 sobre o que pensa quando falamos em *bandido*).

Observamos também que a diferenciação entre Zona Norte e Zona Sul no Rio de Janeiro também é bastante nítida. Nas falas dos entrevistados a distinção é feita com detalhes tanto por falantes do grupo A quanto do grupo B, também foi evidente o fato de o jornal *O Globo* priorizar crimes que ocorreram fora da Zona Sul, demonstrando o estigma de certos locais específicos: “... Mas eles só enxergam a violência de um garoto que já sofre a violência antes de ele atravessar o túnel porque ele é negro. Ele não pode atravessar o túnel pra não se misturar com os brancos da zona sul” (Informante A7).

Enquanto as definições de Hobsbawm (2010, p. 26) consideram o bandido como quem resiste ao poder do estado, impondo as suas próprias regras, os falantes consideram o estado como o próprio criminoso: “O Estado, por exemplo, pra mim, eu considero um estado criminoso” (Informante A7).; “Às vezes vem de uma família que também não tem estrutura, aí a pessoa cresce naquela revolta” (Informante A8). O sujeito criminal, diante disso, pode ser considerado como vítima ou como um dos resultados de uma estrutura social mal sucedida ou cognitivamente falando como uma entidade que compõe o domínio CRIMINALIDADE, mas que não foi ativado de maneira saliente nas respostas, sendo acionado em segundo plano e não em primeiro.

Acreditamos ter demonstrado que as operações cognitivas propostas por Langacker se constituem em ferramentas capazes de explicar como ocorre a conceptualização de bandido e do sujeito criminal em geral em situações de língua em uso, fornecendo evidências linguísticas e cognitivas de como o sujeito criminal é conceptualizado. Essas evidências nem sempre refletem a visão que o dicionário traz sobre o bandido, mas podem refletir de forma mais direta outra visão institucional: a do especialista, exatamente porque ambas são perspectivas científicas e sistematizadas sobre o mesmo objeto de estudo: o bandido.

Avaliando esta proposta cognitivista de análise do uso linguístico do termo bandido por meio dos processos de conceptualização, uma dificuldade que encontramos na sistematização da análise dos dados é que os exemplos de Langacker para as operações, ora são aplicados ao item lexical, ora são aplicados à sentença inteira, ora são aplicadas à prosódia, mas não são aplicadas ao texto enquanto uma unidade cognitiva. Isso também dificulta o entendimento sobre o que significa a entrevista e a notícia enquanto unidades cognitivas também passíveis de interpretação e se isso teria impacto sobre o conceito de bandido neste caso, assim como as operações cognitivas podem ser evidenciadas na modalidade escrita e na modalidade falada.

Consideramos que algumas operações cognitivas parecem ficar mais evidentes em uma modalidade ao invés de em outra. Por exemplo, no caso de extensões metafóricas, observamos inúmeros eventos em que ocorrem metáforas nas entrevistas, enquanto nos jornais não houve dados suficientes para compor sequer uma análise. Com relação à diferenciação entre bandido e criminoso, no caso em que propomos a diferenciação entre os sujeitos criminais por meio das pistas linguísticas obtidas nas entrevistas e nos jornais, também há muito mais evidências sobre possíveis diferenciações nas falas que na modalidade escrita. Na modalidade escrita o uso parece ser muito mais intercambiável que para os falantes, apesar de demonstrarem dificuldade em teorizar sobre a diferença que haveria entre os conceitos de bandido e de criminoso.

Portanto, a dificuldade em aplicar as operações cognitivas em um *corpus* heterogêneo se configura não apenas na descrição em si das operações cognitivas por meio de pistas, mas na escolha sobre quais elementos linguísticos evidenciam de forma clara a ativação dos processos cognitivos explicitados. A relação entre as operações cognitivas em *corpora* diferentes, compostos com fala, com escrita e com outras modalidades de comunicação são temas a serem desenvolvidos em trabalhos posteriores.

Com relação a se a condição socioeconômica do falante influencia a conceptualização de bandido, o que observamos foi que a sensação de insegurança do grupo A é maior que a do grupo B, apesar de haver mais casos onde os informantes foram vítimas da criminalidade no grupo B. Também observamos que a diferença na conceptualização do sujeito criminal ocorrem de forma sutil com relação a algumas escolhas lexicais, tais como *assaltar* ser mais usado pelo

grupo A e *roubar* ser mais usado pelo grupo B e no grau de profundidade das respostas, o grupo A desenvolve mais as respostas que o grupo B, do que no ativamento dos conceitos em si.

Por último, mesmo que bandido e criminoso sejam tidos como semelhantes em muitos momentos das entrevistas e nos textos dos jornais, os termos apresentam diferenças com relação à ativação do domínio CRIME, a premeditação do crime; BANDIDO também possui uma maior probabilidade de ser conceptualizado como uma vítima do sistema, ou como um agente criminal pobre, excluído ou mal sucedido em suas práticas que CRIMINOSO. Consideramos que CRIMINOSO seja mais específico que bandido, sendo considerado um de seus perfis mais recorrentes, servindo de acesso também a CRIME: “Criminoso é que fez o crime e bandido é um criminoso também, né?” (Informante A1).

Em última análise, evidenciamos que a proposta teórica da Gramática Cognitiva aliada a uma metodologia que contempla a língua em uso fornece evidências que reiteram em certa medida o conceito de bandido encontrado nos dicionários, mas que o superam. Ao invés de entendermos o significado de bandido de uma forma essencialista, onde os significados são listados, consideramos BANDIDO e os demais sujeitos criminais como conceitos apreendidos de acordo com as experiências dos falantes, como conceitos dinâmicos, complexos, altamente circunstanciados socialmente, e longe de possuírem uma essência fixa.

5

Referências bibliográficas

- ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de estado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.
- ANTOLISEI, F. **Manuale di diritto penale**. Milão: Giuffré, 1994.
- ARONOFF, M. **Morphology by itself: Stems and inflectional classes**. Cambridge, MA: MIT Press, 1993.
- ATKINSON, J. M.; HERITAGE, J. Transcript notation. IN: ____ **Structures of social action. Studies in conversation analysis**. Cambridge, Cambridge University Press, 1984.
- AULETE, C. **Novíssimo dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.
- BARCELONA, A. **Metaphor and metonymy at the crossroads: a cognitive perspectiva**. New York: Mouton de Gruyter, 2003.
- BAUER, M. W.; GASLKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
- BECKER, H. S. **Outsiders: studies in the Sociology of Deviance**. New York: The Free Press of Glencoe, 1963.
- BUENO, E. **Náufragos, traficantes e degredados: as Primeiras Expedições ao Brasil, 1500-1531**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.
- BUTLER, J. **The psychic life of power: theories in subjection**. Stanford: Stanford University Press, 1997.
- _____. **Giving an account of oneself**. New York: Fordham University Press, 2005.
- CIENKI, A. Frames, idealized cognitive models and domains. In.: GEERAERTS, D; CUYCKENT. **The oxford's handbook of cognitive linguistics**. New York: Oxford University Press, 2007.
- _____; CRUSE, D. Alan. **Cognitive linguistics**. New York: Cambridge University Press, 2004.
- CROFT, W. Construction Grammar. In.: GEERAERTS, D; CUYCKENT. **The oxford's handbook of cognitive linguistics**. New York: Oxford University Press, 2007.
- CUYCKENS, H.; DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; **Subjectification, intersubjectification and grammaticalization**. New York: De Gruyter Mouton, 2010.
- DAS, V. "Subaltern as perspective". In: GUHA, R. (org.). **Subaltern studies VI**. New Delhi: Oxford University Press, 1989.
- _____. **Life and words: violence and the descent into the ordinary**. Los Angeles: University of California Press, 2005
- _____.et al. (orgs.). **Violence and subjectivity**. Los Angeles: University of California Press, 1997.
- DIÓGENES, G.M. **Cartografias da cultura e da violência, gangues, galeras e o movimento hip hop**. São Paulo, AnnaBlume Ed./Governo do Estado do Ceará, 1998.
- EVANS, V.; GREEN, Melanie. **Cognitive linguistics: an introduction**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

FAUCONNIER, G. Mental Spaces. In.: GEERAERTS, D; CUYCKENT. **The oxford's handbook of cognitive linguistics**. New York: Oxford University Press, 2007.

_____.; TURNER, M. **The way we think**: conceptual blending and the mind's hidden complexities. New York: Basic Books, 2002.

FERRARI, L. A linguística cognitiva e o realismo corporificado. **Veredas**, Juiz de Fora, v.5, n.2, 2001, p. 23-29.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio século XXI** [CD-ROM]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

FILLMORE, C. J. **An alternative to checklist theories of meaning**. Berkeley Linguistics Society 1:123-31. 1975.

_____. The case for case reopened. In.: COLE, P.; SADOCK, J. M. eds., **Syntax and semantics**. Vol. 8, Grammatical relations 59-81. New York: Academic Press. 1977.

_____. Frames and the semantics of understanding. In.: **Quaderni di semantica**. Vol. VI, nº 2, Dezembro de 1985.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Atmed, 2009.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Rio de Janeiro: Vozes, 1977.

_____. **História da sexualidade II**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GOFFMAN, E. Stigma: notes on the management of spoiled identity. Englewood Cliffs (New Jersey): Prentice-Hall, 1962.

GOLDBERG, A. **Constructions**: a construction Grammar approach to argument structure. The University of Chicago Press, London, 1995.

GONZALEZ-MARQUEZ et alii. **Methods in cognitive linguistics**. Amsterdã: John Benjamins Publishing, 2006.

HOBBSBAWM, E. **Bandidos**. São Paulo: Paz e terra, 2010.

HOPPER, P. J; THOMPSON, S. A. Transitivity in Grammar and Discourse. **Language**, v. 56, n.2, 1980, p.251–299.

HOUAISS, A. Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa [CD-ROM]. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JESUS, D. E. de. Diagnóstico de legislação criminal brasileira: crítica e sugestões. Revista Brasileira de Ciências Criminais, São Paulo: **Revista dos tribunais**, nº 12, p. 115, 1995.

KITSUSE, J. “Societal reaction to deviant behavior: problems of theory and methods”. Social problems, vol. 9, **Winter**, 1962.

LAKOFF, G. **Women, fire, and dangerous things**: What categories reveal about the mind. Chicago: University of Chicago Press. 1987.

_____.; JOHNSON, M. **Metáforas de la vida cotidiana**. Madrid: Ediciones Catedra, 1986.

LEMERT, E. M. **Social pathology**. New York: McGraw-Hill, 1951.

_____. **Human deviance, social problems and social control**. Englewood Cliffs (New Jersey): Prentice-Hall, 1967.

LANGACKER, R. W. **Foundations of cognitive grammar**. Vol. 1, Theoretical prerequisites. Stanford, CA: Stanford University Press. 1987.

- _____. **Concept, image, and symbol: the cognitive basis of grammar.** Berlin: Mouton de Gruyter. 1990.
- _____. **Foundations of cognitive grammar.** Vol. 2, Descriptive application. Stanford, CA: Stanford University Press. 1991.
- _____. **Cognitive Grammar.** In.: GEERAERTS, D; CUYCKENT. The oxford's handbook of cognitive linguistics. New York: Oxford University Press, 2007.
- _____. **Essentials of cognitive grammar.** New York: Oxford University Press. 2008.
- _____. **Investigations in cognitive grammar.** Berlin: Mouton de Gruyter, 2012.
- LEVELT, W. J. M. **Speaking: From intention to articulation.** Cambridge, MA: MIT Press.
- MACEDO, A. C. P.; FELTES, H. P. M.; FARIAS, E. M. (orgs.). **Cognição e linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos.** Caxias do Sul: Educ; Porto Alegre: Edipucrs, 2008.
- MACHADO DA SILVA, L.A. Violência e sociabilidade: tendências da atual conjuntura urbana no Brasil. In: QUEIROZ RIBEIRO, L.C. e SANTOS Jr, O.A. (orgs.) **Globalização, fragmentação e reforma urbana.** Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1994.
- _____. “Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano”. In: RIBEIRO, L. C. (org.). **Metrópoles: entre a cooperação e o conflito.** São Paulo: Perseu Abramo, 2004.
- MARTINS, H. “Três caminhos na filosofia da linguagem”. In: **Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos.** Volume 3. São Paulo: Cortez: 2009.
- MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. 2011. **Mapa da violência.** Brasília: Ministério da Justiça. Disponível em: <<http://www.sangari.com/mapadaviolencia/>>. Acesso em: 14 set 2014.
- MISSE, M. “Cinco teses equivocadas sobre a criminalidade urbana no Brasil: uma abordagem crítica, acompanhada de sugestões para uma agenda de pesquisas”. **Série Estudos**, n.91. Rio de Janeiro, 1995a.
- _____. “Crime e pobreza: velhos enfoques, novos problemas”. In: VILLAS BOAS, G. e GONÇALVES, M.A. (orgs.). **O Brasil na virada do século.** Rio de Janeiro, Ed. Relume Dumará, 1995b.
- _____. **Malandros, marginais e vagabundos e a acumulação social da Violência no Rio de Janeiro.** 413f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto Universitário de Pesquisas do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.
- _____. **Crime e violência no Brasil contemporâneo.** Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2006.
- _____. Crime, sujeito e sujeição criminal: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria “bandido”. **Revista lua nova.** São Paulo, 79: 15-38, 2010.
- MUNIZ, J.; LARVIE, S.P.; MUSUMECI, L. e FREIRE, B. Resistências e dificuldades de um programa de policiamento comunitário. **Tempo social.** São Paulo, v.9, n.1, maio 1997.
- NERLICH, B.; CLARKE, D. Cognitive linguistics and the history of linguistics. In.: GEERAERTS, D; CUYCKENT. **The oxford's handbook of cognitive linguistics.** New York: Oxford University Press, 2007.
- OAKLEY, Todd. Image schemas. In.: GEERAERTS, D; CUYCKENT. The oxford's handbook of cognitive linguistics. New York: Oxford University Press, 2007.
- RAMALHO, J. R. **Mundo do crime: a ordem pelo avesso.** Rio de Janeiro:

Graal, 1983.

ROSCH, E. Human categorization. **Studies in cross-cultural psychology** 1: 1-49. London: Academic Press. 1977.

SCHMIDT, H. J. **Entrenchment, salience and basic levels**. In.: GEERAERTS, D; CUYCKENT. **The oxford's handbook of cognitive linguistics**. New York: Oxford University Press, 2007.

TALMY, L. Figure and ground in complex sentences. In Joseph Greenberg, ed., *Universals of human language*, vol. 4, **Syntax** 625-49. Stanford, CA: Stanford University Press. 1987.

_____. The relation of grammar to cognition. In Brygida Rudzka-Ostyn, ed., **Topics in cognitive linguistics** 165-205. Amsterdam: John Benjamins. 1988.

_____. **Toward a cognitive semantics**. Vol. 1 Concept structuring systems. Cambridge, MA: MIT Press. 2000.

_____. **Toward a cognitive semantics**. Vol. 2, Typology and process in concept structuring. Cambridge, MA: MIT Press. 2000.

_____. Attention Phenomena. In.: GEERAERTS, D; CUYCKENT. **The oxford's handbook of cognitive linguistics**. New York: Oxford University Press, 2007.

TANNENBAUM, F. **Crime and the community**. Boston: Ginn, 1938.

TEIXEIRA, C. P. **A construção social do "ex-bandido"**: um estudo sobre sujeição criminal e pentecostalismo. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

TROUGOTT, E. C. On the rise of epistemic meanings in English: An example of subjectification in semantic change. **Language** 65: 31-55. 1989.

_____. Subjectification in grammaticalization. In.: Dieter Stein and Susan Wright, eds., **Subjectivity and subjectivisation: Linguistic perspectives** 31-54. Cambridge: Cambridge University Press. 1995.

_____. and Richard B. D. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press. 2002.

TUGGY, D. Schematicity. In.: GEERAERTS, D; CUYCKENT. **The oxford's handbook of cognitive linguistics**. New York: Oxford University Press, 2007.

TURNER, M. Conceptual integration. In.: GEERAERTS, D; CUYCKENT. **The oxford's handbook of cognitive linguistics**. New York: Oxford University Press, 2007.

UNGERER, F.; SCHMID, H. J. **An introduction to cognitive linguistics**. London: Longman. 1996.

VERHAGEN, A. Construal and perspectivation. In.: GEERAERTS, D; CUYCKENT. **The oxford's handbook of cognitive linguistics**. New York: Oxford University Press, 2007.

ZALUAR, Alva. **Um debate disperso: violência e crime no Brasil da redemocratização**. São Paulo em Perspectiva. V. 13, 1999.